

ANA PAULA NERY ROSADO

**REDES SOCIAIS E ADMINISTRAÇÃO DOS DOMÍNIOS DA VIDA: UM
ESTUDO DE CASO COM DETENTORAS DA GUARDA DOS FILHOS**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2011

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

R788r
2011

Rosado, Ana Paula Nery, 1984-
Redes sociais e administração dos domínios da vida: um
estudo de caso com detentoras da guarda dos filhos / Ana
Paula Nery Rosado. – Viçosa, MG, 2011.
xii, 143f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Karla Maria Damiano Teixeira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 112-120

1. Famílias monoparentais. 2. Mães divorciadas - Redes de
relações sociais. 3. Guarda de menores. 4. Filhos de famílias
monoparentais. 5. Crianças - Educação. I. Universidade
Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 306.856

ANA PAULA NERY ROSADO

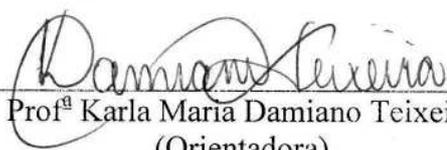
REDES SOCIAIS E ADMINISTRAÇÃO DOS DOMÍNIOS DA VIDA: UM ESTUDO DE CASO COM DETENTORAS DA GUARDA DOS FILHOS

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 18 de agosto de 2011.


Prof.^a Neuzilda Maria da Silva


Prof. Jader Fernandes Cirino


Prof.^a Karla Maria Damiano Teixeira
(Orientadora)

Aos meus avós, Amélia e Arlindo (*in memoriam*), Anita e Vicente, pelos valores transmitidos à nossa família e por sempre estarem presentes na minha educação, mesmo quando ausentes fisicamente.

Aos meus ídolos, meus pais Marlene e Paulo, pelo amor incondicional e pelo exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos concedidas durante toda a minha vida, por iluminar o meu caminho, por estar sempre ao meu lado e por me dar forças para lutar pelos meus sonhos.

Aos autores da minha vida, meus pais Marlene e Paulo, pelo amor, pelo carinho, pela dedicação, pela torcida, pelos ensinamentos, por sempre acreditarem em mim, pela participação em todas as minhas escolhas e oportunidades e por não medirem esforços para que os meus sonhos fossem realizados.

Aos meus avós Anita, Vicente, Amélia e Arlindo, pelo exemplo de luta e dignidade e pelo amor e zelo. Vocês são muito especiais!

Ao meu irmão Matheus, pelo amor, por estar sempre ao meu lado e por torcer por mim. Você é muito importante para mim!

Ao meu amor, Marcos Aurélio, pelo companheirismo, pela cumplicidade, pelo carinho, pelo cuidado, por aceitar e compartilhar minhas escolhas e por compreender a minha ausência. Obrigada também pelas especiais contribuições a este trabalho.

À minha orientadora, Professora Karla Maria Damiano Teixeira, por, de maneira muito especial, ter-me oportunizado dar os primeiros passos na pesquisa e na extensão durante a graduação e me incentivado a ingressar no mestrado. Obrigada pela orientação, pelo incentivo, pela confiança e pela compreensão nos momentos difíceis.

À Professora Maria das Dores Saraiva de Loreto, pela coorientação, pelo carinho, pela disponibilidade, dedicação ao meu trabalho e por compartilhar comigo a sua sabedoria.

À Professora Vivianne Delfino Albuquerque Andrade, pela coorientação, pelas observações e por toda a sua disponibilidade.

Aos Professores Jader Fernandes Cirino e Neuza Maria da Silva, pelas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

À Ingrid, pelo carinho e pela disponibilidade em debater o meu seminário.

À minha mãe Marlene e à minha sogra Nilza, por terem se revezado para os meus cuidados durante dois meses e durante esse difícil período, por terem abdicado de suas vidas para se dedicarem a mim. O carinho e zelo com que me trataram possibilitaram a conclusão deste trabalho.

Aos meus tios José Antônio e Altair, por terem me ensinado que o que importa não é o quanto dura a vida, mas sim o que você faz pelos que você ama em vida e que, com certeza, fica eternizado na memória e no coração.

Aos meus padrinhos e tios Aloísio e Ana, pela torcida, pelo exemplo, pelo amor e pela presença e dedicação.

Aos meus familiares, pelo carinho e preocupação.

Às minhas colegas de Curso Sara, Carol, Vívian, Cássia, Noêmia, Juliana, Cibelle, Alice, Cida e Fabiana, pelas trocas e por terem tornado o dia a dia do mestrado mais agradável.

À minha grande e inseparável amiga de mestrado e de vida, Sara, pela dedicação, orientação, cumplicidade, paciência e por ter sido tão presente nessa trajetória.

À Ivani, pelas cuidadosas leituras e sugestões, pela amizade, pelo carinho, pela preocupação e por ser tão presente em minha vida.

À Assaida e à Lucíola, pelas trocas, pelas contribuições e pelas horas dedicadas ao “nosso” trabalho. Agradeço também à Eliane o apoio na coleta de dados.

Às estimadas e amadas amigas Carol, Jacque, Rita, Lucíola, Mariana, Andreza, Luciana e Aline, pela amizade, pela companhia, pelas conversas e pela cumplicidade. Um agradecimento especial à Jacque e à Ritinha, que foram meu esteio durante a graduação e me ajudaram a crescer acadêmica e pessoalmente.

Aos meus amigos de todas as horas e de longa data, Estéfani, Danielle, Adson, Cinthya e Priscila, minha gratidão pela doce presença em minha vida, pelo companheirismo, pelo carinho e pela preocupação.

Aos meus queridos amigos com os quais formei uma segunda família no Paraná e no Distrito Federal: Elisângela e família, João Zaia, Ingo, Eurico, Cleusa, Ana Cláudia, Ivonete, Gilson, Maria, Mateus, Mário e João. Obrigada pela torcida, pela força, pelo amor e pela dedicação. Amo vocês!

À amiga Marina por ter me amparado e segurado a minha mão, me dando conforto e segurança em um momento difícil da minha vida.

Aos meus amigos da EMATER-DF dos escritórios locais do Jardim e de São Sebastião, pelo aprendizado, pelos cuidados e por serem tão presentes e especiais na minha vida.

Às minhas amigas e companheiras do Conselho Federal de Economia Doméstica, pela união, pelo crescimento e por compreenderem a minha ausência durante a fase de conclusão deste trabalho.

Aos Juízes de Direito Dr. José Carlos Marques e Dr. Omar Gilson de Moura Luz e aos funcionários do Fórum, pela boa vontade em ajudar e facilitar a coleta de dados desta pesquisa.

Às mulheres e suas famílias, por terem aceitado participar desta pesquisa, permitindo-me estudar um momento de suas vidas. Obrigada pelo carinho e pela receptividade.

À Universidade Federal de Viçosa, pela acolhida na graduação e pós-graduação e por ter-me proporcionado grandes ensinamentos profissionais e pessoais.

Aos servidores do Departamento de Economia Doméstica Aloísia, Efigênia, Maria Helena, Roberto, Francisco, João e Jamagde, pela gentileza e prestatividade.

À CAPES, pelo auxílio financeiro concedido para a realização desta pesquisa.

À EMATER-DF, por ter-me permitido concluir este trabalho.

A todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta pesquisa.

BIOGRAFIA

ANA PAULA NERY ROSADO, filha de Vicente de Paulo Silva Rosado e Marlene Nery Duarte Rosado, nasceu em Colatina, Espírito Santo, em 20 de janeiro de 1984.

Em março de 2003, ingressou no curso de graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Viçosa, MG.

Durante a graduação, atuou em projetos de pesquisa e extensão, sendo bolsista de extensão entre março de 2005 e dezembro de 2006. Estagiou no Centro de Tecnologia em Lavanderia da Whirlpool S.A. – Unidade de Eletrodomésticos, de fevereiro a maio de 2007.

Em maio de 2007, graduou-se Bacharel em Economia Doméstica.

Entre setembro e dezembro de 2007, atuou como educadora e coordenadora pedagógica do Centro de Formação Profissional Microlins, em Ponte Nova, MG.

De dezembro de 2007 a março de 2009, foi Servidora Pública do Estado do Paraná, atuando como Extensionista Rural na EMATER-PR.

Em março de 2009, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, em nível de Mestrado, atuando na linha de pesquisa “Família, Bem-Estar Social e Qualidade de Vida”.

Em março de 2010, foi convocada pela EMATER-DF para assumir o cargo de Extensionista Rural, mediante aprovação em concurso público.

Em agosto de 2011, submeteu-se à defesa da Dissertação, obtendo o título de *Magister Scientiae* em Economia Doméstica.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	xi
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Contextualização do Problema e Justificativa.....	3
1.2. Objetivos	7
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	8
2.1. Família e Novas Configurações Familiares	8
2.2. Os Papéis do Homem e da Mulher nos Diferentes Domínios da Vida..	10
2.3. O Conceito de Redes Sociais	15
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1. Natureza do Estudo	22
3.2. Área de Estudo	23
3.3. População e Amostra.....	23
3.4. Técnica de Coleta de Dados.....	26
3.5. Análise dos dados.....	27
3.6. Categorias de Análise.....	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1. Perfil Socioeconômico e Demográfico dos Entrevistados e da Unidade Doméstica.....	30

	Página
4.1.1. Perfil Socioeconômico e Demográfico dos Entrevistados	30
4.1.2. Perfil Socioeconômico e Demográfico da Unidade Doméstica.....	36
4.2. Caracterização das Redes Sociais	39
4.2.1. Domínio: Trabalho Remunerado	39
4.2.2. Domínio: Renda Familiar.....	46
4.2.3. Domínio: Educação Pessoal.....	50
4.2.4. Domínio: Trabalho Doméstico.....	54
4.2.5. Domínio: Educação dos Filhos	58
4.2.6. Domínio: Cuidado com os Filhos	63
4.2.7. Domínio: Saúde.....	68
4.2.8. Domínio: Lazer	72
4.2.9. Domínio: Vida Espiritual	78
4.2.10. Mapeamento das Redes Sociais segundo os Domínios da Vida....	81
4.2.11. Redes Sociais: quais as trocas possíveis?	83
4.3. Administração dos Diferentes Domínios da Vida.....	86
4.3.1. Domínio: Trabalho Remunerado.....	86
4.3.2. Domínio: Renda Familiar.....	90
4.3.3. Domínio: Educação Pessoal	92
4.3.4. Domínio: Trabalho Doméstico.....	94
4.3.5. Domínio: Educação dos Filhos	95
4.3.6. Domínio: Cuidado com os Filhos	98
4.3.7. Domínio: Saúde.....	99
4.3.8. Domínio: Lazer	101
4.3.9. Domínio: Vida Espiritual	102
4.3.10. Alterações na Família.....	104
4.3.11. Administração dos domínios da vida: tecendo algumas considerações	105
5. CONCLUSÕES.....	107
6. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES	110
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICES	121

RESUMO

ROSADO, Ana Paula Nery, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2011.
Redes sociais e administração dos domínios da vida: um estudo de caso com detentoras da guarda dos filhos. Orientadora: Karla Maria Damiano Teixeira.
Coorientadoras: Maria das Dores Saraiva de Loreto e Vivianne Delfino Albuquerque Andrade.

Focalizar a família como objeto de análise implica reconhecer que ela não é um sistema fechado, mas sim uma unidade com relações intra e interfamiliares, que são importantes para sua manutenção e continuidade. Dessa maneira, é de fundamental importância enfatizar as redes sociais de apoio à família, principalmente quando se enfoca a família monoparental, que não tem mais um dos cônjuges para a divisão das tarefas domésticas, para os cuidados e responsabilidades com os filhos e, muitas vezes, conta com recursos financeiros limitados para o sustento familiar e reorganização do seu cotidiano. Diante desse contexto, o problema da pesquisa consistiu em estudar o impacto da separação ou divórcio na administração dos diferentes domínios da vida, bem como analisar as redes sociais dos detentores da guarda dos filhos residentes em Viçosa/MG em face da nova realidade do grupo familiar. Os domínios da vida analisados foram: trabalho remunerado, renda familiar, educação pessoal, trabalho doméstico, educação dos filhos, cuidado com os filhos, saúde, lazer e vida espiritual. Nesse sentido, objetivou-se investigar as alterações na administração dos domínios da vida pelos detentores da guarda dos filhos em face da

dissolução da sociedade conjugal, assim como o processo de construção e, ou, consolidação das redes sociais. O estudo, de natureza exploratório-descritiva, teve como população homens e mulheres residentes no município de Viçosa/Minas Gerais, detentores da guarda unilateral dos filhos, que passaram pelo processo de separação ou divórcio, iniciado no período de 2006 a 2008 e finalizado no ano de 2008. A amostra foi intencional, visto que sua seleção foi baseada na natureza das metas de pesquisa, foi obtida aleatoriamente por meio do contato direto com os sujeitos e contou 18 detentoras da guarda dos filhos. Para os dados quantitativos obtidos por meio da entrevista, foi utilizada a análise univariada e, no que se refere ao tratamento qualitativo das informações, foi feita a análise de conteúdo. A separação ou divórcio foi um fator motivador da construção ou consolidação da maioria das redes sociais. O enfraquecimento das redes se deu, principalmente, para o domínio renda familiar. As redes foram constituídas, em sua maioria, por membros da família, como o ex-cônjuge, filhos, pais, irmãos, avós, primos, tias, sogra, entre outros, tendo expressiva representatividade da mãe e do ex-cônjuge. As redes formais possuem papel relevante quando as redes informais não estão disponíveis e, ou, quando a renda familiar o permite. O apoio recebido pelas redes sociais foi caracterizado pelo cuidado e educação dos filhos, apoio na execução das tarefas domésticas, provisão de recursos, companhia e diálogo, além de conselhos. Na administração dos diferentes domínios da vida da nova família, destacaram-se a reestruturação do tempo, o estabelecimento de novas demandas e prioridades e o amadurecimento do indivíduo, além do papel imprescindível das redes sociais em cada uma das esferas da vida. Dessa maneira, toda e qualquer mudança na estrutura da família produz um remanejamento de funções, modificação nos papéis desempenhados e adaptação ao novo cotidiano familiar e, com isso, novos modos de se relacionar e de administrar a vida.

ABSTRACT

ROSADO, Ana Paula Nery, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2011.
Social nets and management of life domains: a case study with children custody holders. Adviser: Karla Maria Damiano Teixeira. Co-Advisers: Maria das Dores Saraiva de Loreto and Vivianne Delfino Albuquerque Andrade.

To focus a family as an analysis object implies in recognizing it not as a closed system, but a unit with intra and interfamily relationships which are important for its maintenance and continuity. Thus, it is of fundamental importance to emphasize the social nets of family support mainly when it is focused at a single parent family, which do not longer have one of the spouse to share household chores, to take care and have responsibilities with the children and many times to count on limited financial resources for the family support and reorganization of its routine. By this context, the problem of this work was to study the impact of separation or divorce on administration of many life domains as well as to analyze social nets of child custody holder living in Viçosa-MG by the new reality of the family group. The analyzed life domains were: remunerated job, family income, personal education, household chores, education of the children, children care, leisure and spiritual life. Thus, the objective of this work was to investigate changes in the management of life domains by children custody holders by dissolution of married society, as well as the process of construction or consolidation of the social nets. This study, which had an exploratory-descriptive nature, had as its population men and women living in

Viçosa-MG, holders of children unilateral custody who had been through divorce or separation, started in the period from 2006 to 2008 and finished in 2008. The sample was intentional inasmuch as the selection was based on the objective of the study, which was obtained at random through direct contact with the subjects and counted 18 children's custody holders. For quantitative data obtained through interview, univariate analysis was used and concerning to qualitative treatment of information, content analysis was held. Separation or divorce was the motivating factor of construction or consolidation of most social nets. Weakness of the nets was due mainly to family income domain. Most nets were constituted of member of the family, as for example former spouse, children, parents, siblings, grandmothers, cousins, aunts, mothers-in-law, amongst others, with an expressive representativity of the mother and the former spouse. The formal nets have a relevant role when informal nets are not available or when the family income allows it. Support given by social nets was characterized by the care and education of the children, support on performance of household chores, provision of resources, companionship and dialogues, in addition to advice. Concerned to the management of the different life domains of the new family, it stood out time restructuration, setting up new demands and priorities and maturing of the individual, in addition to the necessary role of the social nets in each life sphere. Thus, all and any change in the family structure produces a new re-management of the functions, modification in the roles performed and adaptation of a new family routine consequently, new manners of relating to and administrating life.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão tem como proposta realizar um estudo das redes formadas por detentores da guarda unilateral¹ dos filhos após a dissolução conjugal, bem como da sua importância para a administração dos papéis desempenhados nas diferentes esferas da vida.

O interesse pelo desenvolvimento deste trabalho surgiu da participação em dois projetos de pesquisa² desenvolvidos durante a graduação no curso de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa. Esses projetos contaram com a colaboração da pesquisadora na coleta de dados e então surgiu o interesse em trabalhar com a temática administração, família e trabalho. Outrossim, a partir do trabalho desenvolvido em comunidades com famílias de baixo poder aquisitivo³ enquanto bolsista de extensão universitária, constatou-se a importância das redes sociais para a manutenção das famílias. Daí a proposta e o desafio de agregar os temas família, administração dos domínios da vida e redes sociais em um só estudo.

Desde o século XX, a sociedade tem sido marcada por inúmeras mudanças econômicas, sociais, demográficas e culturais e, uma vez que a família é vista como

¹ A guarda unilateral, nos termos do art. 1.583 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil é aquela “atribuída a um só dos genitores ou a alguém que o substitua”.

² Os referidos projetos, coordenados pela professora Karla Maria Damiano Teixeira, são intitulados por: (1) Administrando família e trabalho: a construção de um modelo explicativo, e (2) A administração feminina das interfaces entre a família e o trabalho remunerado: análises a partir da composição familiar e da disponibilidade de programas de responsabilidade social corporativa.

³ Trata-se do Programa CooperAção Social: políticas de combate à pobreza e geração de trabalho e renda como meios de inclusão social que envolveu diversos projetos de pesquisa e extensão.

uma instituição básica da sociedade, essas transformações repercutem diretamente na estrutura, composição e funcionamento familiar.

Essas mudanças, conforme Saraiva (2000), podem ser explicadas, em parte, pela inserção feminina no mercado de trabalho e pela globalização, que trouxeram expressiva queda nos níveis de fecundidade, aumento das separações e divórcios, aumento do número de famílias sem a presença do cônjuge – quer seja masculino ou feminino – e incremento de domicílios unipessoais.

Novas e variadas concepções e valores acerca da vida em comum emergiram, no Brasil, a partir do final dos anos 1960 e início de 1970. O avanço na ruptura dos vínculos conjugais, a incidência das uniões do tipo consensual ou informal, o crescimento no número de famílias chefiadas por mulheres, e a crescente autonomia do sexo feminino, decorrente da conquista de novos papéis na sociedade, de sua crescente profissionalização e do aumento das oportunidades de emprego são algumas das mudanças que podem ser citadas. Essas são questões-chave que precisam ser analisadas para se facilitar a transição para uma etapa mais satisfatória do ponto de vista das relações de gênero, a fim de que as mudanças não se traduzam em reais desequilíbrios familiares (OLIVEIRA, 1994).

Nesse sentido, Nascimento (2006) destaca diversas transformações que podem ser constatadas na realidade das famílias contemporâneas, entre elas os padrões de relacionamento entre os membros familiares; o papel da mulher na família e no trabalho, as condições de reprodução da população; a diminuição da fecundidade e da mortalidade; e o aumento da longevidade.

Especificamente, Oliveira (2004) ressalta que, no conjunto de mudanças pelas quais perpassa a família, estão as alterações em sua estrutura, que provocam mudanças no sistema de relações, na definição dos papéis feminino e masculino e na sua forma de reprodução social (GASPARONI, 2007). As relações conjugais na segunda década do século XXI não se firmam somente pelo casamento e, com o divórcio, surgem novas formas de organizações familiares em que os papéis sociais destinados ao homem e à mulher não estão delineados como em décadas anteriores.

As transformações na família que estão relacionadas aos papéis que a mulher e o homem vêm assumindo na sociedade diante dos novos arranjos familiares merecem atenção, uma vez que podem vir a alterar as relações familiares, as relações no mercado de trabalho e a vida como um todo. Enfim, há uma modificação no

funcionamento da família, relacionado não somente com a composição familiar, mas também com os fatores comportamentais e interacionais (BRAY, 1995).

Pressupõe-se que, de modo a fazer frente às demandas que se colocam para os novos arranjos familiares, em virtude da separação⁴ ou divórcio⁵, o chefe da família tende a acionar as redes sociais para o apoio no cuidado e educação dos filhos, na reorganização do tempo, nas tarefas domésticas e laborais e, ainda, como suporte emocional. Isso porque as redes podem constituir-se um dispositivo de apoio ao alcance do equilíbrio e da satisfação nos diferentes domínios da vida, uma vez que, segundo Martinho (2003), as redes sociais possibilitam a formação de parcerias, amizades, novos valores e formas de convivência, apoios, criação de conhecimentos, aprendizados, diálogos, dentre outros.

1.1. Contextualização do Problema e Justificativa

A família, concebida como organismo mutável, modifica-se e é modificada pela sociedade com a adoção de determinadas regras comunicativas e conceituais (ROMANELLI, 1988; CEBOTAREV, 1994). A família nuclear heterossexual, tendo em média 2,3 filhos, não mais caracteriza a família brasileira. O arquétipo da família tradicional de classe média, que consagrava a divisão de papéis, em que comumente ao homem competia o sustento familiar e, à mulher, os afazeres domésticos, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos, passa, também, a não ser mais comum a partir de meados do século XX, como era no anterior e no início do século XX (FLECK; WAGNER, 2003).

⁴ Nos termos do art. 1.572 do Código Civil de 2002 “Qualquer dos cônjuges poderá propor a ação de separação judicial, imputando ao outro qualquer ato que importe grave violação dos deveres do casamento e torne insuportável a vida em comum”. Diferenciando a separação judicial consensual da separação judicial litigiosa, Digiovanni (2003) pontua que, no primeiro caso, não há uma causa pré-determinada para a separação. Já no que tange à separação litigiosa, é considerada como fundamental toda a conduta desonrosa ou qualquer ato que represente a grave violação dos deveres matrimoniais; se houver ruptura da vida em comum há mais de um ano consecutivo e, ainda, se o cônjuge estiver acometido de doença mental.

⁵ De acordo com o art. 1.580 do Código Civil de 2002, “decorrido um ano do trânsito em julgado da sentença que houver decretado a separação judicial, ou da decisão concessiva da medida cautelar de separação de corpos, qualquer das partes poderá requerer sua conversão em divórcio”. E, ainda, a Lei nº 11.441/2007, que altera os dispositivos da Lei nº 5.869/1973 – Código de Processo Civil, dispõe, em seu art. 1.124-A, que “A separação consensual e o divórcio consensual, não havendo filhos menores ou incapazes do casal e observados os requisitos legais quanto aos prazos, poderão ser realizados por escritura pública, da qual constarão as disposições relativas à descrição e à partilha dos bens comuns e à pensão alimentícia e, ainda, ao acordo quanto à retomada pelo cônjuge de seu nome de solteiro ou à manutenção do nome adotado quando se deu o casamento”.

Entre as explicações mais comuns para as mudanças nas estruturas familiares iniciadas em 1960, sobressai a crescente e marcante presença das mulheres brasileiras nos espaços públicos e privados, acompanhada pelas discussões sobre feminismo, trabalho, desigualdades e direitos da mulher. Em 1980, tem início um dos períodos mais recessivos da história brasileira. Os inúmeros planos econômicos e os respectivos programas sociais, bem como a perda gradativa de eficiência do setor público, refletem-se na deterioração das condições de vida de grandes parcelas da população. A tudo isso se soma um processo de concentração de renda que gera uma profunda desigualdade, havendo diminuição drástica do salário para a maioria da população e sofisticação do consumo para uma minoria, conformando um processo de “modernidade excludente”, no qual se acirram as diferenças (TEIXEIRA, 2010).

Conforme Goldani (2002) e Montali (2003), houve acentuada redução no tamanho e maior diversificação nos tipos de organização familiar. Com o aumento das taxas de separação, divórcio e recasamento, houve um crescimento do número de adultos vivendo sozinhos e de famílias monoparentais⁶, destacando-se, também, o número de homens/pais detentores da guarda dos filhos e a consequente desmistificação do que era o papel feminino e o masculino. A complexidade da vida familiar aumenta em razão do aumento no número de famílias reconstituídas (SARAIVA, 2000).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), no período de 1997 a 2007, no conjunto de famílias com todos os filhos menores de 16 anos, houve crescimento da proporção de famílias monoparentais, passando de 19,2% para 21,8%. É interessante observar que a proporção de famílias monoparentais masculinas apresentou, também, ligeiro crescimento, de 7,8% para 9,8%, no mesmo período. Em 2008, os divórcios diretos⁷ foram 70,1% do total concedido no país, enquanto os divórcios indiretos⁸ representaram 29,8% desse total (IBGE, 2008). Destaca-se, ainda, o aumento no número de separações e divórcios que, no período de 1993 a 2003, foi de 17,8% e 44%, respectivamente. Ressalta-se, ainda, que cerca de 69% dos casais que se divorciam têm pelo menos um filho (IBGE, 2008).

⁶ Segundo Saraiva (2000), famílias monoparentais são aquelas em que apenas um dos progenitores é o responsável (homem ou mulher).

⁷ Divórcio direto é aquele resultante da separação de fato por mais de dois anos (IBGE, 2008).

⁸ Divórcio indireto é aquele decorrente da conversão da separação judicial após um ano, contado da data da decisão (IBGE, 2008).

Outros resultados do IBGE (2009) apontaram que, em 1998, 55,8% das uniões eram do tipo casal com filhos e, em 2008, esse percentual caiu para 48,2%. E, ainda, neste mesmo período, a proporção dos domicílios unipessoais passou de 8,4% para 11,6%. Os recasamentos, que representavam 10,1% das uniões formalizadas em cartório em 1998, passaram, em 2007, a representar 16,1% das uniões.

Houve, também, um significativo aumento de mulheres na condição de pessoa de referência do domicílio, passando de 25,9%, em 1998, para 34,9% em 2008. Nesse mesmo período, houve, também, o crescimento da proporção das mulheres declaradas como pessoa de referência, apesar da presença de um cônjuge (2,4% para 9,1%) (IBGE, 2009).

Esses dados são importantes uma vez que os arranjos familiares repercutem na administração dos diferentes domínios da vida, que podem ser considerados as partes da vida de um indivíduo, de modo que é possível falar sobre cada parte em diferentes momentos (DOMBECK;WELLS-MORAN, 2011). Addams (2005) considerou como principais domínios da vida as seguintes esferas: trabalho, vida familiar, saúde, religião, amizades, situação financeira, tempo livre, vizinhança. Para o autor, os pesquisadores têm reconhecido que nem todos os aspectos da vida são igualmente importantes para todos os indivíduos, mas todos são de fundamental importância para o bem-estar subjetivo, incluindo a felicidade, a moral e a satisfação com a vida. Além disso, os indivíduos podem perceber a importância dos vários domínios da vida de forma diversa em diferentes fases do ciclo de vida.

A administração equilibrada dos diferentes domínios da vida reflete na qualidade das relações familiares e em seus mecanismos de funcionamento conforme discute a abordagem sistêmica. Segundo essa perspectiva, o suporte familiar é avaliado em diversas dimensões, como a organização do grupo em contextos específicos, a clareza da comunicação, a proximidade *versus* o distanciamento entre os membros familiares, a ligação afetiva, os papéis familiares e as crenças sobre a reprodução desses papéis (HILL et al., 2003).

Além disso, como destaca Bray (1995), o funcionamento familiar é influenciado pela composição da família, pelos processos familiares, pela organização e pela afetividade. A composição familiar está relacionada com o tipo de estrutura observada, podendo-se citar famílias nucleares, pais divorciados e a presença e ausência de filhos, entre outros, enquanto os processos familiares incluem os fatores comportamentais e interacionais da família, como os conflitos, as

diferenças entre os membros da família, a comunicação, a resolução de problemas, o controle e a autonomia. A organização familiar se refere às regras de funcionamento da família; enquanto a afetividade expressa as relações de afeto entre os membros familiares que contextualizam os processos familiares.

Nesse sentido, pressupõe-se que uma situação de divórcio afeta a administração dos diferentes domínios da vida, pois, como comentam Carter e McGoldrick (2001), novas regras e padrões devem ser desenvolvidos pelas unidades familiares após o divórcio, considerando que os hábitos e rotinas que antes eram tidos como consolidados agora não o são mais. Os relacionamentos com todos os sistemas fora da unidade familiar também se modificam – família ampliada, amigos, vizinhos, escola, trabalho – podendo ser fonte de crises e estresse para os membros familiares.

Nas condições de crise e de maior vulnerabilidade, espera-se que os indivíduos recorram às redes sociais e de solidariedade primária, como as relações de parentesco, de vizinhança e de amizade que exercem papel relevante para os indivíduos e famílias (DONATI; DI NICOLA, 1996 *apud* SERAPIONI, 2005).

Comparando as famílias que têm redes bastante completas com famílias mais isoladas, pesquisadores identificaram quatro funções da rede social: (1) elas normalmente proporcionam aos familiares companheirismo e oportunidades para relaxar; (2) fornecem proteção e vigilância com base no bem-estar do membro familiar e em conformidade com os padrões de gosto e de conduta da rede; (3) são uma importante fonte de apoio emocional e material em períodos de necessidade; (4) proporcionam ligações com os recursos dos ambientes externos à família (BRODERICK, 1993).

Assim, não se pode falar em família como um sistema isolado; sendo de fundamental importância enfatizar as redes sociais de apoio à família, principalmente quando se enfoca a família monoparental, que não tem mais um dos cônjuges para a divisão das tarefas domésticas, cuidados e responsabilidades com os filhos e, muitas vezes, para obtenção dos recursos financeiros que sustentam a família; tendo, assim, que reorganizar o seu cotidiano. Portanto, acredita-se que a perspectiva das redes é um instrumento para o entendimento do espaço relacional familiar, principalmente em situações de fragilidades (MARQUES, 2010).

Diante desse contexto, o problema da pesquisa consistiu em estudar o impacto da separação ou divórcio na administração dos diferentes domínios da vida, bem

como analisar as redes sociais dos detentores da guarda dos filhos residentes em Viçosa/MG em face da nova realidade do grupo familiar.

Elegeu-se Viçosa/MG para o desenvolvimento deste estudo em função de ser sede de comarca, onde tramitam diversos tipos de processos judiciais, inclusive os de separação e divórcio envolvendo a guarda dos filhos.

Sendo assim, a relevância da pesquisa está pautada na geração de conhecimento sobre os novos arranjos familiares e seu funcionamento e, também, sobre as trocas que ocorrem entre a família e os sistemas que interagem com ela formando uma teia de relações. Além disso, há uma lacuna em estudos que versam sobre a administração dos diferentes domínios da vida por homens e mulheres que, após o rompimento da sociedade conjugal, detêm a guarda dos filhos.

1.2. Objetivos

O objetivo geral que norteou essa pesquisa consistiu em investigar as alterações na administração dos domínios da vida pelos detentores da guarda dos filhos em face da dissolução da sociedade conjugal, assim como o processo de construção e, ou, consolidação das redes sociais.

Como objetivos específicos, buscou-se:

- Caracterizar demográfica e socioeconomicamente a população estudada.
- Identificar e analisar o processo de construção e, ou, consolidação das redes sociais pelo detentor da guarda unilateral do filho, bem como o seu papel na administração dos diferentes domínios da vida.
- Analisar a administração dos diferentes domínios da vida pelo detentor da guarda unilateral do filho antes e após a dissolução da sociedade conjugal.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A partir dos objetivos propostos, este capítulo apresenta uma reflexão acerca da família e das novas configurações familiares, dos papéis do homem e da mulher nos diferentes domínios da vida, além de discutir sobre o conceito de redes sociais.

2.1. Família e Novas Configurações Familiares

A família é frequentemente considerada unidade básica da sociedade e é a maior instituição social com características próprias, como o desenvolvimento e a realização de papéis e regras, possuindo relações de poder entre os seus membros, formas de comunicação, negociação, solução de problemas, executando, assim, as funções inerentes à sua natureza como grupo e como instituição (CEBOTAREV, 1994; JESSOP, 1981).

Minuchin et al. (1999, p. 22) conceituam família da seguinte maneira:

Família é um tipo especial de sistema, com estrutura, padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança. É também uma pequena sociedade humana, cujos membros têm contato direto, laços emocionais e uma história compartilhada.

Segundo Carvalho e Almeida (2003), além de ser elemento-chave para a sobrevivência dos seus membros, a família exerce, também, a proteção e a socialização dos mesmos, a transmissão do capital cultural e econômico e da

propriedade do grupo, bem como das relações de gênero e de solidariedade entre gerações.

Uma visão mais moderna da família considera que a mesma pode ser considerada um fenômeno construído socialmente, ou seja, um “projeto da realidade”, porque os membros familiares estão vinculados por um apego emocional interno, durável e recíproco (GRUBRIUM; HOLSTEIN, 1990).

Para Nascimento (2006), é no seio familiar que os indivíduos se relacionam e trocam experiências, uma vez que ele é, ao mesmo tempo, um ambiente de conflito cooperativo e um ambiente determinante de bem-estar, por meio da distribuição de recursos. A família é o lugar no qual os membros familiares encontram o espaço que lhes garante a sobrevivência, o desenvolvimento, o bem-estar e a proteção integral, por meio de aportes afetivos e materiais.

Em 1994, Bruschini e Ridenti já haviam afirmado que o modelo de família nuclear, ou seja, aquele constituído por um casal e seus filhos, deveria ser desconstruído, pois já existiam outras formas de organização familiar, como aquela composta por apenas um dos cônjuges e que não podiam ser consideradas incompletas, desorganizadas ou irregulares.

Nessa mesma ótica, Losacco (2007) enfatizou que, na sociedade, a família deixa de ser aquela constituída apenas pelo matrimônio, podendo ser formada, também, pela união estável, por grupos formados por qualquer um dos pais ou ascendentes e seus filhos, netos ou sobrinhos, e pela união de homossexuais. A autora afirma^[0], ainda, que, nessa nova concepção, o afeto é mais determinante que as relações de parentesco, casamento e consanguinidade.

Outrossim, Carter e McGoldrick (2001) afirmam que uma taxa crescente da população está se unindo e tendo seus filhos sem casar. Além disso, na época do estudo que foi realizado nos Estados Unidos, as autoras constataram que 12% das mulheres jovens jamais irão se casar, 25% não terão filhos, 50% se divorciarão e 20% terão dois divórcios.

A diferente maneira como homens e mulheres conciliam a vida familiar e a vida laboral pode vir a afetar a satisfação conjugal no casamento, podendo, assim, ser motivo direto para os divórcios. Assim, o rompimento dos laços matrimoniais por meio do divórcio faz com que o processo do ciclo de vida da família seja alterado, com repercussões sobre os papéis atribuídos ao homem e à mulher (GASPARONI, 2007).

Conforme Aldous (1996), todos os eventos que conduzem à formação da família, como a adição de membros, sua passagem pelo sistema educacional, a partida de alguns membros, bem como o divórcio e o recasamento, exigem da família o preenchimento de lacunas deixadas por seus membros para atender às diferentes demandas familiares e sociais.

De acordo com Carter e McGoldrick (2001), estimativas mostram que, à luz dos elevados índices de divórcios, o lar de progenitor único é considerado um ponto de partida para um outro casamento. Entretanto, com as estimativas de que aproximadamente um terço (35%) dos lares de progenitor único não se tornará famílias recasadas, fica claro que elas estão se tornando uma nova família.

Conforme as autoras citadas, muitas pessoas podem desempenhar um papel fundamental nesses novos arranjos familiares: os filhos, os membros da família ascendente, os amigos, os colegas, dentre outros, e o apoio recebido é crucial tanto para homens quanto para as mulheres. Há de se ressaltar, ainda, o papel das instituições formais, como creches e escolas, bem como os prestadores de serviços, como babás e empregadas domésticas.

Nas famílias em que as mulheres assumem a responsabilidade financeira da unidade doméstica, ocorrem modificações importantes nas relações de poder. Apesar disso, a “desmoralização” ocorrida pela perda inerente ao papel de provedor faz com que esse novo arranjo familiar busque a substituição da figura masculina de autoridade por outros homens da rede familiar (SARTI, 2007). Nesse sentido, focalizar a família como objeto de análise implica reconhecer que ela não é um sistema fechado, mas sim uma unidade que constitui relações intra e interfamiliares, que são importantes para sua manutenção e continuidade.

2.2. Os Papéis do Homem e da Mulher nos Diferentes Domínios da Vida

As tipificações do que seria pertinente ao homem e a mulher em determinado contexto, incluindo aprovações, restrições e proibições apreendidas e transmitidas ao longo de gerações e durante o percurso da vida, expressam o significado dos papéis masculino e feminino (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004).

As mudanças na estrutura familiar apontam que pai e mãe têm mesclado seus papéis na família, sendo paritariamente responsáveis pela provisão de recursos financeiros, cuidados e bem-estar dos filhos (DANTAS et al., 2004).

Conforme os mesmos autores, atualmente é possível verificar na família laços mais íntimos e afetuosos. Além disso, o engajamento da mulher no mercado de trabalho tem feito com que homens e mulheres sejam os provedores do lar; reformulando, assim, os seus papéis na família. Dessa maneira, a inserção da mulher no mercado de trabalho é um fator relevante para compreender as mudanças nos arranjos familiares, podendo ser constatadas no declínio da fecundidade, na emancipação da mulher como participante da fonte de renda familiar seguida de sua maior autonomia nas relações (GARCIA et al., 2004).

Nesse sentido, é importante ressaltar que pesquisas recentes concluíram que a provisão dos recursos financeiros da família é um componente importante da identidade do homem enquanto pai (WARIN et al., 1999; HATTEN et al., 2002 *apud* DERMOTT, 2006). E há também a expectativa social de que os pais continuarão responsáveis pelo sustento dos seus filhos, mesmo após a separação ou o divórcio (DERMOTT, 2006).

Além disso, conforme Sarti (2007), em famílias pobres o homem corporifica a ideia de autoridade moral e respeito dentro da unidade familiar, sendo assim o chefe da família. Já a mulher cabe a responsabilidade por manter a unidade do grupo, cuidar de todos e zelar pela organização doméstica, sendo assim, a chefe da casa.

Por outro lado, corroborando com Dantas et al. (2004) e Garcia et al. (2004), Dermott (2006) e Silva (2005) alertam para o fato de que o incremento na taxa de participação feminina no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no orçamento doméstico, reconfigurando a posição social da mulher, tem feito com que o sustento familiar deixe de ser um papel exclusivo do homem e o cuidado com os filhos um papel específico da mulher.

O equilíbrio entre o papel da mulher na família e no trabalho, o papel do homem nessas mesmas esferas e, também, o cuidado com os filhos são de extrema importância para o bem-estar de todos os membros da família (TEIXEIRA, 2005).

Segundo Gomes e Resende (2004), a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação de valores. Antes de assimilar o esboço da nova configuração familiar, modelado no processo que introduziu a mulher no mercado de trabalho, o homem é surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo constante questionamento de sua autoridade.

Apesar da ruptura da hierarquia masculina na família nuclear possibilitada pela inserção da mulher no mercado de trabalho, Perlin e Diniz (2005) relatam que a

desigualdade de gênero na divisão de tarefas domésticas, na administração da casa e na educação e no cuidado dos filhos ainda persiste e é fator gerador de estresse na esfera familiar. Esses fatores, associados ao trabalho remunerado e às percepções diferentes entre os parceiros acerca de seus papéis no casamento e na família, transformam-se em dilemas e desafios que precisam ser enfrentados pelos casais.

Segundo os mesmos autores, as diferenças na forma de conciliar os diferentes papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres podem afetar a satisfação na vida familiar, no trabalho e, até mesmo, o desempenho em diferentes áreas da vida.

Gareis et al. (2009) afirmam que o trabalho e os papéis que os membros desempenham na família têm implicações importantes para o bem-estar, o funcionamento familiar e o desempenho no trabalho. A dificuldade em administrar os papéis sociais pode ser um fator de estresse, e, uma vez que esses domínios da vida são separados, eles competem por recursos escassos, como tempo e atenção (BARNETT, 1998; FRONE, 2003 *apud* GAREIS et al., 2009).

Segundo Goldsmith (2000), o conflito entre família e trabalho pode surgir quando um membro familiar está dividido entre as demandas familiar e laboral, podendo desenvolver uma frustração no indivíduo.

O trabalho é uma importante fonte de satisfação na vida, mas pode ser também uma fonte de estresse em virtude das exigências do cargo, das exigências do lar e do problema em conciliar família e trabalho remunerado (COOPER; LEWIS, 2000). Nesse mesmo escopo, Dribe e Stanfors (2009) afirmam que a presença de crianças na família afeta as oportunidades do trabalho remunerado e o tempo de lazer dos pais, devido ao tempo dedicado ao cuidado com os filhos e à carga de trabalho doméstico.

Os resultados do trabalho de Teixeira (2004), que buscou compreender como as experiências das professoras universitárias de Michigan (EUA) em administrar as demandas da família e do trabalho remunerado têm influenciado a administração atual dessas demandas, indicaram a importância de se focalizar os ambientes familiar e laboral em um mesmo estudo, bem como os seus retornos positivos e negativos, de forma a entender como um indivíduo administra as diferentes e conflitantes demandas de sua vida.

Conforme a referida autora, ao administrar papéis diferentes e conflitantes e aprender a lidar com suas limitações e vantagens administrativas, a mulher pode se

tornar envolvida em mais de uma tarefa, adquirindo mais responsabilidades; contribuindo, dessa forma, para aumentar a complexidade de seus ambientes.

Se para a mulher a administração da família e do trabalho remunerado pode ser conflitante, para o homem não é diferente, visto que a responsabilidade na criação dos filhos leva-o a se empenhar e dedicar mais do seu tempo à carreira profissional (EGGEBEEN; KNOESTER, 2001). A paternidade traz consequências para os papéis econômicos do homem, uma vez que, atualmente, há uma valorização do pai na vida dos filhos, o que sugere uma nova concepção sobre os novos papéis que o homem exerce na família (EGGEBEEN; KNOESTER, 2001; DANTAS et al., 2004).

Além da dedicação do homem ao trabalho, houve um aumento da sua participação no trabalho doméstico e nas atividades de puericultura (GERSHUNY et al., 1994; SULLIVAN, 2000 *apud* DERMOTT, 2006). Em contrapartida, Carter e McGoldrick (2001) afirmam que as responsabilidades e cuidados com os filhos ainda continuam sendo um papel predominantemente feminino. As autoras pontuam que os homens têm pouca prática no cuidado com as crianças durante o casamento e, após a separação ou o divórcio, têm dificuldade em aprender a compartilhar as responsabilidades no cuidado com os filhos. Eles tendem a considerar a esfera produtiva como primária e o cuidado com as crianças como secundário e, dessa forma, geralmente cabem à mãe os arranjos extras conciliatórios para suprir as necessidades dos seus filhos.

Apesar disso, Picanço (2007) afirma que existe um processo de transformação de valores mais tradicionais sobre o ser homem e mulher na sociedade e, com isso, modificam-se as definições dos papéis masculino e feminino.

Diante desse contexto, nas famílias monoparentais, em virtude da separação ou do divórcio, verifica-se uma modificação nos papéis sociais do homem e da mulher, de modo a atender às demandas dos diferentes domínios da vida, entre os quais citam-se: família, trabalho, lazer, tempo livre, amizades, saúde, finanças, buscando, assim, o equilíbrio daquela unidade familiar.

Ocorrem mudanças em alguns aspectos da vida familiar que podem ser ainda intensificadas, sendo necessário que a família se ajuste ao novo contexto em que se insere, principalmente no que se refere ao padrão de vida. Um exemplo disso é a queda do nível financeiro, que, nas famílias de baixa renda, acarreta dificuldades no acesso aos bens necessários para a sobrevivência (OLIVEIRA, 2009).

Corroborando essas observações, estudos indicam que um dos principais fatores que agravam a saúde e o bem-estar, principalmente das mulheres, no momento da dissolução conjugal é a pressão econômica (ROSS et al., 1990 *apud* WILLIAMS; BRYANT, 2006).

Diversos estudos internacionais mostram que os efeitos da dissolução conjugal são maiores para as mulheres que possuem filhos, e esse fato está associado à exposição diferencial aos fatores de estresse que acompanham esse processo, causando sérios danos ao bem-estar psicológico (WILLIAMS; BRYANT, 2006).

Em decorrência do divórcio, a situação econômica familiar muitas vezes se deteriora porque, o que supria as necessidades de uma família, agora é dividido para duas famílias. Contudo, o padrão de vida declina mais para as mulheres do que para os homens, principalmente para aquelas que detêm a guarda dos filhos, que podem, inclusive, passar por sérias dificuldades financeiras (DUNCAN;HOFFMAN, 1985; MORGAN, 1989; SHAPIRO, 1996 *apud* AMATO; WANG, 2000).

Mediante este novo contexto familiar, muitas vezes a mulher passa a depender financeiramente da pensão alimentícia do ex-cônjuge e busca, desse modo, a sua inserção no mercado de trabalho, ou a capacitação profissional de modo a garantir-lhe melhores condições de trabalho e remuneração.

Mesmo que a necessidade de se inserir no mercado de trabalho seja decorrente do processo de ruptura conjugal, segundo Santos (2008), a busca por essa ocupação vai além do ganho financeiro, uma vez que ela passa a ser motivada pelo sentimento de autoafirmação e independência econômica e social, o que lhe permite conquistar o reconhecimento profissional. Dessa forma, a inserção no mercado de trabalho poderá contribuir tanto para a estabilidade financeira quanto para a estabilidade emocional das mulheres que passaram pelo processo de separação ou divórcio.

Dessa maneira, fazendo frente à ruptura das relações diárias entre pais e filhos é necessária uma realocação dos papéis de cada membro familiar. No que se refere ao detentor unilateral da guarda, este passa a ser responsável pela companhia, sustento, educação, socialização, cuidados e, dessa forma, as tarefas antes atribuídas ao pai e à mãe passam a ser executadas, na maioria das vezes, por apenas um deles.

Com relação aos papéis dos membros familiares, cabe ressaltar que a educação dos filhos muitas vezes não é uma responsabilidade distribuída de maneira paritária entre os pais, visto que culturalmente a mulher tende a envolver-se mais nas

tarefas diárias dos filhos, estando à frente do planejamento educacional dos mesmos (GAUVIN;HUARD, 1999; STRIGHT; BALES, 2003 *apud* WAGNER et al., 2005). Entretanto, observa-se que, de modo a atender as demandas da sociedade contemporânea, há uma tendência de os pais compartilharem esta responsabilidade com as mães ou muitas vezes assumi-la (WAGNER et al., 2005).

Outra questão a ser destacada é que o sistema familiar sofre influências de diversos fatores, como a globalização, a economia, o progresso tecnológico, o que induz a mudanças de valores e de comportamento, influenciando no modo de educar e cuidar dos filhos. Desse modo, essa tarefa, muitas vezes, se torna desafiadora, pois todo esse contexto de mudança incidiu na autoridade patriarcal e na diversificação dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres, que outrora eram definidos e inquestionáveis, alterando, assim, as relações entre os membros familiares (MEIRA; CENTA, 2003).

Além de modificar os seus papéis sociais, homens e mulheres têm buscado o apoio das redes sociais para suprir as demandas dos domínios da vida. Um exemplo disso é que, em muitas famílias, a criação dos filhos tem sido uma responsabilidade de toda uma rede de apoio social e, com isso, novos significados sobre família, homem e mulher, estão sendo produzidos e negociados, com significados mais tradicionais e, conseqüentemente, há maior flexibilização dos papéis feminino e masculino (VELHO, 2001; SORJ; GOLDEMBERG, 2001 *apud* PIKANÇO, 2005).

2.3. O Conceito de Redes Sociais

Falar em família neste início do século XXI implica fazer referência às mudanças e aos padrões difusos de relacionamentos. Com seus laços cada vez mais esgarçados, torna-se difícil definir os contornos que delimitam as famílias, visto que elas comportam uma grande elasticidade (SARTI, 2007).

Como Medina já dizia em 1974, a família não é algo fechado sobre si mesmo, mas algo dinâmico, em termos de relações, como uma teia, que podem ser bem ou mal traçadas. A concepção de teia de relações é altamente significativa, impedindo que se veja o conceito de família como algo estrito.

De acordo com Zampier (2007), os primeiros estudos desenvolvidos sobre redes sociais são das áreas de Antropologia, Sociologia e Psicologia Social. A origem da ideia de redes nasceu do conceito de estrutura social no início da década

de 1930, nas pesquisas do antropólogo social Radcliffe-Brown, que permitiram compreender melhor as relações através das quais as ações sociais estão organizadas.

A autora afirma que Jonh Barnes, em 1954, foi o pioneiro a utilizar o termo “redes sociais”, como uma técnica de análise. A ideia de redes sociais defendida por Barnes corresponde a um cruzamento de vínculos interpessoais conectados com as ações dessas pessoas e com as instituições da sua sociedade.

Nesta mesma linha, Castells (2006, p. 565) afirma que:

As redes constituem a nova morfologia social em nossa sociedade e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e da experiência, poder e cultura.

Ainda, o autor defende que a rede é um conjunto de nós interconectados e é tudo aquilo que forma alianças e parcerias que se comunicam entre si, movimentando a sociedade na sua mais complexa forma, de modo a atender os mais amplos aspectos da dinâmica social, o que ele chama de sociedade da informação. Entretanto, a opinião de Zampier (2007) diverge da de Castells (2006), uma vez que a autora pontua que ele não faz distinção entre nós humanos e não humanos.

Além disso, conforme Martinho (2003), as redes têm sido campo de estudo de várias áreas do conhecimento, passando desde a biologia até as ciências sociais, e a diferença se encontra no instrumento analítico e nas bases teóricas de cada área. Segundo o autor, quando o objeto de estudo é o funcionamento das redes sociais, principalmente as informais, pode-se observar a manifestação de fenômenos organizativos não verticais, ou seja, sem hierarquia, funcionando na sociedade.

De acordo com Rodrigues (2005), todos os indivíduos estão de alguma maneira, fazendo parte de um espaço público, de uma relação, de uma rede. Entre as diversas significações que o termo rede vem adquirindo, podem ser citadas as seguintes: sistema de nós e elos; uma estrutura sem fronteiras; um sistema de apoio ou um sistema físico, que se parece com uma árvore ou uma rede. A rede social, surgindo deste conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados (MARTELETO, 2008).

Segundo a mesma autora, a análise de redes estabelece um novo modelo na pesquisa social. Para compreender como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, a unidade de análise

não é as características individuais, mas, sim, o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem por meio das suas interações uns com os outros e que pesam sobre suas escolhas, orientações, comportamentos e opiniões.

Conforme Martinho (2003), pode-se dizer de forma aparente que as redes constituem um conjunto de pontos interligados que representam as unidades que compõem a rede e, no caso deste estudo, seriam os indivíduos, grupos ou instituições. Em contrapartida, as linhas representam as relações ou conexões entre os indivíduos ou grupos. O autor afirma que em um diagrama de rede, as linhas são mais importantes do que os pontos, pois são elas que constroem a rede.

Sendo assim, pela quantidade de linhas pode-se inferir a densidade da rede, ou seja, quanto maior o número de conexões, mais densa é a rede. Dessa forma, o autor afirma que a capacidade da rede ultrapassa a soma de seus elementos que, graficamente, são representados por pontos (MARTINHO, 2003).

As Figuras 1 e 2 têm a mesma quantidade de elementos; entretanto a Figura 2 representa uma rede mais densa em virtude do número de conexões estabelecidas.

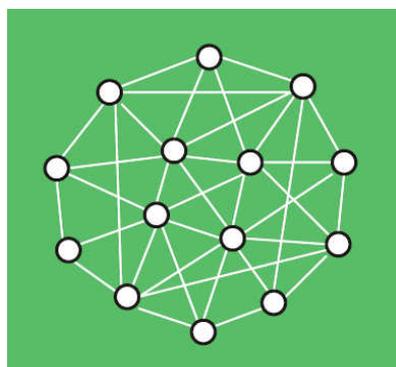


Figura 1 – Rede menos densa.
Fonte: MARTINHO, 2003.

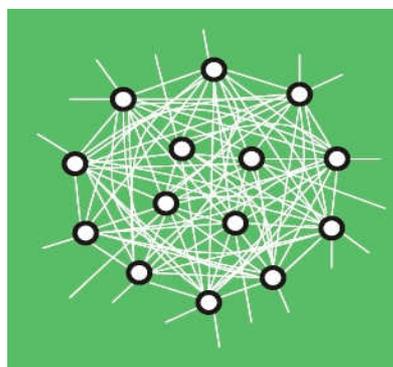


Figura 2 – Rede mais densa.
Fonte: MARTINHO, 2003.

A Figura 3 explicita os dizeres de Martinho (2003), de que as linhas são mais importantes do que pontos em uma rede, visto que a existência de conexão entre os elementos é uma condição para o pertencimento deles à rede. Sendo assim, sem conexão não há rede.

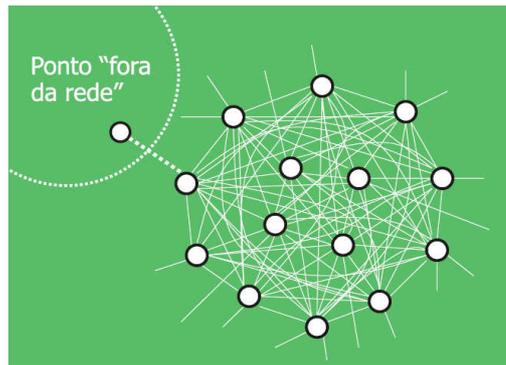


Figura 3 – Ponto isolado conectando-se à rede.
Fonte: MARTINHO, 2003.

Os pontos e as linhas são definidos por Portugal (2006) como nós e laços, respectivamente. Os nós são os membros do sistema social, ou seja, com quem interage, se pode contar, a quem se recorre. Já os laços são as interconexões, ou seja, as relações entre nós.

Uma contribuição conceitual para o estudo de redes foi a de Granovetter (1983 *apud* BRODERICK,1993), que fez a distinção entre redes de laços forte e rede de laços fracos. Para o autor, as redes de laços fortes envolvem familiares e amigos próximos, com os quais se tem uma relação de confiança e são mais procurados quando necessário. Em contrapartida, as redes de laços fracos são os extensos grupos de conhecidos com os quais se têm diferentes graus de intimidade. Incluem-se nesta categoria os parentes mais distantes, sogros, colegas de faculdade, vizinhos, colegas de trabalho, membros da mesma religião e amigos de amigos.

Nesse mesmo escopo, Bott (1976) diferencia as redes de “malha estreita” e as redes de “malha frouxa”. A primeira refere-se às redes nas quais existem muitas relações entre os membros; enquanto a segunda envolve relacionamentos entre parentes, vizinhos, colegas de trabalho e amigos, com quem os vínculos são mais escassos.

Além disso, Mesquita et al. (2009) diferencia as redes de apoio formal e informal. Enquanto as redes de apoio formal abrangem as organizações sociais formais, como escolas, serviços e profissionais da área social e de saúde, organizações governamentais e não governamentais e serviços sociais que realizam trocas materiais, informativas e psicossociais proporcionadas por diferentes

profissionais que atuam em diversas funções, as redes de apoio informal são aquelas redes primárias que se estendem desde os laços de parentesco até os laços fraternais, que incluem amigos e vizinhos e são caracterizadas pela responsabilidade e pelo dever mútuo, pelo companheirismo, pela solidariedade e gratidão.

Broderick (1993) afirma que a unidade básica da ligação de rede é o indivíduo membro da família, uma vez que, raramente, cada membro de uma família é ligado a todos os membros de outra família, mesmo que essas famílias estejam intimamente relacionadas.

Dessa forma, retomando Gasparoni (2007), percebe-se que cada pessoa é o centro de sua própria rede, que é formada por uma teia de relações composta por familiares, vizinhos, pessoas amigas, conhecidas, relações de trabalho e de estudo, inserções comunitárias e organizações das quais participa, sejam elas políticas, religiosas e, ou, socioculturais, e que, segundo Dessen e Braz (2000), oferecem apoio emocional e instrumental aos indivíduos, conforme as suas necessidades.

O apoio emocional refere-se ao sentimento de solidariedade, afeição, simpatia e preocupação com o próximo e que, por meio de ações, proporcionam a sensação de pertencimento ao grupo. Por outro lado, o apoio instrumental é entendido como o apoio financeiro, a divisão de responsabilidades e prestação de informações aos indivíduos (CRAIG; WINSTON, 1989 *apud* DESSEN; BRAZ, 2000).

Ainda nesse sentido, Valla (1999) destaca que apoio social se define como qualquer informação e, ou, apoio material oferecido por indivíduos e grupos que interagem, resultando em condutas e efeitos positivos. É um processo de trocas mútuas com objetivo de gerar efeitos positivos de forma recíproca.

Nesse sentido, cabe destacar alguns dos pressupostos da teoria da troca apontados por Nye (1979 *apud* ALDOUS, 1996): (1) as pessoas não repetirão um comportamento social caso elas não tenham sido recompensadas no passado, (2) as pessoas ficam satisfeitas com as trocas em que recebem aquilo que acreditam merecer, (3) dentro de um grupo ou sociedade há um acordo sobre o que é uma recompensa ou um custo, e (4) a vida social exige a reciprocidade. Desse modo, as trocas sociais dependem dos recursos pessoais e das normas que as regulam (ALDOUS, 1996).

Diante desse contexto, falar sobre redes é discorrer sobre um novo jeito de se organizar, de atuar, de formar parcerias, alianças e conseguir apoio (GUARNIERI, 2007). Sendo assim, a constituição das redes é uma nova forma de atender às

mudanças da vida, em especial os novos papéis atribuídos aos homens e às mulheres, decorrentes do rearranjo familiar ocasionado pela separação ou pelo divórcio.

Fazendo menção a Sarti (2007), a sobrevivência dos grupos domésticos em que apenas um dos progenitores é o responsável pelos cuidados e sustento familiar é possibilitada pela mobilização cotidiana de uma rede familiar que ultrapassa os limites da casa.

Com as mudanças na estrutura familiar e a possível ocorrência de acúmulo de papéis desempenhados por um dos cônjuges após a ruptura da relação conjugal, as redes sociais são de grande importância para suprir as demandas dos diferentes domínios da vida.

Mead (1971 *apud* ALDOUS, 1996) argumentou que todas as famílias precisam ter pessoas ao redor para ajudar em situações de emergência e fazer companhia. Existem evidências de que os adultos são melhores pais quando eles podem ter pessoas em torno, além dos limites da família, para obter informações e conselho, e de que mães divorciadas manipulam melhor a desobediência de suas crianças quando têm esses contatos (HETHERINGTON et al., 1982 *apud* ALDOUS, 1996).

No caso das mulheres, a sua socialização permite-lhes desenvolver verdadeiras amizades e, em contrapartida, os homens ficam mais inibidos nesse tipo de contato íntimo (CARTER; MCGOLDRICK, 2001). Dessa forma, é mais fácil o estabelecimento de redes de apoio informal, como de amigos, para as famílias chefiadas por mulheres em situações de crise.

Além das redes de amizade, nas famílias monoparentais, em virtude ou não da separação conjugal, é frequente os avós assumirem parte das responsabilidades de um dos cônjuges. Nesse sentido, pode haver entre pais e avós a formação de um par educacional ou provedor, mediado por suas condições culturais e socioeconômicas (VITALE, 2007). Para a autora, a desigualdade social, a pobreza, o desemprego e a ausência de políticas públicas e sociais podem ter levado ao aumento da contribuição dos avós na rede familiar.

Os membros familiares respondem às alterações no ambiente em que vivem e se relacionam e, com isso, podem ocorrer mudanças nos papéis desempenhados por eles, o que, por sua vez, afeta diretamente o processo administrativo (TEIXEIRA, 2005). Sendo assim, alterações na composição familiar, como a saída de um membro da unidade familiar após a separação ou o divórcio, podem ocasionar a administração

de múltiplos papéis por um dos cônjuges, podendo afetar, assim, a administração dos recursos familiares.

Retomando o conceito de redes sociais e relacionando-o à administração dos recursos na família, Wasserman e Fausto (1999 *apud* PORTUGAL, 2007) comentam que um dos princípios do conceito de redes sociais é que os laços relacionais entre os sujeitos sociais são canais por onde circulam fluxos de recursos materiais e não-materiais.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Natureza do Estudo

Neste estudo, integraram-se métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa, no intuito de ampliar a compreensão do problema, uma vez que ambas as abordagens se complementam.

Como ressalta Denzin e Lincoln (2005), as pesquisas qualitativas sublinham a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado. Em contraste, os estudos quantitativos enfatizam a mensuração e a análise das relações de causalidade entre as variáveis.

Este estudo caracteriza-se pela natureza exploratório-descritiva, uma vez que, conforme Gil (2008), as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, e as pesquisas descritivas têm como preocupação central a descrição das características de determinado fenômeno ou população ou, ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis.

Outrossim, esta pesquisa pode ser caracterizada como um estudo de caso, visto que, segundo Gil (2002), busca proporcionar uma visão ampla e detalhada do problema, identificando possíveis fatores que o influenciam ou que são influenciados por ele. Dessa forma, é um estudo aprofundado e exaustivo que possibilita explorar e descrever situações da vida real cujos limites ainda estão indefinidos, explicando as suas variáveis causais (GIL, 2002).

3.2. Área de Estudo

O estudo foi realizado no município de Viçosa/MG, com área territorial de 299 km². localizado na Zona da Mata de Minas Gerais, a 225 km de Belo Horizonte, capital do estado.

O município conta com uma população flutuante de aproximadamente 12 mil habitantes, somados a uma população estimada de 74.171 habitantes, conforme a contagem populacional feita pelo IBGE (2009), em 2009, totalizando cerca de 86 mil habitantes.

Conforme Tiradentes (2005), Viçosa constitui-se como polo comercial e cultural para as cidades de seu entorno. O município possui os melhores meios de comunicação e mercado preferencial, tanto para os produtos e insumos agrícolas quanto de bens manufaturados ou industrializados oriundos de grandes centros urbanos, e conta com a Universidade Federal, grande responsável pelo desenvolvimento de atividades de pesquisa, ensino e extensão, e outras instituições de ensino superior (TIRADENTES, 2005).

Dessa forma, por se tratar de um estudo de caso, os resultados encontrados nesta pesquisa podem ser compatíveis com os de municípios que possuem características similares às de Viçosa.

3.3. População e Amostra

A população estudada foi constituída por famílias residentes no município de Viçosa/MG que passaram pelo processo de separação ou divórcio, envolvendo a guarda única dos filhos, iniciado e terminado no período de 2006 a 2008. Tal período foi estipulado porque, segundo Carter e McGoldrick (2001), a unidade familiar requer de um a três anos para lidar com o processo de divórcio, reestabilizar-se e continuar seu processo de desenvolvimento. De acordo com as estatísticas do IBGE (2009), somente para famílias residentes no município de Viçosa foram concedidas, em 1ª instância, 106 separações e 118 divórcios em 2008.

No processo de obtenção dos dados, buscou-se analisar os processos de separação e divórcio expedidos pelos juízes de Direito do Fórum da Comarca de Viçosa.

Por meio da data de distribuição e da baixa do processo, foram identificados os possíveis participantes da amostra. Em seguida, estudaram-se os processos que se enquadravam nos requisitos da pesquisa, cuja delimitação estava pautada em homens e mulheres separados ou divorciados, detentores da guarda unilateral dos filhos e residentes no município de Viçosa, Minas Gerais.

Foram analisados 227 processos que tramitaram no judiciário, e, desses, 77 correspondiam ao que era necessário à pesquisa. Dos processos restantes (150), 19 estavam extintos e 131 não se adequavam à pesquisa pela ausência de filhos, residência em outros municípios, divórcios em que a separação ocorreu antes de 2006, guarda compartilhada e, ou, filhos maiores. Ressalta-se que outros 27 processos não foram encontrados no acervo.

No que se refere aos processos que atendiam aos requisitos da pesquisa, 70 processos corresponderam a separações⁹, dos quais 49 foram de ordem consensual e 21, de ordem litigiosa. Dentre os de separação, em dois casos a guarda dos filhos menores estava em poder do pai, enquanto em 67 casos a guarda era destinada à mãe e, em 1, a guarda dos filhos encontrava-se em poder do pai e da mãe¹⁰.

Os processos de divórcios corresponderam a 7 sendo 4 de ordem consensual e 3 de ordem litigiosa. Em ambos os casos, a guarda dos filhos ficou sob a responsabilidade das mães. Logo, a população corresponde a 77 casos que se enquadram *a priori* aos critérios estabelecidos. Esses dados são referenciados pela Tabela 1.

Tabela 1 – Processos de separação e divórcio que se enquadraram nos requisitos da pesquisa, Viçosa/MG, 2010

Tipo de Processo	Consensual	Litigioso	Total
Separção	49	21	70
Divórcio	4	3	7
Total	53	24	77

Fonte: Dados da pesquisa.

⁹ Ressalta-se que, no período da pesquisa, foi constatado que seis processos de separação foram convertidos em divórcio 2009 e, desses, quatro separações de ordem consensual foram convertidas em divórcio consensual, uma separação consensual em divórcio litigioso e uma separação litigiosa em divórcio consensual.

¹⁰ Cabe ressaltar que, no período da seleção da amostra, um pai possuía a guarda de um dos filhos, estando o outro em tutela materna. Contudo, no período das entrevistas, foi concedida à mãe a guarda permanente de seus filhos.

Para cálculo do tamanho da amostra, utilizou-se a fórmula para populações estatisticamente finitas, que, de acordo com Gil (2008), é aquela cujo número de elementos não excede a 100.000. Uma amostra representativa deve estar respaldada na seguinte fórmula:

$$n = \frac{(\sigma^2 \cdot p \cdot q \cdot N)}{\ell^2 (N-1) + \sigma^2 \cdot p \cdot q},$$

em que n representa o tamanho da amostra; σ , o nível de confiança escolhido expresso em número de desvios-padrão; p , a porcentagem com a qual o fenômeno se verifica; q , a porcentagem complementar; N , o tamanho da população; e, ℓ , o erro máximo permitido (GIL, 2008).

O fenômeno que se procura analisar neste estudo são as alterações na administração dos diferentes domínios da vida provocadas pela separação ou pelo divórcio, bem como as redes sociais que foram construídas e, ou, consolidadas nesse processo. Como não existe estimativa da porcentagem de respostas positivas nesse fenômeno, utilizou-se o valor de 50%, que é o indicado nesses casos. Além disso, cabe destacar que o erro máximo permitido foi de 10% e, para o nível de significância, foram considerados dois desvios-padrão.

Dessa maneira, uma amostra ideal seria composta por aproximadamente 44 casos. Durante o processo de contato com os participantes, 15 indivíduos haviam voltado para o ex-cônjuge ou recasaram-se; em um caso os filhos já eram maiores, não possuindo, assim, a sua guarda; um compôs o teste-piloto; e uma entrevista não foi utilizada por não corresponder às expectativas do pesquisador, visto que a entrevistada não respondeu claramente às perguntas. Além desses, 8 indivíduos estavam com o endereço incompleto ou a residência não foi encontrada; outros 7 não foram encontrados em sua residência; 6 não aceitaram participar da pesquisa; e 4 mudaram de endereço ou de cidade.

Assim, da população que foi composta por 77 casos que se enquadraram *a priori* aos requisitos da pesquisa, 61 sujeitos foram contatados, o que corresponde a 79% da população. Desses, 18 aceitaram participar da pesquisa, constituindo, pois, a amostra, com um erro de aproximadamente 21%. Embora esse erro possa ser considerado relativamente alto, é justificado pelos fatores apontados anteriormente.

Sendo assim, a amostra foi intencional, uma vez que a sua seleção foi baseada na natureza das metas de pesquisa (BABBIE, 1999), e foi obtida aleatoriamente por meio do contato direto com os participantes.

Cabe ressaltar que os pais que eram detentores da guarda unilateral dos filhos e aquele que detinha a guarda de um dos dois filhos foram procurados para a entrevista. Entretanto, um deles voltou para a ex-mulher justificando a dificuldade em cuidar dos filhos sem a presença da esposa, e dois entregaram a guarda dos filhos para a ex-mulher.

3.4. Técnica de Coleta de Dados

No intuito de alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, foram combinadas diferentes técnicas de coleta de dados, sendo elas a pesquisa documental e a entrevista fundamentada em um roteiro semiestruturado.

No processo para obtenção dos dados, inicialmente submeteu-se um pedido oficial aos juízes de Direito do Fórum da Comarca Viçosa, requerendo a concessão de informações necessárias à pesquisa, explicitando-se seu caráter sigiloso. Solicitou-se aos juízes vista aos processos de separação e divórcio, envolvendo a guarda de filhos, findos em 2008, sendo selecionados aqueles que haviam sido distribuídos no período de 2006 a 2008.

Após o deferimento do pedido pelos juízes de Direito da 1ª e 2ª Vara Cível, foi realizada a pesquisa documental a fim de levantar o endereço dos ex-cônjuges, bem como o ano de autuação e sentença do processo, tipo de processo (separação de corpos, litigiosa ou consensual; divórcio litigioso ou consensual), tipo de guarda (unilateral ou compartilhada), número de filhos e, em caso de divórcio, o tempo de separação de fato ou judicial dos cônjuges. Estas informações foram importantes para o delineamento da população do estudo.

Concluído o levantamento das informações vinculadas aos processos, foram feitos contatos com os possíveis pesquisados, verificando-se a possibilidade da concessão de informações para a pesquisa. Ressalta-se que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Federal de Viçosa. As famílias assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após receberem os esclarecimentos acerca dos objetivos e aspectos éticos da pesquisa, garantindo-lhes o anonimato.

Em um segundo momento, foram coletados dados de natureza quantitativa e qualitativa por meio de entrevistas (Apêndice 10) aos detentores da guarda dos filhos.

A entrevista é um processo de interação social entre entrevistador e entrevistado, na qual o primeiro busca informações sobre o segundo (HAGUETTE, 2003). Este instrumento possibilitou coletar informações sobre o perfil socioeconômico e demográfico dos entrevistados e de suas famílias. Além disso, foi possível caracterizar os nós e os laços das redes tecidas pelos detentores da guarda dos filhos; o processo de enfraquecimento, construção e, ou, consolidação das redes sociais; o papel das redes sociais na administração dos diferentes domínios da vida; e o processo administrativo dos diferentes domínios da vida.

3.5. Análise dos dados

Em relação às questões subjetivas da pesquisa, as entrevistas foram aplicadas no mês de junho de 2010, na residência das entrevistadas, e duraram em média uma hora e dez minutos. Foram gravadas conforme permissão dos sujeitos, e posteriormente foram transcritas.

As informações relativas aos dados socioeconômicos e demográficos não foram gravadas, mas respondidas no próprio documento pela pesquisadora. Para os dados quantitativos, foi utilizada a análise univariada, ou seja, cada variável foi estudada isoladamente e de forma descritiva (frequência, média, desvio-padrão).

Quanto aos dados qualitativos, foi feita a análise de conteúdo, que, segundo Bardin (2009, p. 21), “é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Essa análise visa produzir inferências sobre determinado conhecimento, baseando-se nas características do texto, nas suas causas e seus efeitos, ou seja, quem diz o que, a quem, como, com que efeito e por que (FRANCO, 2007).

Após a transcrição dos dados, foi realizada a categorização, ou seja, a classificação dos elementos constitutivos do conjunto por diferenciação, seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos. Estas categorias não foram definidas *a priori*, mas emergiram do conteúdo das falas (*a posteriori*) (PUGLISI; FRANCO, 2003).

Desse modo, a pesquisadora fez sucessivas leituras dos dados obtidos e elaborou as categorias analíticas do estudo. Foram feitas tabelas para cada categoria e as informações referentes às mesmas foram agrupadas, permitindo a descrição, quantificação dos dados e a busca por similaridades e disparidades nas falas.

3.6. Categorias de Análise

Para caracterizar o perfil socioeconômico e demográfico das entrevistadas e dos residentes na unidade doméstica, foram utilizadas as seguintes variáveis: número de membros na família, sexo, faixa etária, cor, religião, estado civil, escolaridade, tipo e condições da ocupação, renda, contribuição dos membros que possuem renda para o orçamento doméstico, e aspectos da infraestrutura da habitação e do bairro.

Para identificar e analisar o processo de enfraquecimento, construção e, ou, consolidação das redes sociais pelo detentor da guarda unilateral do filho, bem como o seu papel na administração dos diferentes domínios da vida, foi utilizada a categoria analítica 'redes sociais'. Essa categoria teve como premissa identificar as redes sociais para cada domínio da vida em termos de nós, sua ordem de importância, o tipo de laço, a situação da rede após a separação/divórcio (enfraquecida, consolidada ou construída), trocas existentes, e o seu papel na administração dos diferentes domínios da vida.

No sentido de analisar a administração dos diferentes domínios da vida pelo detentor da guarda unilateral do filho, antes e após a dissolução da sociedade conjugal, foram mensuradas as categorias analíticas (1) administração dos diferentes domínios da vida e (2) alterações na família.

É importante ressaltar que, neste estudo, foram adaptados os domínios propostos por Addams (2005). As esferas amizades e vizinhança, por se constituírem como redes de apoio social, foram retiradas, sendo incluídas as esferas educação (dos filhos e pessoal), trabalho doméstico e cuidados com os filhos aos demais domínios citados pelo autor. Além disso, o termo vida familiar não foi utilizado para um domínio específico, uma vez que se acredita que o mesmo é contemplado nos domínios anteriormente citados, visto que a unidade familiar foi o objeto de estudo desta pesquisa.

Foi necessário incluir o domínio educação no sentido de averiguar se a separação/divórcio influenciou na aspiração da mulher que ficou com a guarda dos

filhos em buscar capacitação profissional e também se o rompimento do laço familiar afetou a educação dos filhos. Já com relação ao domínio trabalho doméstico, foi interessante investigar a quem pertencia esse papel dentro do grupo familiar e qual foi a mudança e apoios recebidos no desempenho da atividade doméstica com a separação/divórcio.

Para fins de compreensão, neste estudo os domínios da vida foram definidos da seguinte maneira:

- Trabalho remunerado: atividade formal ou informal com remuneração.
- Renda familiar: renda de todos os membros familiares provenientes de atividade remunerada, pensão alimentícia, programas sociais, ajudas, entre outros.
- Educação pessoal: toda forma de capacitação, investimento e busca de informação/instrução para a vida pessoal e profissional.
- Trabalho doméstico: atividade não remunerada realizada no âmbito doméstico, relacionada à higiene, conservação e manutenção do lar.
- Cuidado com os filhos: atividades relacionadas à puericultura e companhia dos filhos.
- Educação dos filhos: relacionada à educação comportamental e escolar dos filhos.
- Saúde: relacionada à saúde pessoal e familiar.
- Lazer: atividades realizadas no tempo livre e que proporcionam prazer e bem-estar.
- Vida espiritual: aquilo que traz sentido e propósito à vida dos indivíduos, relacionada à religiosidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão foram estruturados em três seções. A primeira descreve o perfil socioeconômico e demográfico das entrevistadas e da unidade doméstica; a segunda caracteriza as redes sociais; e a terceira discute a administração dos diferentes domínios da vida e as alterações na família após a separação ou o divórcio.

4.1. Perfil Socioeconômico e Demográfico dos Entrevistados e da Unidade Doméstica

Nesta seção, buscou-se analisar a composição da unidade doméstica com intuito de obter informações referentes aos entrevistados e aos residentes da unidade doméstica. As informações foram pautadas em questões como grau de parentesco, sexo, idade, cor, religião, estado civil, escolaridade, formalidade do trabalho, horas trabalhadas diariamente, renda, contribuição com o orçamento doméstico e aspectos da infraestrutura da habitação e do bairro.

4.1.1. Perfil Socioeconômico e Demográfico dos Entrevistados

Todos os entrevistados eram do sexo feminino, com idade mínima de 27 e máxima de 48 anos (com o nascimento variando entre 1983 e 1962), e a média de idade foi de 36 anos.

No tocante à vida conjugal, as entrevistadas relataram que o tempo de duração do casamento variou entre 2 e 20 anos, com média de 11,4 anos de duração (desvio-padrão de 5,6 anos). Quanto à idade das mulheres na ocasião da separação, a média foi de 33 anos, o que se aproxima dos dados do IBGE (2008), que apontam que a idade média das mulheres no momento da separação e divórcio é de 35 e 40 anos, respectivamente.

No que se refere ao estado civil das entrevistadas no período da pesquisa, 14 entrevistadas encontravam-se separadas judicialmente e 4 estavam divorciadas. O número de separação consensual foi relevante dentre os processos que tramitavam na Justiça e que foram utilizados na pesquisa, totalizando 11, ao passo que as separações litigiosas corresponderam a 3. Dentre as entrevistadas que se encontravam divorciadas, o número de divórcio consensual sobressaiu, totalizando 3, e apenas 1 entrevistada havia se divorciado litigiosamente.

No que se refere ao número de filhos, a média foi de 2, variando entre 1 e 3 filhos.

No que se refere à residência com membros da família extensa (pais, avós, irmãos, tios, dentre outros), observou-se que nenhuma das entrevistadas encontrava-se residindo com os mesmos, e 1 compartilhava sua residência com uma amiga.

A cor predominante entre as entrevistadas foi a branca, em um total de 9, seguidas de 7 que tinham a cor parda.

Quanto à religião, 15 entrevistadas declararam ser da religião católica.

O grau de escolaridade das entrevistadas apresentou discrepâncias: 8 entrevistadas não haviam concluído o ensino fundamental; 4 haviam concluído o ensino superior e, dessas, 2 possuíam pós-graduação *Lato Sensu* completa e 1 estava com pós-graduação *Stricto Sensu* em andamento (Tabela 2).

Quanto à ocupação, observou-se uma heterogeneidade das funções das entrevistadas: 17 possuíam atividade remunerada, com maior frequência no setor de serviços domésticos gerais.

Cabe ressaltar que a entrevistada cuja ocupação era estudante foi classificada como atividade remunerada, pois era ingressa na pós-graduação *Stricto Sensu* e recebia bolsa de agência pública de fomento. Uma entrevistada não estava inserida em atividade remunerada e exercia apenas as atividades “do lar”. Esses dados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Perfil socioeconômico das entrevistadas, Viçosa/MG, 2010

Entrevistada	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Ocupação	Carteira assinada	Trabalho horas/dia	Remuneração (R\$)
1	44	Separada	Superior incompleto	Vendedora	Não	Esporádico	510,00
2	40	Separada	Fundamental incompleto	Zeladora	Sim	6*	300,00
3	44	Separada	Fundamental incompleto	Diarista	Sim	5*	260,00
4	48	Separada	Fundamental incompleto	Diarista	Não	4*	180,00
5	29	Divorciada	Médio completo	Empregada Doméstica	Não	8	510,00
6	30	Separada	Fundamental incompleto	Do lar	Não	10**	0
7	30	Separada	Médio completo	Coordenadora de Cobrança	Sim	9	1.300,00
8	36	Divorciada	Fundamental incompleto	Garçone/ Manicure	Não	Esporádico	300,00
9	35	Separada	Fundamental incompleto	Empregada Doméstica	Não	4	255,00
10	47	Separada	Superior completo	Professora	Sim	9	2.500,00
11	41	Divorciada	Fundamental incompleto	Empregada Doméstica	Sim	12	510,00
12	28	Separada	Médio completo	Técnica em Enfermagem/ Agente de Saúde	Sim/Não	10	1.300,00
13	40	Separada	Superior completo/Pós-graduada	Professora	Sim	9	2.500,00
14	35	Separada	Médio incompleto	Empregada Doméstica/Cabeleireira	Sim/Não	11	1.090,00
15	35	Separada	Superior completo/Pós-graduada	Professora	Sim	8	1.000,00
16	30	Divorciada	Médio completo	Promotora de Vendas	Sim	7	510,00
17	27	Separada	Superior completo/Pós-graduanda	Estudante	Não	12	1.200
18	27	Separada	Fundamental incompleto	Diarista	Não	5*	150,00

Fonte: Dados da Pesquisa.

* A entrevistada trabalhava em dias alternados durante a semana, citando, assim, a sua carga horária por dia trabalhado.

** A entrevistada relatou que no âmbito doméstico ela executa 10 horas de trabalho diariamente, cuja ocupação não lhe competia remuneração.

Fazendo uma relação entre o nível de escolaridade das entrevistadas e suas atividades remuneradas, observou-se que o grau de instrução estava diretamente relacionado à ocupação exercida. Segundo o IBGE (2008), maiores níveis de escolaridade garantem melhores oportunidades de inserção qualificada no mercado de trabalho. Nesse mesmo escopo, a teoria do capital humano postula a relação direta entre o grau de instrução de um indivíduo, a sua ocupação profissional e o seu retorno monetário (BECKER, 1962).

Além disso, Ladeira et al. (2003) afirmam que a necessidade e as possibilidades que as mulheres têm de trabalhar dependem tanto de fatores econômicos quanto da posição que elas ocupam no grupo familiar, ou seja, a disponibilidade da mulher para o trabalho fora do âmbito doméstico é determinada tanto por características pessoais, como idade, estado civil e escolaridade, quanto pelo número e faixa etária dos filhos, etapa do ciclo de vida familiar e, também, por características do próprio ambiente, como o nível socioeconômico da família.

Conforme Hirata (2002), o trabalho feminino se concentra em setores como serviços pessoais, saúde e educação. A autora pontua, ainda, a existência de um quadro de bipolarização, no qual de um lado se encontram profissionais altamente qualificadas, com remuneração compatível com seu cargo, e, no outro extremo, trabalhadoras ditas de “baixa qualificação”, com salários baixos e tarefas sem reconhecimento e valorização profissional.

Com relação à formalidade do trabalho, conforme evidenciado na Tabela 2, 10 possuíam carteira assinada¹¹, 6 estavam inseridas no mercado informal, e 1 era estudante de pós-graduação, o que não lhe dá direito à carteira assinada, embora tivesse remuneração na atividade. A carga horária de trabalho variou entre 4 e 12 horas por dia, com uma média de 8 horas. Foram desconsideradas dessa análise as entrevistadas que desenvolviam atividade de maneira esporádica.

Dessa maneira, segundo Hirata (2002, p. 146), “os vínculos de emprego se tornam cada vez mais precários com o aumento do desemprego de longo prazo, de formas ditas ‘atípicas’ de emprego e da flexibilidade no uso da força de trabalho.”

¹¹ Ressalta-se que as entrevistadas 8, 12 e 14 possuíam mais de uma ocupação. Contudo, na análise da formalidade do trabalho (carteira assinada) foi contabilizada como atividade formal a entrevistada que tinha carteira assinada em pelo menos uma das ocupações.

A renda proveniente da atividade remunerada das entrevistadas variou entre R\$ 150,00 e R\$ 2.500,00, e a média foi de R\$ 689,55 (desvio-padrão de R\$ 690,17).

Ressalta-se, ainda, que 6 entrevistadas possuíam rendimentos inferiores a um salário mínimo¹² e, destas, todas possuíam baixo nível de escolaridade, o que correspondeu ao ensino fundamental incompleto, e 4 estavam inseridas no mercado informal e 2 possuíam carteira assinada e trabalhavam em dias alternados. Fazendo menção à disparidade de renda, pode-se constatar que as entrevistadas que detinham maior qualificação possuíam os maiores salários.

Das entrevistadas, 16 declararam receber pensão alimentícia destinada a seus filhos menores de idade; uma a recebia em forma de compra de produtos alimentícios, outra em forma de pagamento da mensalidade escolar do filho, e uma relatou não receber continuamente. Outras duas entrevistadas disseram não receber pensão do ex-cônjuge. Nesse sentido, Rabelo et al. (2008) pontuam que, quando a guarda dos filhos é destinada às mães, cabe aos pais o dever de prover o sustento dos mesmos, destinando certa quantia a título de pensão alimentícia.

De acordo com o Código Civil de 2002, o art. 1.703 destaca que “*para a manutenção dos filhos, os cônjuges separados judicialmente contribuirão na proporção de seus recursos*”, por conseguinte o art. 1632 assegura que “*A separação judicial, o divórcio e a dissolução da união estável não alteram as relações entre pais e filhos senão quanto ao direito, que aos primeiros cabe, de terem em sua companhia os segundos*”. Destaca-se assim a obrigação de prover o sustento alimentar e a segurança dos filhos àquele que não mais dispõe da convivência permanente dos mesmos, uma vez que, em decorrência do divórcio e separação, não ocorre modificações nos direitos e deveres dos pais em relação aos filhos.

O valor da pensão variou de R\$ 93,00 a R\$ 2.550,00, sendo a média de R\$ 619,94 (desvio-padrão de R\$ 732), conforme mostra a Tabela 3:

¹² Equivalente ao salário mínimo vigente no Brasil no período da entrevista, no valor de R\$ 510,00.

Tabela 3 – Caracterização da renda proveniente de pensão alimentícia recebida pelas entrevistadas dos ex-cônjuges, Viçosa/MG, 2010

Entrevistada	Nº de filhos sob a guarda materna	Pensão Alimentícia (R\$)
1	2	2.550,00
2	2	1.290,00
3	2	566,00
4	1	100,00
5	1	170,00
6	2	250,00
7	1	160,00
8	2	1.800,00
9	3	250,00*
10	1	1.300,00
11	1	0
12	2	100,00
13	2	640,00
14	2	150,00
15	1	200,00**
16	2	300,00
17	1	0
18	2	93,00

Fonte: Dados da pesquisa.

*Ressalta-se que a entrevistada recebe como forma de pensão a compra mensal de alimentos no valor de R\$250,00, cujo objetivo visa suprir as necessidades básicas diárias da família.

**Ressalta-se que a entrevistada recebe como forma de pensão o pagamento de mensalidade escolar no valor de R\$ 200,00.

No que se refere aos valores recebidos pelas mães detentoras da guarda dos filhos, mais da metade (10) possuía pensão inferior a um salário mínimo. De acordo com Novellino (2004), diante do processo de dissolução conjugal existe uma transferência de renda que corresponde à parte do salário do marido destinada à mulher para suprir as necessidades e manutenção das despesas. Contudo, quando o processo de dissolução matrimonial cessa e o divórcio é concretizado, fica estabelecida uma pensão alimentícia. No entanto, é provável que, com a separação, a mulher venha receber um pagamento inferior ao que recebia quando ainda estava casada, podendo muitas vezes nem chegar a receber. Esse é o caso de duas das entrevistadas que não possuíam pensão do ex- cônjuge.

No que tange à renda proveniente de outras fontes (aluguel de imóvel, ajudas de programa social e de parentes), esta girou em torno de R\$ 42,00 a R\$ 800,00, com média de R\$ 100,11 (desvio-padrão de R\$208,52).

4.1.2. Perfil Socioeconômico e Demográfico da Unidade Doméstica

No que diz respeito à relação de parentesco, 34 indivíduos eram filhos de pessoas entrevistadas; 1 era neto; e 1 não possuía relação de parentesco, sendo amiga da entrevistada. O número médio de moradores por unidade doméstica¹³ foi de 3, sendo a variação de 2 a 4 indivíduos.

Com relação ao sexo¹⁴, 17 indivíduos eram do sexo masculino e 19 do sexo feminino com uma variação de idade entre 4 e 24 anos (tendo nascido entre os anos de 1987 e 2006), e a idade média foi de 12 anos. Vale ressaltar que 18 eram de cor branca, seguidos de 14 com a cor parda.

Quando questionados sobre religião, notou-se predominância da religião católica (n=30). No tocante ao estado civil, todos os indivíduos encontravam-se solteiros.

No que concerne ao grau de instrução, a maioria possuía ensino fundamental incompleto (19), conforme ilustra a Figura 4:

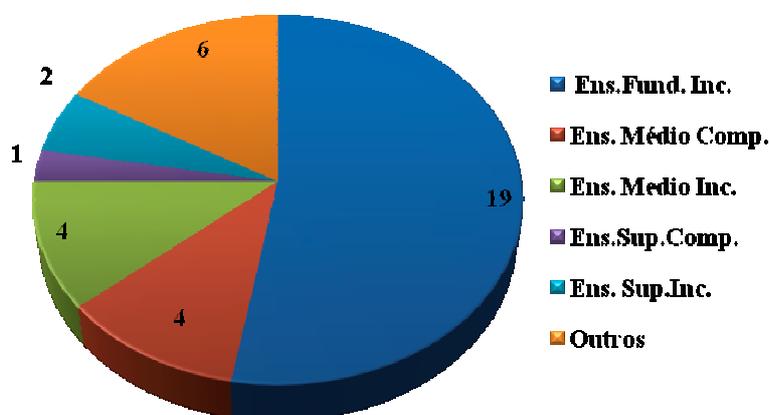


Figura 4 – Caracterização da escolaridade dos indivíduos da unidade doméstica, Viçosa/MG, 2010.

Fonte: Dados da pesquisa.

¹³ Utilizou-se o termo unidade doméstica e não unidade familiar em virtude de uma das residências ser composta, além dos membros familiares, por uma amiga.

¹⁴ Na descrição do sexo, raça, religião, estado civil, escolaridade e ocupação, foram desconsiderados os dados referentes às entrevistadas, levando em conta somente os demais residentes da unidade doméstica. Já no número de residentes da unidade doméstica e na renda doméstica mensal, os dados das entrevistadas foram contabilizados juntamente com os dos demais moradores, visto que para essas variáveis deve-se considerar a unidade doméstica como um todo.

No que se refere à ocupação, a maioria dos indivíduos era estudantes (32), sendo grande parte os filhos das entrevistadas; 2 estavam sem ocupação na época da entrevista; e, outros 2 exerciam atividade remunerada. Esses últimos atuavam como recepcionistas, e apenas um tinha carteira assinada e nenhum contribuía com o orçamento familiar.

Conforme mostra a Tabela 4, a renda doméstica mensal concentrou-se na atividade remunerada das entrevistadas, pensão, ajudas de programas sociais¹⁵ e parentes. Seu valor variou de R\$ 280,00 a R\$ 3.800,00, sendo a média de R\$ 1.560,35, correspondente a aproximadamente 3 salários mínimos (desvio-padrão de R\$ 1.134,34). A renda *per capita* variou de R\$ 114,66 a R\$ 1046,66, com média de R\$ 519,97, correspondente a aproximadamente um salário mínimo (desvio-padrão de R\$ 316,91). Dessa forma, constatou-se que 3 unidades domésticas possuíam renda mensal igual ou inferior a um salário mínimo.

Outra constatação interessante é que, para 10 unidades domésticas, mais de 50% da renda era proveniente da atividade remunerada da entrevistada, indo ao encontro dos achados de Dermott (2006) e Silva (2005) sobre a reconfiguração do papel da mulher no orçamento doméstico.

Com relação à contribuição com o orçamento doméstico, dos 20 indivíduos que possuíam atividade remunerada 18 colaboravam com o orçamento, como pode ser visualizado na Tabela 4. Desses, 16 dedicavam 100% de sua renda ao orçamento doméstico e 2 contribuía com 42% e 80%, respectivamente.

No que tange aos aspectos da infraestrutura habitacional, verificou-se que 14 respondentes possuíam residência própria; 2, residência emprestada, e 2, residência alugada. Esses dados vêm ao encontro dos dados da Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílio (PNAD, 2009), que destaca que, em 2009, o número de domicílios particulares permanentes foi estimado em 58,6 milhões de unidades, dos quais 73,6% eram próprios, 17% alugados, e, 8,8% cedidos. A média de cômodos girava em torno de 6,9 cômodos e todas as residências possuíam energia elétrica e água encanada.

¹⁵ As entrevistadas declararam possuir renda proveniente de políticas assistenciais, sobretudo Bolsa Família. Segundo o IBGE, um dos focos das políticas públicas nos municípios brasileiros é o combate ao trabalho infantil. Segundo as diretrizes constantes na Constituição Federal e na Lei Orgânica da Assistência Social, os municípios são as instâncias responsáveis pela implementação de políticas socioassistenciais, sobretudo aquelas referentes a políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes.

Tabela 4 – Caracterização da renda mensal, renda *per capita* e contribuição dos residentes com o orçamento das unidades domésticas, Viçosa/MG, 2010

Família	Renda mensal	Renda <i>per capita</i>	% proveniente da remuneração da entrevistada	Nº de residentes da unidade doméstica	Nº de residentes que contribuem com a renda da unidade doméstica	% de residentes que contribuem com a renda da unidade doméstica
1	R\$ 3.060,00	R\$ 1.020,00	17	3	1	33
2	R\$ 2.780,00	R\$ 695,00	11	4	1	25
3	R\$ 826,00	R\$ 275,33	31	3	1	33
4	R\$ 280,00	R\$ 140,00	64	2	1	50
5	R\$ 770,00	R\$ 385,00	66	2	1	50
6	R\$ 344,00	R\$ 114,66	0	3	0	0
7	R\$1.460,00	R\$ 730,00	89	2	1	50
8	R\$ 2.100,00	R\$ 700,00	14	3	1	33
9	R\$ 719,00	R\$ 179,75	35	4	1	25
10	R\$ 3.800,00	R\$ 950,00	66	4	1	25
11	R\$ 652,00	R\$ 163,00	78	4	1	25
12	R\$ 1.400,00	R\$ 466,66	93	3	1	33
13	R\$ 3.140,00	R\$1046,66	80	3	1	33
14	R\$ 1.240,00	R\$ 413,33	88	3	1	33
15	R\$ 1.650,00	R\$ 825,00	61	2	1	50
16	R\$ 810,00	R\$ 270,00	63	3	1	33
17	R\$ 2.600,00	R\$ 866,66	46	3	2	66
18	R\$ 355,00	R\$ 118,33	42	3	1	33

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao destino do esgoto, 16 respondentes relataram que o destino era a rede pública, ao passo que para 2 era córrego e fossa. De acordo com IBGE (2009), no período entre 1998 e 2008, houve um acréscimo no acesso simultâneo a serviços de saneamento, que passou de 56,6% para 61,0%. Nos serviços de abastecimento de água, 8,1% dos domicílios não tinham este serviço, reduzindo-se, em 2008, para 6,8%.

No que concerne aos serviços, constatou-se que 17 unidades domésticas possuíam acesso, em seu bairro, a telefones públicos; 13, a creches; 10, a escolas de ensino fundamental; 9, a postos de saúde; 5, aos correios; 4, a áreas de lazer e escola de ensino médio; e 1 a outros serviços, como açougues, farmácias e mercados.

4.2. Caracterização das Redes Sociais

Nesta seção, procurou-se discutir acerca das redes sociais de apoio às mães detentoras da guarda dos filhos para cada domínio da vida, ou seja, em relação à execução do trabalho remunerado, renda familiar, educação pessoal, trabalho doméstico, educação dos filhos, cuidado com os filhos, saúde, lazer e vida espiritual.

Para identificar os nós e os laços de cada domínio da vida, perguntou-se as entrevistadas sobre as pessoas e, ou, instituições (nós) que deram apoio ou a quem tiveram que recorrer para melhor administrar os diferentes domínios da vida. Ressalta-se que a definição do número de nós da rede social de apoio por domínio da vida ficou a cargo de cada entrevistada, tendo variado, assim, de 1 a 4 nós. Cada nó foi classificado pela sua importância para a entrevistada naquele domínio em uma escala ordinal (rede primária, secundária, terciária e quaternária) e pela intensidade do apoio (tipo de laço).

Cabe esclarecer que, neste estudo, buscou-se dar voz às entrevistadas para a classificação da intensidade dos laços. Para cada nó citado, as depoentes foram questionadas quanto à intensidade do apoio recebido e as mesmas o classificaram como forte, médio ou fraco. Dessa maneira, nesse ponto foi possível identificar uma diferença do estudo de Granovetter (1983) *apud* Broderick,1993), que classifica as redes de laço em forte e fraco e não pontua os laços medianos.

Questionou-se, também, se as redes foram enfraquecidas, construídas e, ou, consolidadas (aquelas que já existiam durante o casamento e se mantiveram após a dissolução conjugal, permanecendo estável ou se fortalecendo) após a separação ou divórcio e se este fato tinha relação com a dissolução conjugal. Além disso, as entrevistadas foram questionadas se depois da separação ou divórcio findou-se o apoio recebido de alguma pessoa e, ou, instituição e, também, se existia alguma troca entre a entrevistada e as redes sociais.

4.2.1. Domínio: Trabalho Remunerado

Segundo as entrevistadas, pôde-se perceber que, para realizarem o *trabalho remunerado*¹⁶, buscaram o apoio tanto da rede informal (família, vizinha) quanto da rede formal (escola/creche, babá e empregada doméstica).

¹⁶ Os dados referentes ao nó, laço, e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio trabalho remunerado se encontra no Apêndice 1.

Rapoport e Piccinini (2004) mencionam as novas opções para o cuidado com os filhos por causa do trabalho feminino, relatando o rompimento da rede de apoio familiar e de vizinhança, dada a distância geográfica, a diminuição no tamanho da família e o isolamento dos indivíduos. Os autores pontuam, assim, a opção da creche ou da empregada doméstica como maneiras de possibilitar à mulher o acesso ao mercado de trabalho. Nesse estudo, não foi verificado o rompimento da rede informal, conforme mencionado anteriormente.

Apesar de as depoentes terem feito referência ao apoio da rede formal, o principal apoio relatado foi o que partiu das mães das entrevistadas (5 citações), o que pode ser percebido tanto na rede de maior importância (primária) quanto na de menor importância (secundária), como descrito na Tabela 5:

Tabela 5 – Redes sociais de apoio ao trabalho remunerado das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Mãe	3	2	-
Filha	2	-	-
Escola/creche	2	-	-
Irmã	2	2	-
Vizinha	1	2	-
Sogra	1	-	-
Empregada doméstica	1	-	-
Babá	1	-	-
Tia	-	1	-
Madrinha do Filho	-	-	1
Total	13	7	1

Fonte: Dados da Pesquisa.

Ressalta-se, ainda, que o somatório da rede primária informal totalizou 9 citações e, em contrapartida, a rede de apoio formal totalizou 4. Mesmo em menor número, o apoio da rede formal é expressivo, sendo notado um laço de dependência com a mesma para o trabalho remunerado conforme relato de uma das entrevistadas:

A babá foi justamente por não ter mais com quem deixar ela. Quando eu me vi sem ele e era ele que me dava o sustento até aí, eu precisei buscar uma babá pra ficar com ela, principalmente no período da manhã, porque é o período que eu saio pra trabalhar (Entrevistada 7).

A rede formal era acionada na falta da rede informal, principalmente durante o período em que as mulheres estavam envolvidas em atividades relacionadas ao trabalho remunerado.

É importante ressaltar, ainda, que, de um total de 18 entrevistadas, 3 não contavam com o apoio de nenhuma pessoa e, ou, instituição nesse domínio da vida e, para 2, a pergunta não se aplicava, uma vez que não exerciam o trabalho remunerado¹⁷.

Outro fator importante, demonstrado na Tabela 6 com relação à rede social primária, é que, para a maioria das entrevistadas (9), ela foi consolidada após a separação/divórcio, e para 6 foram fortalecidas em função do rompimento da sociedade conjugal dadas a necessidade e a intensidade do apoio; para 2, se mantiveram estáveis; e, para 1, o fortalecimento não teve relação direta com a separação/divórcio.

Tabela 6 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para o trabalho remunerado das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Situação	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Enfraquecimento	1	1	-
Consolidação	9	3	-
Construção	3	3	1
Total	13	7	1

Fonte: Dados da pesquisa.

A rede primária consolidada que se fortaleceu foi mãe e irmã, com 2 citações cada, e sogra e empregada doméstica, cada qual com 1 citação. Sobre o

¹⁷ Uma das entrevistadas, a que a pergunta não se aplica, não exercia trabalho remunerado, embora desenvolvesse uma atividade remunerada. Os questionamentos referentes a essa atividade foram considerados no domínio educação pessoal, visto que ela era estudante de mestrado e recebia bolsa de agência pública de fomento, conforme descrito anteriormente no perfil socioeconômico e demográfico.

fortalecimento do apoio, no depoimento a seguir é interessante notar a transferência de uma função antes exercida pelo ex-cônjuge para a de empregada doméstica:

Eu precisei contar mais com ela, porque igual eu estou citando esse negócio de compra mensal, de ir para o mercado, passei a deixar pra ela estar fazendo, porque era uma coisa que meu marido fazia antes. Então é ela que faz junto com a minha filha, entendeu? Então, assim, ela foi uma pessoa que eu tive e tenho que contar muito (Entrevistada 13).

Além disso, uma entrevistada citou que a rede escola se manteve estável após a separação ou divórcio, e outra fez a mesma citação para a rede filhas. Para outra entrevistada, a rede filhas se fortaleceu, mas não foi em função da separação ou do divórcio. O que ocasionou a mudança foi o ciclo de vida das filhas, uma vez que, com a idade mais avançada, tiveram condições de ajudar a mãe nas tarefas domésticas, possibilitando a ela exercer o trabalho remunerado.

Constatou-se que, para 12 entrevistadas, o laço da rede primária era forte e para 1 era fraco. A intensidade do laço pode ser visualizada na fala a seguir:

A gente [família extensa] tem uma relação tão forte, então a gente vive tão junto que a gente participa muito da vida um do outro né, tanto eu deles, como eles da minha. Já tem essa aproximação muito forte, então fica fácil né, qualquer coisa que eu precisar eu sei que eu posso pegar e falar, vai ser dessa forma, não vai ser dessa, a aproximação facilita (Entrevistada 1).

Na fala anterior, pode-se notar que a entrevistada relatou que o laço forte entre os membros da família extensa facilitava a busca pelo apoio nos momentos de necessidade. O apoio social pode ser diferenciado em percebido e recebido: o primeiro é aquele em que o indivíduo percebe como disponível para os momentos em que precisar dele, e o segundo é o apoio social que foi recebido por alguém (CRAMER et al., 1997 *apud* OLIVEIRA, 2009).

Para 7 entrevistadas que citaram o apoio de um segundo membro, 3 relataram a construção da rede secundária após a separação ou divórcio; para duas foi em função da separação/divórcio (mãe-1, irmã-1); e para uma, em função da necessidade de apoio dada à inserção da filha na escola (tia-1). Outras 3 entrevistadas citaram a consolidação do apoio. Para 2, o apoio se manteve estável (mãe-2) e, para 1, se fortaleceu (irmã). Uma entrevistada relatou o enfraquecimento, por motivos de doença, da rede secundária vizinha.

Cinco entrevistadas relataram que o laço da rede secundária era forte; 1, médio; e 1 fraco.

Uma entrevistada citou a construção da rede terciária com a madrinha de sua filha em função da separação, considerando fraco o laço dessa rede.

A Figura 5 esboça a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para o trabalho remunerado (redes primárias), sendo possível observar o tipo de laço (forte ou médio) que foi identificado a partir do relato da maioria das entrevistadas sobre a intensidade do laço de cada componente da rede.

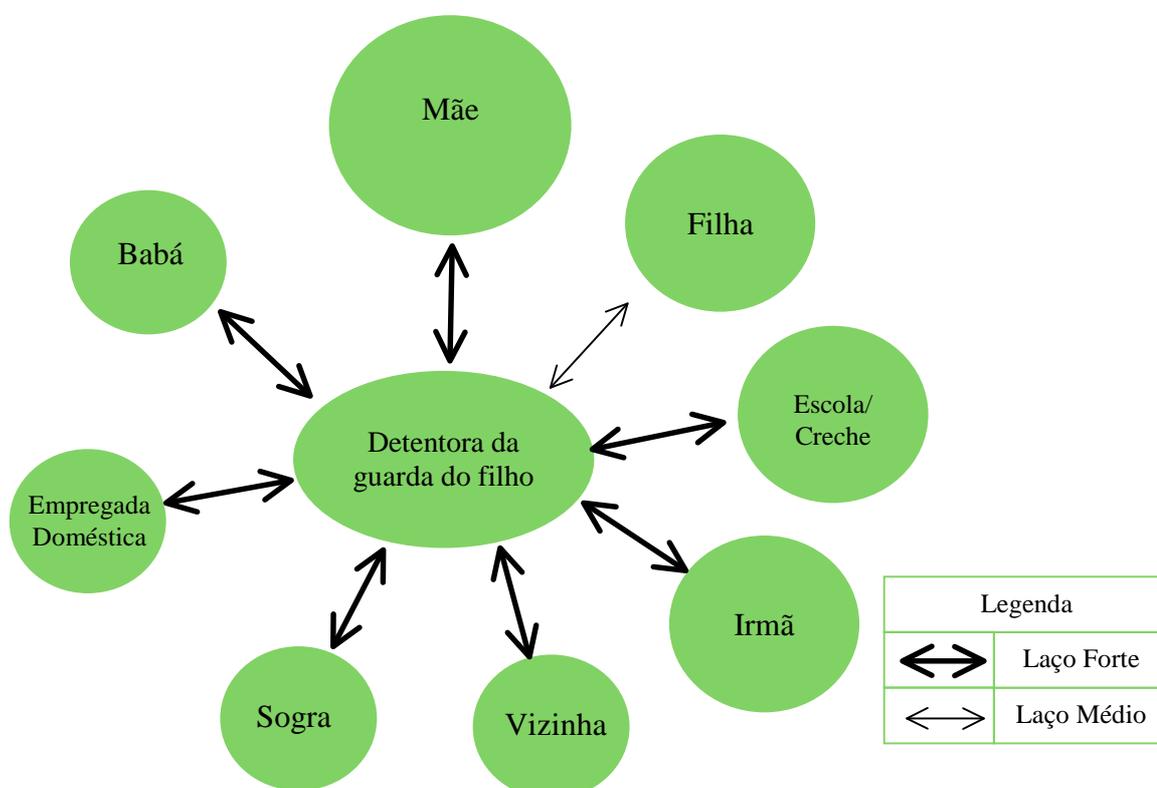


Figura 5 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio ao trabalho remunerado, Viçosa/MG, 2010.

Fonte: Dados da pesquisa.

No caso do trabalho remunerado, uma entrevistada relatou que o laço com a filha era forte e outra, que era fraco. Então, como nesse caso não houve uma concordância, o laço foi classificado como médio, representando, assim, uma opção

entre a opinião das duas entrevistadas. Além disso, o tamanho do círculo de cada componente variou de acordo com o número de citações que ele obteve conforme demonstrado na Tabela 5¹⁸.

Além disso, de um total de 4 entrevistadas que relataram ter perdido algum apoio após a separação/divórcio, 3 citaram a ajuda do ex-cônjuge para o desempenho do trabalho remunerado:

Ele me ajudava com a parte doméstica da casa, ajudava com o banho dela, ajudava na lição, dava almoço pra ir pra escola, então eu podia contar com ele nessa parte toda. Na verdade, quando a gente se separou de pouco, ele continuou vindo, colocando ela pra escola, só que aí eu pedi pra não vir mais porque não me fazia bem. Eu cortei esse apoio dele, aí coloquei a babá pra fazer, porque não era bom pra mim, um contato muito próximo com ele (Entrevistada 7).

Ele às vezes só ficava com as crianças pra eu trabalhar, o dia que ele não tava trabalhando, no horário que ele não tava, porque ele trabalha meio período só. Ele ajudava a olhar, mas daí a pouquinho, levava as crianças pra mim de novo e saía (Entrevistada 8).

Dessa forma, retomando Williams e Bryant (2006), a negociação em torno da guarda dos filhos e o processo de visitação exige que os cônjuges divorciados mantenham contato um com o outro durante todo o processo de dissolução matrimonial, o que pode dificultar a adaptação ao divórcio, quando há filhos pequenos. Em contrapartida, as autoras pontuam que indivíduos sem filhos ou com filhos em idade adulta se adaptam mais facilmente ao divórcio, uma vez que, sem contato contínuo entre os ex-cônjuges, há um declínio dos conflitos.

Além disso, um fator interessante que pode ser observado nas falas anteriores é o tipo de apoio prestado pelo ex-cônjuge em diferentes áreas da vida para que a mulher pudesse exercer o trabalho remunerado, o que demonstra a interligação entre os domínios da vida e, ainda, que o homem tem assumido outros papéis. Isso vai ao encontro do que foi pontuado por Gershuny et al., (1994) e Sullivan (2000), de que houve um incremento na participação masculina em atividades domésticas e de cuidado com os filhos (DERMOTT, 2006). Além disso, seja um apoio forte ou fraco, o rompimento do laço após a dissolução da sociedade conjugal se deu pela aspiração da mulher em cortar os vínculos emocionais.

¹⁸ Ressalta-se que essa explicação cabe às demais figuras que representam as redes sociais para cada domínio da vida.

Nesse mesmo escopo, Oliveira (2009) afirma que, em virtude da carga horária do trabalho feminino ou quando o horário de trabalho do homem se difere do da mulher, os homens têm se dedicado mais à tarefa de cuidado com os filhos. No entanto, a distribuição das responsabilidades no cuidado dos filhos nem sempre são paritárias.

Outrossim, uma entrevistada relatou o corte no vínculo com a empregada doméstica em virtude da redução da renda após o fim do casamento:

Era porque assim eu ficava mais tranquila, antes eu não me preocupava, porque tinha uma pessoa com eles. Igual a minha filha fica sozinha de manhã aí eu fico ligando a manhã toda pra saber como é que ela está. Hoje se for pra eu pagar uma pessoa para ficar na minha casa, aí já é uma despesa a mais que eu teria (Entrevistada 14).

Pode-se observar que a empregada representava um apoio para que a mulher pudesse exercer o trabalho remunerado com tranquilidade, uma vez que, ao cuidar da casa, ela também cuidava dos filhos da entrevistada. Dessa maneira, com o fim do casamento, houve uma redução na renda, sendo necessários alguns ajustes no trabalho doméstico e no cuidados com os filhos, o que, por sua vez, interferiu no trabalho remunerado. Dessa maneira, a qualidade de vida da mulher e de sua família também pode ter sofrido alterações em virtude do rearranjo nos diferentes domínios da vida.

Segundo Rabelo (2008), há uma relação entre a separação judicial e a qualidade de vida. No entanto, ao contrário do discutido anteriormente, a autora constatou que, na maioria das vezes, há um aumento na satisfação com a qualidade de vida.

As redes sociais são um importante instrumento para administração dos domínios da vida. Segundo Wolfe (1959, *apud* Teixeira, 2005), por meio da troca social os indivíduos buscam alcançar a satisfação de suas necessidades. Nesse mesmo sentido, Goldsmith (2000) afirma que por meio da troca social os indivíduos buscam a satisfação das suas necessidades para alcançar as suas metas.

Dessa maneira, o apoio das redes sociais para a realização trabalho remunerado envolveu, principalmente, o cuidado com os filhos e o cuidado doméstico.

Ela [babá] tem pra mim o cuidado com ela, né, é o cuidado de banho, pra sair arrumada, então ela já sai de banho tomado pra ir pra escola, de almoço, me ajuda também em termos de quando fica doente, eu posso

contar com ela para ficar com ela para mim, (...) e ajuda de certa forma também na lição dela (Entrevistada 7).

O principal que a gente combinava era isso, dela [irmã] ficar com as meninas, mas mesmo assim ela fazia as coisas para mim ainda. Quando eu chegava ou ela já tinha lavado a roupa, alguma coisa ela me adiantava, mas isso aí partia dela, não era combinado não, mas ela sempre fazia alguma coisa para me ajudar (Entrevistada 12).

De tudo. De pai, de mãe, de avô, de vó (risos). É porque a creche dá almoço, dá janta, dá café, dá tudo pra eles lá. Então, nossa, pra mim é tudo. Ai de mim se não fosse a creche (Entrevistada 16).

Como pode ser constatado nas falas anteriores, o cuidado vai desde a companhia, passando pela puericultura e pela educação, até os cuidados com a casa.

4.2.2. Domínio: Renda Familiar

Em se tratando da *renda familiar*¹⁹, uma entrevistada relatou não contar com o apoio de nenhuma rede nesse domínio. Em oposição às depoentes que relataram contar com o apoio (17), nota-se que, na rede primária, a maioria delas (12) citou o apoio do ex-cônjuge, o que é justificado pelo pagamento da pensão e, em segundo lugar, ficou o apoio do pai da entrevistada (4), conforme destacado na Tabela 7.

Para Portugal (1995), com relação às ajudas materiais, nota-se uma tendência em estudos realizados em diferentes países sobre a importância das transferências de recursos financeiros de pais para filhos, principalmente em fases de mudança do ciclo de vida. Do mesmo modo, conforme Sarti (2007), nos casos em que o homem não garante o sustento familiar e a mulher assume essa responsabilidade, ocorrem modificações nas relações de autoridade na família, abalando a autoridade masculina. No entanto, a “desmoralização”, que ocorre em virtude da perda da autoridade inerente ao papel de provedor, abala o sentimento de respeito proveniente de seus familiares, significando uma perda para a família, tendo a mesma que buscar uma compensação, ou seja, a substituição da referência masculina de autoridade por outros homens da rede familiar.

É importante citar também que, embora 16 entrevistadas tenham relatado o pagamento da pensão alimentícia pelo ex-cônjuge (para 14 o pagamento é em forma

¹⁹ Os dados referentes ao nó, laço e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio renda familiar se encontra no Apêndice 2.

de dinheiro, para outras 2, em forma de compra alimentícia ou mensalidade escolar), 12 consideraram o ex-cônjuge como um nó da rede de apoio social.

Tabela 7 – Redes sociais de apoio à renda familiar das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Ex-cônjuge	12	-	1
Pai	4	1	-
Irmã	1	-	-
Mãe	-	2	-
Madrinha do filho	-	4	-
Total	17	7	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Foi possível constatar que, para 11 entrevistadas, a rede social primária foi enfraquecida após a separação/divórcio; para 5, foi consolidada; e para 1, construída. É interessante observar que este é o maior número de entrevistadas que mencionou o enfraquecimento das redes sociais em todos os domínios da vida, o que é justificado pelo fato de 10 entrevistadas terem citado o ex-cônjuge como a rede mais importante (Tabela 8). Uma entrevistada citou o pai como a rede que foi enfraquecida após a separação pelo fato de a entrevistada contar com renda fixa proveniente de atividade remunerada.

Tabela 8 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para a renda familiar das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Situação	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Enfraquecimento	11	1	1
Consolidação	5	1	-
Construção	1	5	-
Total	17	7	1

Fonte: Dados da pesquisa.

O enfraquecimento do apoio pode ter se dado em virtude do pagamento da pensão ser, na maioria das vezes, menor que o aporte financeiro do ex-cônjuge durante o casamento, o que pode ser verificado nas falas seguintes:

Ele manteve dando as coisas, depois foi acertado com o juiz, mas hora nenhuma ele deixou faltar nada, porque ele sabia que não podia ser de outra forma, conhecia né, então isso aí ele fez, manteve. Lógico que não manteve como era antes, mas hora nenhuma deixou faltar. É lógico que mudou muito, muita coisa que podia ser feito antes hoje não pode. (Entrevistada 1).

(...) o salário dele não é muito, né, então ele joga na minha cara que o salário é pouco, mas ele dá os quarenta por cento do salário dele. Ele fala que eu também devo tudo, né, e ele teve que começar tudo de novo, né. Porque, assim, se eu não dependesse, se eu ganhasse mais, eu já tinha deixado isso só pros meninos. Já tinha abrido mão, porque é uma cobrança muito grande, entendeu? Diminuiu por completo. A mudança foi só na minha vida. Se eu quiser comprar qualquer coisa, eu mesmo tenho que trabalhar e comprar pra mim... (Entrevistada 3).

Eu acho fraco. Pelo fato dele não ter responsabilidade, eu acho muito pouco pra eu ter que cuidar de tudo sozinha. Antes, o dinheiro era igual, o dinheiro era todo pra casa... Hoje em dia ele dá 170 e eu que me viro, do meu jeito. (Entrevistada 5).

Dessa maneira, Minuchin et al. (1999) relatam que todas as famílias passam por conflitos e desacordos entre os membros, devendo desenvolver maneiras de lidar com o conflito e negociar suas diferenças. Carter e McGoldrick (2001) afirmam que, após o rompimento da sociedade conjugal, o problema mais imperativo para as mulheres é o econômico, uma vez que a antiga unidade doméstica precisa ajustar-se à vida em dois lares. Isso significa reajustamentos no padrão de vida da mulher, visto que a mesma geralmente ganha menos que o ex-cônjuge e não recebe pensão para suprir as reais necessidades dos filhos.

Em contrapartida, das 5 entrevistadas que consideraram que a rede primária para a renda familiar foi consolidada em função da dissolução conjugal, uma citou que o apoio do ex-cônjuge foi fortalecido, uma vez que o cônjuge contribuiu para o sustento familiar, mas quem administra a renda é a entrevistada:

O dinheiro aumentou. Ele tem a obrigação de me dar aquele tanto e eu administro direitinho, né, então não falta nada (Entrevistada 8).

Ainda sobre o fortalecimento da rede após a separação ou divórcio, uma entrevistada citou o pai e outra, a irmã. Outras duas entrevistadas consideraram que o apoio do pai se manteve estável. Além disso, uma entrevistada relatou a construção da rede primária de apoio à renda familiar (ex-cônjuge). Dessa forma, no depoimento

da entrevistada 16, foi possível observar que, durante o matrimônio, a ajuda recebida pelo cônjuge era nula, sendo a casa sustentada pela mulher e, após a dissolução conjugal, passou a existir a obrigatoriedade do pagamento da pensão alimentícia:

Aumentou, né, antigamente, quando éramos casados, ele não dava nada, agora dá pelo menos trezentos reais (Entrevistada 16).

Apesar do apoio da rede primária ter se enfraquecido após a separação ou divórcio, na percepção de 9 entrevistadas o laço ainda foi considerado forte por ser de fundamental importância para a unidade familiar; para 6, o laço foi considerado fraco; e, para 2, médio. Esses achados corroboram o estudo de Portugal (2006), que afirma que um laço pode ser forte sem que através dele circule uma gama de apoios e sem que exista uma frequência elevada de contatos.

A rede secundária, mencionada por 7 entrevistadas, foi, para a maioria (5), construída em função da separação/divórcio (mãe-2, madrinha-2, pai-1). Constatou-se que 4 depoentes classificaram o laço como fraco; 2, como fraco e 1, médio.

A rede terciária foi expressa por apenas uma entrevistada que mencionou o enfraquecimento do apoio do ex-cônjuge e considerou o laço como fraco.

A Figura 6 mapeia a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para a renda familiar (redes primárias):

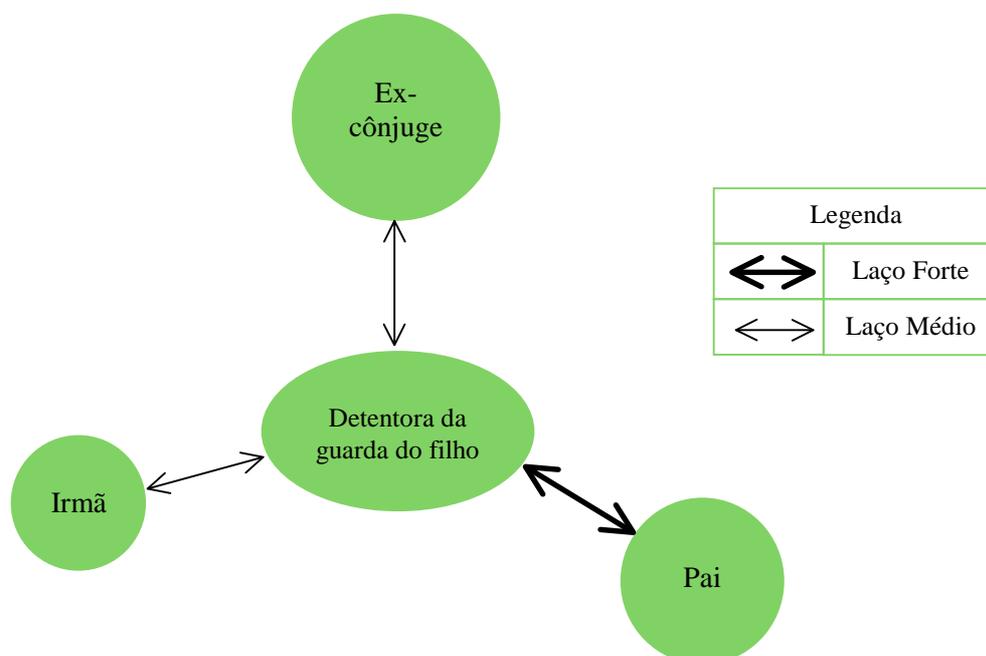


Figura 6 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio à renda familiar, Viçosa/MG, 2010.

Fonte: Dados da pesquisa.

Outrossim, 3 entrevistadas relataram a perda de apoio do ex-cônjuge para a renda familiar após a dissolução do matrimônio, e isso ocorreu mesmo para as entrevistadas que receberam pensão, conforme as falas seguintes:

Não mudou muito não, a única coisa é que ele fazia as compras, ficava com a parte pesada, mas o resto era comigo mesmo. Na época que ele dava era forte sim, porque não podia contar com mais coisa, só o básico e olhe lá. Não conto não, o meu dá. O meu tem dado, eu acho melhor assim. Mesmo se ele quisesse dar pra mim, eu não ia aceitar não. Agora se as meninas quisessem, podia. Nem quando nós éramos casados eu não aceitava, cada um dava a sua parte e pronto acabou (Entrevistada 11).

Igual eu falei o negócio da pensão, ele manda a pensão para as meninas, agora ele está mandando, tem uns quatro meses que está mandando direto, mas não dá para contar com esse dinheiro todo mês (Entrevistada 12).

Uai, assim, as compras ele fazia, mas eu nunca pude contar muito. Então por isso que eu falo que é médio. Eu sempre procurei trabalhar e comprar minhas coisas... Eu era independente. Ele era muito assim de humor. A gente tinha que aproveitar o dia que ele estava bom pra comprar, e no outro dia ele estava ruim. Eu não conto com ele nesse sentido de dinheiro e mais nada. Ah, nem que eu queira contar... (Entrevistada 15).

Com relação ao papel das redes sociais, o ex-cônjuge foi citado principalmente para o pagamento da pensão alimentícia. Embora algumas tenham classificado o apoio como fraco, outras relataram o apoio para além da pensão, como o pagamento de mensalidade escolar, plano de saúde e itens do vestuário. O apoio fornecido pelo pai da entrevistada referiu-se à ajuda financeira e compra de produtos alimentícios.

4.2.3. Domínio: Educação Pessoal

No que se refere à *educação pessoal*²⁰, 10 entrevistadas relataram não ter passado por nenhum processo de educação formal, capacitação ou aperfeiçoamento durante o casamento e nem após o fim do matrimônio. Além disso, 4 relataram não contar com o apoio de ninguém nesse aspecto da vida.

De 4 entrevistadas que expuseram contar com a ajuda de alguma pessoa e, ou, instituição nesse domínio da vida, duas relataram que o apoio mais importante foi prestado pela mãe. Além disso, uma entrevistada citou o apoio de ambos os pais, enquanto uma citou o apoio de um advogado:

²⁰ Os dados referentes ao nó, laço e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio educação pessoal se encontra no Apêndice 3.

Aí, tudo o que você perguntar você pode por ela [mãe], é ela mesmo. Começou a me ajudar pelo fato de eu poder também... Igual, quero tentar melhorar alguma coisa na minha vida, já que deu tudo errado (Entrevistada 5).

Eles [pais] sempre me incentivaram, sempre quiseram que eu estudasse mais. Sempre pintava uns cursos, eles falavam, ah, porque você não faz? Entendeu? Ficam sabendo de tal coisa, ah vai ter tal coisa, porque você não faz? Não mudou muito não (Entrevistada 15).

Esses resultados estão de acordo com o estudo de Minuchin et al. (1999), que dizem que na maior parte das famílias há diversos padrões de aliança, que envolvem pessoas que são emocionalmente próximas e oferecem apoio mútuo. Sarti (2007) também afirma que, em virtude da gama de uniões instáveis e empregos precários, os problemas enfrentados pela família para a realização dos papéis no núcleo conjugal envolvem a rede de parentesco na tentativa de viabilizar a existência familiar.

Na rede de menor importância, o apoio de irmãos foi citado por duas entrevistadas, que relataram contar com um apoio secundário, assim como o apoio da madrinha, que foi relatado por uma entrevistada na rede terciária, conforme apresentado na Tabela 9:

Tabela 9 – Redes sociais de apoio à educação pessoal das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Mãe	2	-	-
Pai e Mãe	1	-	-
Advogado	1	-	-
Professor	-	1	-
Irmã (o)	-	2	-
Madrinha do filho	-	-	1
Total	4	3	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Averiguou-se, também, que, para duas entrevistadas, a rede social primária foi consolidada após a separação/divórcio. Para uma, ela se manteve estável (pais) e, para outra, se fortaleceu em função da dissolução da sociedade conjugal (mãe). Além disso, para outras duas entrevistadas a rede social primária foi construída em função

da separação/divórcio: para uma foi a rede materna e, para a outra, o advogado (Tabela 10).

Tabela 10 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para a educação pessoal das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Tipo	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Enfraquecimento	-	-	-
Consolidação	2	1	-
Construção	2	2	1
Total	4	3	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Verificou-se, ainda, que 3 entrevistadas consideraram forte o laço da rede primária e, uma, o considerou fraco.

Com relação às redes secundárias, duas entrevistadas relataram a construção do apoio com os irmãos, enquanto uma relatou o apoio de professores, o qual se manteve estável após a separação. Para essas entrevistadas, que citaram um segundo apoio, duas consideraram os laços fortes e uma, fraco.

Já para uma entrevistada que citou a rede de menor importância, a terciária, ela foi construída (madrinha) em função da separação/divórcio, mas foi classificada como um laço fraco.

A Figura 7 esboça a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para a educação pessoal (redes primárias):

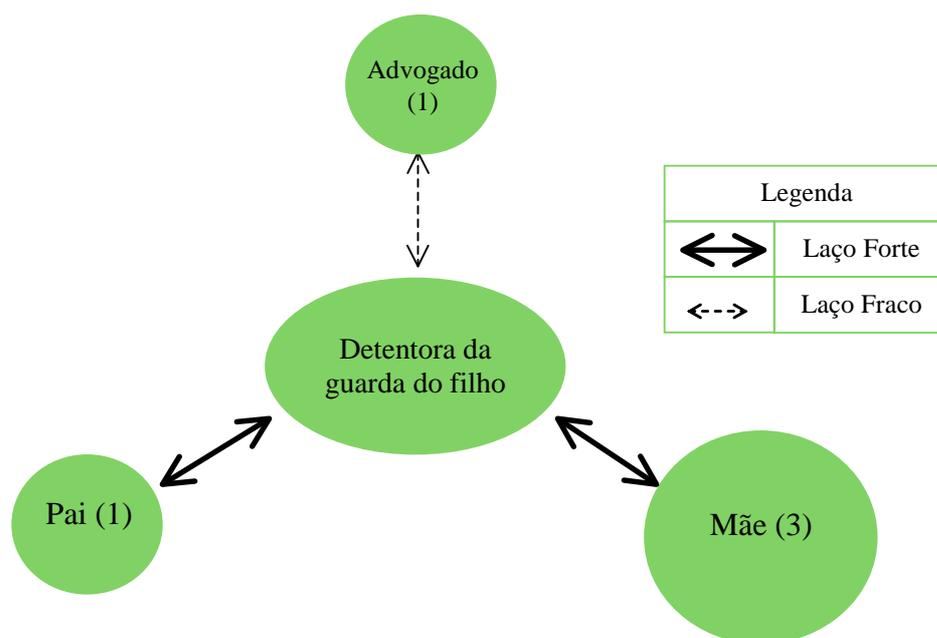


Figura 6 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio à educação pessoal, Viçosa/MG, 2010.
Fonte: Dados da Pesquisa.

Outras 3 entrevistadas relataram que o apoio foi perdido após a separação/divórcio, seja o apoio do ex-cônjuge (2) e o recebido por ambos os pais (1):

É mais nesse sentido, assim, de ficar com o Joaquim, sei lá, ajudar com uma prova. Por exemplo, se eu me empenhasse demais e começasse com alguma coisa nova, começasse a cuidar mais das minhas coisas, ele já começava a achar ruim, tinha esse lado (Entrevistada 17).

Na fala anterior pode ser verificado um laço negativo para a entrevistada, uma vez que o marido a auxiliava até o momento em que aquela ajuda não estava proporcionando crescimento a ela.

Apesar do interesse e da busca pela capacitação profissional, algumas entrevistadas relataram os desafios para a administração desse domínio. Dessa maneira, foi citado o papel fundamental das redes de parentesco:

Toma bem o meu tempo. É igual eu estou te falando, você trabalhar e estudar não é fácil não. Ainda mais ralando pra família assim. É complicado, você cansa muito (Entrevistada 5).

Ah, a gente acaba dando conta. Quem me ajudava muito também sempre foi minha mãe (Entrevistada 15).

(...) então, é bem corrido, acordo muito cedo, durmo muito tarde, para dar conta de tudo né e ele fica bastante tempo aqui na casa da minha mãe. Eu gosto de estar perto, participar das coisas dele, participar das coisas da escola... Então, é difícil, é apertado, mas tá de boa, assim, ele gosta muito da minha mãe, fica muito bem aqui, igual nesses dias que estava frio, que eu teria que descer com ele muito cedo, ele dormiu aqui pra não pegar friagem e não precisar levantar cedo. Então, tipo, se não tivesse minha mãe eu juro que eu não sei como que eu faria (Entrevistada 17).

4.2.4. Domínio: Trabalho Doméstico

No que se refere ao *trabalho doméstico*²¹, 5 entrevistadas relataram que não contavam com nenhum tipo de apoio neste domínio da vida.

Para 13 entrevistadas, pode-se constatar nas redes de maior importância (redes primárias) que 6 contavam o apoio da rede formal, sendo relatada a faxineira ou a empregada doméstica. Foi relatado também o apoio da rede familiar, como o dos filhos, em 4 ocorrências; o apoio materno, em dois casos; e o apoio da irmã, com uma citação .

As entrevistadas relataram também o apoio secundário e terciário, no qual fizeram referência ao apoio dos filhos (1), da mãe (1) e da empregada doméstica ou faxineira (1), respectivamente.

Tabela 11 – Redes sociais de apoio ao trabalho doméstico das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Empregada doméstica/Faxineira	6	-	1
Filha (o)	4	1	-
Mãe	2	1	-
Irmã	1	-	-
Total	13	2	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Os estudos de Dessen e Braz (2000) e Sousa (2010) indicam que as redes de maior importância para o trabalho doméstico centram-se no apoio recebido do ex-

²¹ Os dados referentes ao nó, ao laço e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio trabalho doméstico se encontra no Apêndice 4.

cônjuge e da mãe. Entretanto, ressalta-se que, neste estudo, as entrevistadas estavam separadas ou divorciadas, o que pode diminuir a chance de receber apoio do ex-cônjuge nesse domínio.

Averiguou-se, ainda, conforme Tabela 12, que para 8 entrevistadas as redes sociais primárias foram consolidadas após a separação/divórcio e, dessas, para 5 ela se fortaleceu em função da separação/divórcio (empregada doméstica-2, mãe-1, irmã-1 e filhos-1); para 2, se manteve estável (mãe e faxineira); e, para 1, também se fortaleceu, mas não foi em função da dissolução matrimonial, mas em virtude do ciclo de vida das filhas que hoje, adultas, auxiliavam no trabalho doméstico. Há ainda que se ressaltar que, para 4 entrevistadas, a rede primária foi construída (faxineira-2 e filhas-2), enquanto 1 (faxineira) foi enfraquecida em função da separação/divórcio.

Tabela 12 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para o trabalho doméstico das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Tipo	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Enfraquecimento	1	-	-
Consolidação	8	-	-
Construção	4	2	1
Total	13	2	1

Fonte: Dados da pesquisa.

As falas seguintes são referentes à consolidação, construção e enfraquecimento, respectivamente, do apoio recebido pela empregada doméstica/faxineira, que foi relatada como a mais importante para as entrevistadas no domínio trabalho doméstico:

Principalmente naquele período ela fez tudo. Então, nos dois primeiros meses eu não tinha condição de fazer nada, você tá com uma vida programando um monte de coisa de repente uma pessoa chega e fala... Sua vida mudou toda, você está sozinha no negócio, com uma responsabilidade de todo tamanho, então seu mundo abre (Entrevistada 1).

Eu procurei esse apoio justamente para ter mais tempo para minha filha. Porque como eu estou suprindo os dois lados, vamos dizer assim, eu senti necessidade de ter um tempo mais livre e a casa funciona com muito tempo da gente. Então, eu decidi não me dedicar muito a casa para me dedicar mais a ela, só pra eu ter um final de semana mais livre pra ela (Entrevistada 7).

Hoje em dia diminuiu a carga, eu não tenho mais aquela obrigação. Então, ajuda mesmo, essa pessoa vai uma vez por semana. Então, diminuiu a bagunça e diminuiu, de repente, a necessidade (Entrevistada 17).

Nota-se que a consolidação e a construção desse apoio se deram em virtude da separação/ divórcio, seja em função das condições físicas e psicológicas da entrevistada para executar o trabalho doméstico, seja pela demanda de tempo no cuidado com os filhos. O enfraquecimento se deu em virtude da redução da carga de trabalho doméstico com a saída de um membro da família e não em função da redução da renda, como podia ser esperado.

Na fala da entrevistada 7 é possível notar o ajuste feito no trabalho doméstico, com a contratação de uma empregada doméstica, com o objetivo de ter mais tempo para se dedicar à filha e suprir a ausência paterna. Esse dado ressalta o papel de cuidadora e protetora que é inerente, na maioria das vezes, à figura materna e corrobora o estudo de Almeida (2007), que afirma que o cuidado e a educação dos filhos são valores atribuídos à mulher desde o tempo do Brasil Colônia.

Constatou-se, ainda, que para as redes primárias, 7 entrevistadas consideraram o laço forte; 4, fraco; e 2, médio.

Já as redes secundárias (mãe e filha), citadas por duas entrevistadas, e a rede terciária (empregada doméstica), mencionada por uma depoente, foram construídas após a separação/divórcio, e a maioria teve relação direta com o fato ocorrido.

Desse modo, no que diz respeito ao tipo de laço, duas entrevistadas que citaram a rede secundária consideraram o laço como médio, e a única que fez menção à rede terciária considerou o laço como fraco.

A Figura 8 esboça a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para o trabalho doméstico (redes primárias):

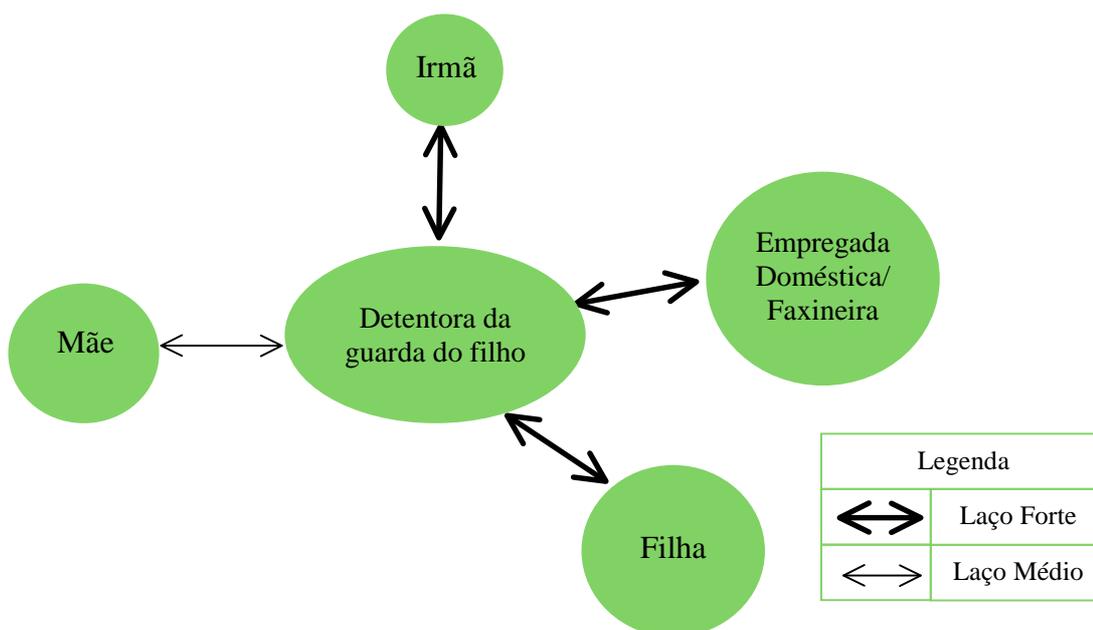


Figura 8 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio ao trabalho doméstico, Viçosa/MG, 2010.

Fonte: Dados da pesquisa.

Outrossim, 6 entrevistadas relataram a perda de apoio após a separação/divórcio para o trabalho doméstico, 4 citaram o apoio do ex-cônjuge e 2, da empregada doméstica/faxineira, conforme os seguintes depoimentos:

Em casa, ele dava conta da casa e do filho (Entrevistada 5).

Se precisasse ele cozinhava, arruma, ele lavava. O que precisasse não, porque nós dividíamos (Entrevistada 11)

Era mais fazer as coisas deles, ajudar e ficar mais com os filhos. Hoje né se for pra eu pagar uma pessoa para ficar na minha casa aí já é uma despesa a mais que eu teria (Entrevistada 14).

Ela só limpava. Não tem como ficar mantendo não. E a casa é menor também (Entrevistada 15).

Verifica-se, em alguns casos, o apoio oferecido pelo ex-cônjuge. Fazendo menção a Oliveira (2009), o tempo disponível para dedicação à família é influenciado pela demanda doméstica e pelo apoio recebido do cônjuge. Dessa maneira, quanto maior o apoio deste, menos conflitos e pressões existirão. Sendo assim, pode-se inferir que a saída do cônjuge do lócus familiar demanda uma reorganização por parte da mulher das atividades domésticas, laborais e familiares,

mesmo que ele não assuma, de fato, responsabilidades domésticas e apenas contribua esporadicamente com o trabalho doméstico e cuidado dos filhos.

Além disso, pelas falas das entrevistadas, é interessante observar que o apoio da empregada doméstica/faxineira foi perdido em detrimento da contenção da renda familiar, o que mais uma vez comprova a interligação entre os diferentes domínios da vida.

Os depoimentos sobre o papel das redes sociais nesse domínio da vida se referiram, em suma, à limpeza da casa, lavagem de roupas, e também o cuidado com os filhos, o que, muitas vezes, era uma tarefa feita pela própria empregada doméstica, conforme relatos:

Ah, ela me ajudou muito com o meu filho naquele início, ela cuidou dele, naquele momento foi muito importante. Acho que ali ela passou ser parte da nossa família. (...) Ela tinha tempo de arrumar ele e fazia tudo ainda, então, naqueles seis meses ela foi muito importante aqui com certeza, pra todo mundo (Entrevistada 1).

Ela vinha e ficava com as meninas um período, um tempinho de manhã e esquentava o almoço das meninas e fazia o que desse, mas a prioridade era as meninas. Eu sempre falava que eu não queria chegar e achar a casa toda arrumada e saber que as meninas estavam pra rua, fazendo coisas que não deveriam (Entrevistada 12).

Nesse tocante, segundo Jablonski (2010), no Brasil, empregadas domésticas e babás têm suprido o papel materno das mães que dedicam grande parte do dia ao trabalho remunerado.

Além disso, com relação às redes de solidariedade, o apoio advindo da mesma tem como foco principalmente o cuidado com as crianças, ficando em segundo plano as tarefas domésticas (PEDREIRA, 2008). Isso vai ao encontro dos resultados encontrados neste estudo, isto é, mesmo quando questionadas sobre as ajudas recebidas no trabalho doméstico, as mulheres citaram o apoio da rede social no cuidado com os filhos.

4.2.5. Domínio: Educação dos Filhos

No que tange à *educação dos filhos*²², todas as entrevistadas mencionaram as redes de apoio a esse domínio da vida e pode-se observar uma grande referência ao

²² Os dados referentes ao nó, laço e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio educação dos filhos se encontra no Apêndice 5.

apoio do ex-cônjuge (6) e da escola/creche (6) nas redes de maior importância (redes primárias), como destacado na Tabela 13.

Tabela 13 – Redes sociais de apoio à educação dos filhos das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária	Rede Quaternária
	Nº	Nº	Nº	Nº
Ex-cônjuge	6	-	-	-
Escola/Creche	6	2	-	-
Mãe	3	-	-	-
Filha	1	-	-	-
Sogro	1	-	-	-
Pai	1	1	-	-
Padrasto	-	1	-	-
Irmã (o)	-	4	1	1
Babá	-	-	1	-
Total	18	8	2	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse sentido, Silva (2005) aponta a importância que é para os filhos a convivência com ambos os pais, visto que permite a construção de uma relação e a formação por si da imagem de cada um dos seus pais. Quando a convivência não acontece ou ocorre em intervalos irregulares e espaçados de tempo, geralmente a imagem do progenitor que não detém a guarda é construída com a mediação daquele que a detém, na maioria das vezes, influenciada por sentimentos de rancor dadas as desavenças conjugais. Além disso, foi mencionado o apoio proveniente da mãe, com 3 citações; da filha, do sogro e do pai, cada qual com uma citação.

Dessa forma, além da rede informal, que no caso é a familiar, foram citadas as redes formais como creche e escola, como demonstra as seguintes falas das entrevistadas:

Eu sempre tive uma relação muito boa com as escolas né, eu ia muito, conhecia todo mundo, sempre fazia questão deles saberem quem era a mãe do João, quem era a mãe da Maria porque eu acho isso importante de saberem quem eu sou e como eu penso, sabe?! Tanto que na época da separação, eles souberam como me ajudar sabe, porque me conheciam muito. A Maria mudou de escola, a outra escola me ligava muito para saber como que eu estava, se eu estava precisando de alguma coisa, eu

tinha um laço tão grande com a outra escola que eles tiveram a preocupação comigo e com ela também. Então, eu sempre tive uma relação bem forte com a escola (Entrevistada 1).

Ah, melhorou. Eles [professores] preocupam mais com a criança que não tem um pai perto né, preocupa mais (Entrevistada 8).

Para as redes secundárias, 4 entrevistadas fizeram alusão ao apoio de irmãos, e, para as redes terciárias, os apoios citados foram aqueles provenientes de irmãos (1) e babá (1). A rede quaternária, que é a de menor importância para a família, teve uma única citação também para o apoio de irmãos.

Na Tabela 14, pode-se notar que, para a maioria das entrevistadas (10), a rede social primária foi consolidada após a separação/divórcio. Destas, para 5, se mantiveram estáveis (ex-cônjuge-2, escola/creche-2 e pai-1), e, para 4, foram fortalecidas em função da separação/divórcio (escola/creche-2, mãe-1 e sogro-1).

Outrossim, para 5 entrevistadas, as redes primárias foram construídas (escola/creche-2, filha-1, mãe-1, ex-cônjuge-1), e para 3 entrevistadas a construção não se deu em função da separação, mas em virtude da necessidade de apoio dado às dificuldades de aprendizagem do filho na escola (apoio da filha), pelo fato de o filho ter entrado em idade escolar (apoio da escola) e pelo fato de o ex-cônjuge ter reduzido a carga horária de trabalho e ter maior disponibilidade de tempo para apoiar a entrevistada na educação dos filhos (apoio do ex-cônjuge). Além disso, para outras 3 entrevistadas, as redes foram enfraquecidas (ex-cônjuge-3).

Tabela 14 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para a educação dos filhos das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Tipo	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária	Rede Quaternária
	Nº	Nº	Nº	
Enfraquecimento	3	-	-	-
Consolidação	10	4	1	1
Construção	5	4	1	-
Total	18	8	2	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Dessa forma, ressalta-se que todas as entrevistadas, que relataram o enfraquecimento da rede após a separação/divórcio, a referência foi feita ao apoio recebido do ex-cônjuge, principalmente no que diz respeito à sua presença na educação dos filhos. Em contrapartida, uma depoente relatou a construção do apoio com o ex-cônjuge para a educação dos filhos:

Ele participava mais quando tava em casa, porque ele ficava sabendo de tudo. Hoje, para ele ficar sabendo, eu tenho que ligar. E eu evito ficar fazendo isso também. Só quando eu acho que é uma coisa assim, mais grave assim, que eu ligo e falo, sabe? (Entrevistada 10).

(...) antes ele não ficava tanto em casa, ele nunca chegou a freqüentar reuniões, nada. Ele me ajudou depois que separou, agora que ele mudou de serviço ele está em cima, vai em reunião... (Entrevistada 6).

Na percepção de 11 entrevistadas, o laço da rede primária foi classificado como forte; 5, médio; e 2, fraco.

Para 4 entrevistadas, a rede secundária foi consolidada, e, dessas, para 3 se mantiveram estável (irmãos-2 e padrasto-1) e, para 1, se fortaleceu em função da separação ou divórcio (pai). Para outras 4 entrevistadas, a rede social secundária foi construída após a dissolução conjugal (escola-2, irmã-2), e para a maioria (3) foi em função da dissolução conjugal. Para as entrevistadas que citaram o apoio de rede secundária, 4 o classificaram como forte; 2, médio; e, 2, fraco.

Do mesmo modo, com relação à rede social terciária, para uma entrevistada ela foi consolidada, se mantendo estável após a dissolução conjugal (irmãos); e, para outra, ela foi construída (babá) em função da amizade e convivência com a entrevistada e, também, pela necessidade. Os laços foram considerados fraco e forte, respectivamente.

Já a única rede quaternária citada foi consolidada (irmãos), tendo se fortalecido após a separação, classificando a intensidade do laço como forte. A Figura 9 esboça a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para a educação dos filhos (redes primárias):

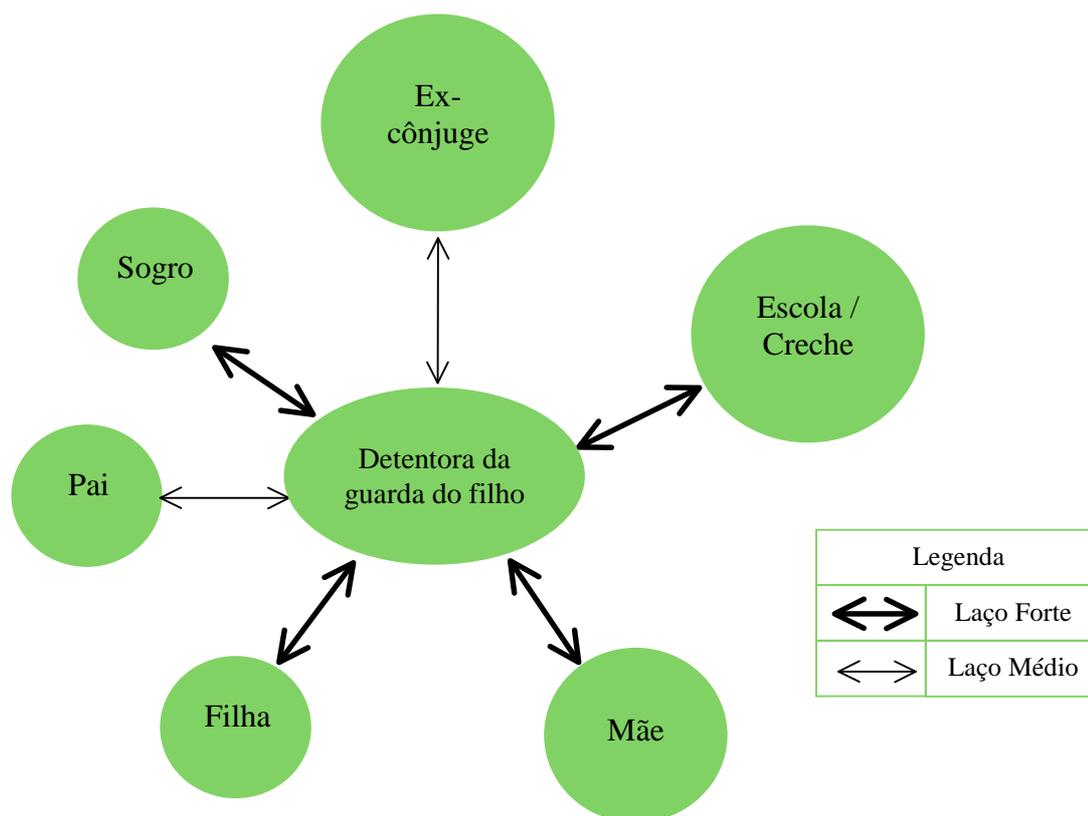


Figura 9 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio à educação dos filhos, Viçosa/MG, 2010.

Fonte: Dados da pesquisa.

De 5 entrevistadas que perderam apoio após separação ou divórcio, 4 relataram que foi o apoio do ex-cônjuge para a educação dos filhos:

Na parte comportamental, que ele me ajudava e me ajudava também nos deveres de escola, porque ele estava sempre olhando uma lição, olhando caderno, então ele me ajudava mais nesse sentido também. O afastamento dele foi normal, ele não tem mais esse tipo de contato. O contato dele com ela é o de pegar, levar pra casa, passar algumas horas junto e depois trazer de volta (Entrevistada 7).

(...) ele acompanhava mais do que eu, em termos de levar para a escola, ir em algumas reuniões, buscar boletim... Ele afastou e eu cortei totalmente a relação com ele, não tem contato nem de oi (Entrevistada 12).

Nos depoimentos das entrevistadas 7 e 12, pode-se notar a mudança no papel do ex-cônjuge na educação comportamental e escolar dos filhos após a dissolução matrimonial, sendo possível constatar que, além do corte no vínculo matrimonial, enfraqueceu-se, também, o vínculo familiar. É interessante salientar também nessas

falas que, para a entrevistada 7, a mudança foi normal e para a entrevistada 12 as relações foram cortadas de maneira bilateral, tanto pelo pai quanto pela mãe.

Contra-pondo-se aos relatos anteriores, a entrevistada 17 ressalta o papel negativo do pai na educação do filho durante o casamento, o que se findou com a dissolução conjugal, uma vez que a depoente relatou ter perdido o apoio do ex-cônjuge, mesmo que negativo, nesse domínio da vida:

Eu me chateava muito porque, às vezes, o Mateus estava fazendo uma coisa boa e ele não sabia elogiar, mas o ruim ele via logo. Então, isso é ruim pra autoestima da criança e tal, só enxergar o lado ruim né?! Ele não tem interesse nenhum em ajudar, nem quando a gente tava casado, sabe, era desse jeito, não tinha interesse nenhum (Entrevistada 17).

Com relação ao apoio das redes sociais para a administração da educação dos filhos, observou-se que o papel do ex-cônjuge se refere principalmente à educação comportamental, como conselhos e diálogo; o papel da escola, creche e professores vai além do ensinar, pois é um ambiente de convivência, de apoio aos pais e seus filhos no momento da separação/divórcio e tem o seu papel também na educação comportamental. O papel recebido pelas mães das entrevistadas se referiu à ajuda nas tarefas, proteção, correção e orientação.

Nesse escopo, Rodrigues et al. (2000) destacam que a família é uma instituição importante para a formação de seus membros e para a transmissão de valores morais, culturais materiais, cívicos, dentre outros, assegurando bem-estar material, emocional e espiritual. Os autores pontuam que a transmissão de valores precisa ser não só por meio da instrução, mas principalmente pela educação.

4.2.6. Domínio: Cuidado com os Filhos

Considerando o domínio da vida *cuidado com os filhos*²³, segundo o depoimento de 16 entrevistadas, pôde-se perceber que a rede de maior importância foi o ex-cônjuge (4), seguida pela mãe (3) e irmã (2). É possível observar também, além do apoio da rede familiar, o apoio da rede formal em valores menos expressivos como babá, empregada doméstica e creche, cada qual com uma indicação, conforme demonstrado na fala a seguir:

²³ Os dados referentes ao nó, laço e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio cuidado com os filhos se encontra no apêndice 6.

Foi construído por causa da minha separação. Como ela já era uma pessoa conhecida e também tinha muito carinho com ela, então, assim, foi um dos primeiros laços que eu achei pra ficar com ela (Entrevistada 7).

Ainda, o apoio materno foi expressivo para as redes secundárias (4), o que vai ao encontro do estudo de Vitale (2007), que diz que é notória a contribuição das avós que muitas vezes assumem parte das responsabilidades familiares; e, também, 2 citações apenas para a rede terciária, sendo mencionadas a irmã e a avó.

Sobre o apoio das avós no cuidado com os netos, seguem algumas falas:

O apoio [da mãe] já existia, talvez agora mais forte, eu não sei se é porque agora eu peço, não sei se é porque agora você fica mais dependente de ajuda né?! A sensação de que você precisa, então você passa isso para as pessoas. Então, hoje eu consigo passar isso, eu consigo hoje ir num vizinho e dizer olha eu preciso de ajuda, antes eu ficava em situação muito complicada e não pedia, hoje eu peço. Acho que isso aí também abre umas portas que antes não tinha(...) (Entrevistada 1).

Não porque eu não tinha tantos problemas assim, era mais confusão com ele [ex-cônjuge]. E agora que eu estou tendo alguns probleminhas, fico aparecendo com as coisas pra pagar e, às vezes, acabo falando alguma coisa. Por eu falar, ela [mãe] acaba se sentindo também na obrigação, é avó (Entrevistada 6).

Ah, aumentou sim, agora tá mais. Tanto que às vezes eu saio, assim, tenho que sair, tenho que viajar e não posso levá-lo, eu fico tranquila. Eu sei que ele está na casa dos meus pais e pra ele é a mesma coisa de estar em casa, de estar comigo, entendeu? Então, o Pedro tem a referência de que lá é como a casa dele (Entrevistada 15).

No depoimento da entrevista 1, é interessante notar que a dissolução matrimonial fez com que ela dependesse mais do apoio das redes sociais em sua vida, *pari passu* fez com que ela também sentisse mais liberdade para acionar as pessoas que poderiam contribuir para a administração de sua vida e de sua família.

Sobre o apoio das avós, ainda fazendo menção a Vitale (2007), a autora pontua que elas tendem a ajudar nas dificuldades familiares, principalmente em virtude da precária condição em que vivem os netos. Chama a atenção ainda para o fato de que a solidariedade intergeracional surge cada vez mais como um mecanismo para suprir demandas sociais e econômicas que desafiam a família para encontrar saídas, principalmente em decorrência das mudanças nas relações de casamento e monoparentalidade.

Vale ressaltar que 2 entrevistadas relataram não contar com o apoio de ninguém nesse domínio da vida.

Os dados descritos anteriormente podem ser visualizados na Tabela 15:

Tabela 15 – Redes sociais de apoio ao cuidado com os filhos das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Ex-cônjuge	4	-	-
Mãe	3	4	-
Irmã	2	3	1
Filha	1	-	-
Pai e Mãe	1	-	-
Sogra	1	-	-
Babá	1	-	-
Vizinha	1	-	-
Empregada Doméstica	1	-	-
Creche	1	-	-
Amiga	-	1	-
Avó	-	2	1
Total	16	10	2

Fonte: Dados da pesquisa.

Verificou-se, também, que, para 11 entrevistadas, a rede social primária foi consolidada após a separação/divórcio, e para 9 fortaleceu-se em função da separação/divórcio, dada a dependência e intensidade do apoio, bem como a frequência dos contatos (mãe-3, ex-cônjuge-2, irmã-2, pai e mãe-1, empregada doméstica-1); e, para 2, se manteve estável (sogra-1 e creche-1), conforme Tabela 16.

Outras 3 entrevistadas citaram o enfraquecimento da rede ex-cônjuge (2) em função da separação/ divórcio, visto que ele se recasou e a frequência e a intensidade do contato com a família anterior diminuíram, além do enfraquecimento da rede filha (1) em virtude da sua inserção no mercado de trabalho e consequente diminuição do tempo disponível para o cuidado com o irmão. Além disso, duas depoentes relataram a construção do apoio (babá-1 e vizinha-1) em função da separação ou divórcio. Dessa maneira, de um total de 16 entrevistadas que mencionaram a rede primária, 12 consideraram o laço forte; 2, médio; e, 2, fraco.

Tabela 16 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para o cuidado com os filhos das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Tipo	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Enfraquecimento	3	-	-
Consolidação	11	7	2
Construção	2	3	-
Total	16	10	2

Fonte: Dados da pesquisa.

Já as 10 entrevistadas que citaram a rede secundária, para maioria delas, a rede também foi consolidada em função da dissolução da sociedade conjugal, e para 6, ela se fortaleceu (mãe-2, irmã-2, avó-1, amiga-1) e, para 1, se manteve estável (avó). Para as depoentes que relataram este segundo apoio, 6 consideraram o laço forte, seguida por 3 que consideraram o laço fraco e, 1, médio.

Do mesmo modo, para duas entrevistadas que citaram um terceiro apoio para o cuidado com os filhos, a rede social foi consolidada após a dissolução conjugal, e ambas se fortaleceram, uma em função da separação/divórcio (avó) e, outra, em função do ciclo de vida da irmã, que com o seu amadurecimento presta mais apoio no cuidado com os filhos. O laço foi classificado como forte e fraco, respectivamente.

A Figura 10 esboça a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para o cuidado com filhos (redes primárias):

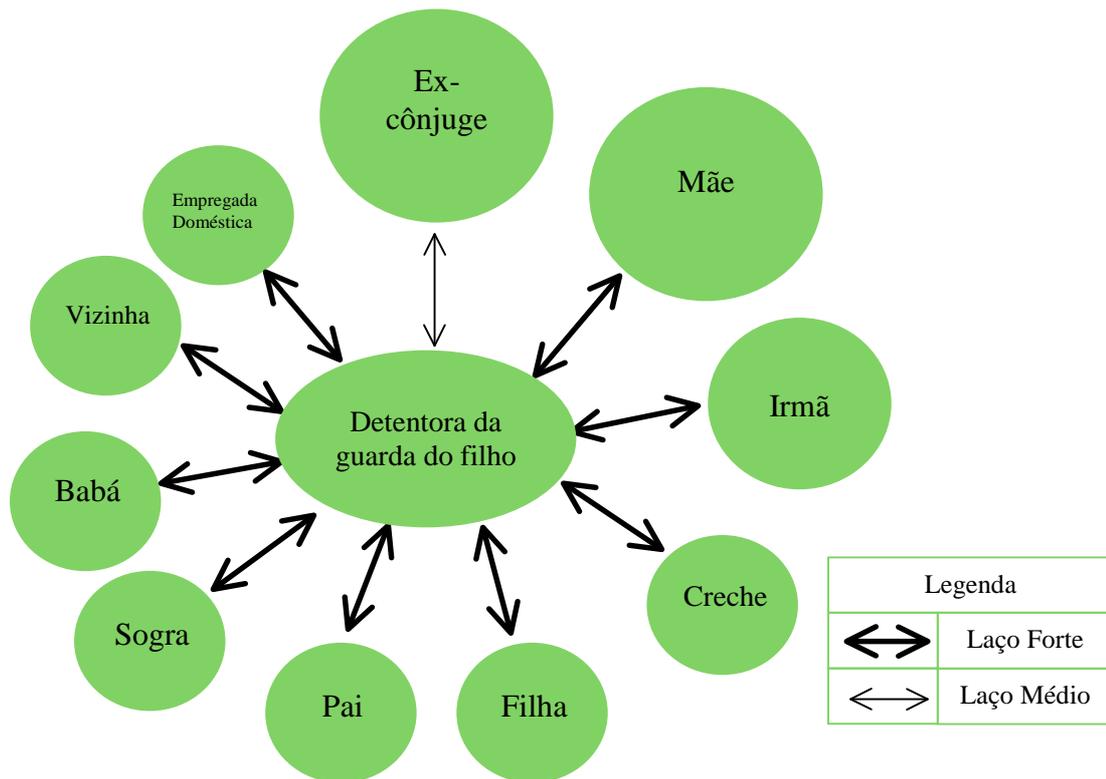


Figura 10 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio ao cuidado com os filhos, Viçosa/MG, 2010.

Fonte: Dados da pesquisa.

Novamente, um número significativo de entrevistadas (7) relatou a perda de apoio para o cuidado com os filhos após a separação/divórcio, e a maior parte (6) fez alusão ao ex-cônjuge. Uma delas relatou o laço forte, mas negativo da rede:

Ah, tem o lado positivo e o lado negativo, né?! (risos) Estando junto, acaba sendo forte, talvez não do lado positivo. Tipo assim, eu falo uma coisa, ele fala outra, entendeu? Eu falo pra não comprar refrigerante, ele compra refrigerante; eu falo pra não dar esses salgadinhos, ele vai e compra o salgadinho, nesse sentido assim, isso como negativo. Se precisasse comprar alguma coisa para o Pedro, ele comprava, sabe, então eu acho que esse lado pai dele, teve esse lado também, embora ele teve os lados negativos também. Eu acho que faz falta, né, faz falta ter aquela figura do pai ali. Ah, eu acho que tem que ter mais uma pessoa, né, pra ter referência de comportamento, pra não ficar só pra eu ser firme, brigar, chamar a atenção, tem hora que as coisas chatas ficam todas pra mim, sabe? Eu procuro não depender dele em nada, só no caso de necessidade mesmo (Entrevistada 15).

Na fala anterior, constata-se que, embora o pai muitas vezes represente um exemplo negativo dentro da família, a sua figura é importante enquanto referência

masculina dentro do núcleo familiar. Nesse sentido, é importante fazer alusão a Sarti (2007), que argumenta que a perda do homem enquanto provedor familiar não se constitui no principal problema para a mulher, uma vez que a mesma já está, em sua maioria, acostumada a trabalhar. A dificuldade maior está em manter o respeito, que é atribuído à figura paterna.

No que diz respeito às ações de cuidado, segundo Lyra (2007), somente pelas relações de gênero é que é possível compreender as desigualdades sociais no ato de cuidar, visto que o mesmo está diretamente ligado à noção de feminino e o homem acaba, na maior parte das vezes, se excluindo ou sendo excluído do processo. Entretanto, conforme pontua o autor, embora existam convergências entre o ato de cuidar materno e o paterno, o pai contemporâneo é mais ativo, e suas ações não estão se restringindo ao suporte financeiro e à disciplina, mas também a um maior envolvimento na educação e cuidado com os filhos. Esse fato pode ser constatado pelo número de mães que relataram como principal fonte de apoio aquele proveniente do ex-cônjuge.

Conforme relato anterior, os apoios mais citados para a administração dos cuidados com os filhos foram aqueles provenientes da mãe, da irmã e do ex-cônjuge. O papel da mãe e da irmã é, em suma, de cuidar da higiene pessoal, da alimentação, tomar conta, dar conselho e comprar roupas e calçados. Já as principais citações sobre o papel do ex-cônjuge se referiram à segurança, carinho, conselho e companhia e não ao ato de cuidar em si.

4.2.7. Domínio: Saúde

No que tange ao domínio *saúde*²⁴, 3 entrevistadas relataram não contar com o apoio de ninguém. Para o restante (15), conforme Tabela 17, observou-se que os nós mais importantes foram médico, mãe e ex-cônjuge, cada uma com 3 citações. Dessa forma, tem-se o apoio tanto da rede informal quanto da rede formal. Foram mencionados ainda o apoio do pai, com duas citações, e de irmã, primo e babá, cada qual com uma citação.

²⁴ Os dados referentes ao nó, laço e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio saúde se encontra no apêndice 7.

Tabela 17 – Redes sociais de apoio à saúde das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária
	Nº	Nº
Médico (a)	3	-
Mãe	3	3
Ex-cônjuge	3	1
Pai	2	-
Posto de Saúde	1	2
Irmã	1	-
Primo	1	-
Babá	1	-
Vizinha	-	1
Tia	-	1
Total	15	8

Fonte: Dados da pesquisa.

Portugal (2006) afirma que, nos cuidados informais relacionados à saúde, é notória a presença da rede de parentesco, sendo marcada, principalmente, pelo apoio da mulher, representada, na maioria das vezes, pela mãe.

Para os cuidados de saúde, os indivíduos e suas famílias buscam, além da família, o apoio de amigos ou conhecidos. Em seu estudo, Portugal (2004) confirmou que ter um familiar ou amigo próximo que seja, por exemplo, médico, promove uma sensação de despreocupação com questões relativas à saúde, o que está de acordo com os resultados desta pesquisa.

Dias et al. (2000) pontuam também que quando o indivíduo passa por situações adversas que atingem a sua saúde, usa diversas alternativas para superação dos problemas e, quando a sua capacidade na busca por essas alternativas se esgota, ele recorre à rede de apoio social.

No depoimento das entrevistadas que relataram o apoio de redes de menor importância, ou seja, a secundária, prevaleceu o apoio proveniente da mãe (3).

A rede social primária foi, para a maioria das entrevistadas (9), consolidada após o rompimento do vínculo matrimonial (Tabela 18), e, dessas, para 5 se fortaleceu em função da separação/divórcio (primo-1, médico-1, ex-cônjuge-1, pai-1 e mãe-1) e, para 4, se manteve estável (mãe-2, pai-1 e ex-cônjuge-1). Ressalta-se,

ainda, que para 3 entrevistadas a rede social primária foi construída (médico-1, babá-1 e posto de saúde-1) e, para outras 3, foram enfraquecidas (ex-cônjuge-1, médico-1, irmã-1).

Tabela 18 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para a saúde das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Situação	Rede Primária Nº	Rede Secundária Nº
Enfraquecimento	3	2
Consolidação	9	4
Construção	3	2
Total	15	8

Fonte: Dados da pesquisa.

Para a rede primária, nota-se que na percepção das entrevistadas 10 laços foram considerados forte, 4 foram considerados fracos e 1, médio.

Das 8 entrevistadas que fizeram menção à rede secundária, 4 disseram que a rede se consolidou após a separação/divórcio, e, para 3, o apoio se manteve estável e era advindo da mãe, tia e irmã; para uma se fortaleceu em função da dissolução conjugal, visto que a necessidade de solicitar o apoio da irmã aumentou. Com relação aos laços da rede secundária, 5 entrevistadas o classificaram como forte; 2, fraco; e, 1, médio.

A Figura 11 esboça a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para a saúde (redes primárias):

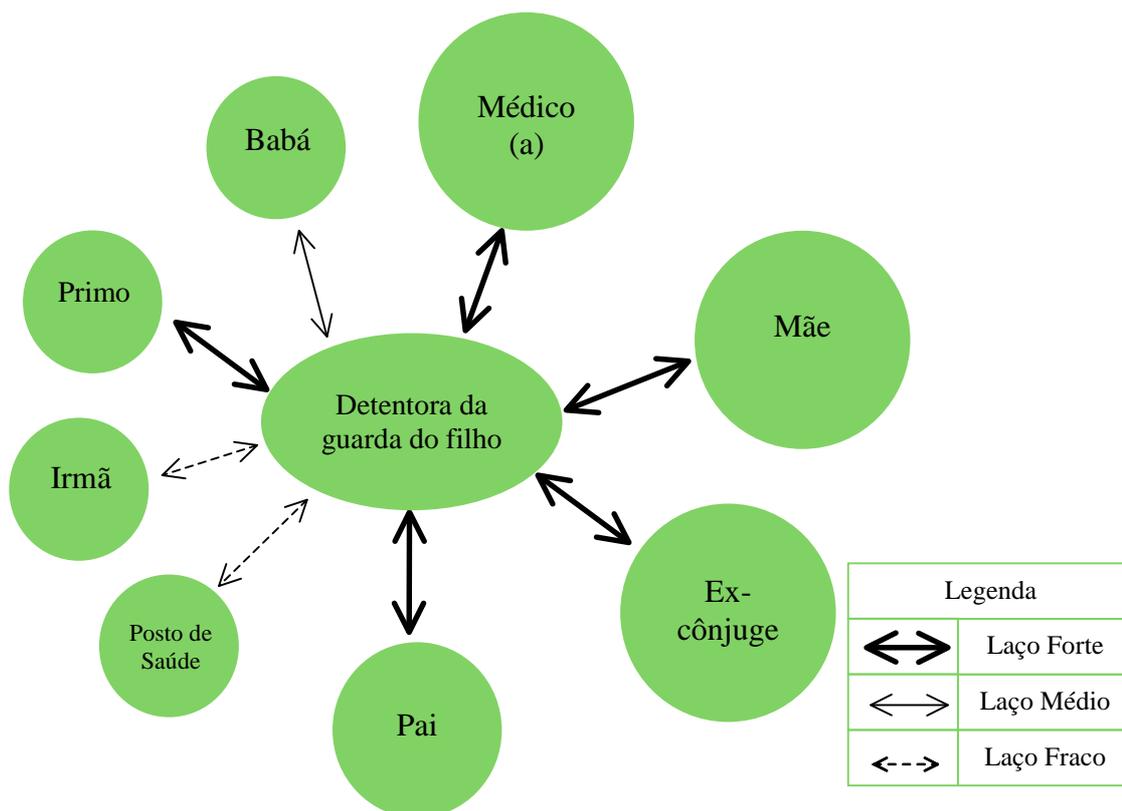


Figura 11 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio à saúde, Viçosa/MG, 2010.
 Fonte: Dados da pesquisa.

Um número expressivo de entrevistadas (9) relatou a perda de apoio no domínio saúde após a separação/divórcio, e a maioria (8) mencionou o ex-cônjuge, sendo citada, ainda, a vizinha (1):

Ah, ele ajudava a levar no hospital, tipo, comprar um remédio, assim. Hoje ele mudou a cabeça totalmente. Porque, igual eu falo, ele deixou de ser marido, tudo bem, mas ele é ex-pai também, entendeu?! Ele não procura o filho pra nada. Não tem como você contar com uma pessoa que não quer papo. Eu sou o tipo de pessoa assim, eu procuro, mas se me der um não também, eu não gosto de ficar procurando não (Entrevistada 5).

Ah, era de me acompanhar, levar ao médico, muitas vezes ele levou, se no dia eu não podia ir, né, por causa de trabalho, ele levava ela. Tem também o fator de ajudar à noite, né, a gente trocava, revezava, noite um, noite outro. Graças a Deus ela nunca me deu tanto trabalho, mas eu tinha com quem contar. Então, qualquer consulta médica, ou qualquer coisa, eu tinha ele para me ajudar. Hoje em dia eu não tenho mais, ele nunca pode (Entrevistada 7).

Com relação ao papel das redes de apoio à administração da saúde da família, os mais citados, como descritos anteriormente, foram o da mãe, do ex-cônjuge, e do médico (a). O apoio da mãe se referiu ao acompanhamento dos netos a consultas médicas, compra de medicamentos, ao cuidar e ministrar os remédios; já o ex-cônjuge foi em termos de acompanhamento do filho a consultas médicas, pagamento de plano de saúde, compra de medicamentos e divisão de gastos; o do médico (a) foi em termos de diálogo, conforto, atenção, exame e medicação.

4.2.8. Domínio: Lazer

Tendo em vista o lazer, para Melo e Alves Júnior (2003), o mesmo pode ser conceituado como atividades culturais, que podem ser realizadas no tempo livre das obrigações domésticas, profissionais, religiosas e das necessidades físicas e são procuradas tendo em vista o prazer.

Dessa forma, no que diz respeito ao domínio da vida *lazer*²⁵, pôde-se constatar, por meio do depoimento de 13 entrevistadas, que relataram contar com o apoio de alguma pessoa e, ou, instituição, que a rede mais importante para esse domínio era a familiar, uma vez que os apoios citados como de maior importância foram aqueles recebidos pela mãe (4) e irmãos (2).

Na rede secundária, pode-se perceber, novamente, a presença de irmãos e também a de amigos, ambos com 3 citações cada. Nota-se, também, que 2 entrevistadas citaram o apoio de 4 membros nesse domínio da vida (entrevistada 1: pais, irmã, primos e amigos; entrevistada 12: irmãos, mãe, namorado e madrinha), o que demonstra a necessidade das redes para o lazer das entrevistadas e de sua família. Esses dados podem ser visualizados na Tabela 19 que segue:

²⁵ Os dados referentes ao nó, laço e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio lazer se encontra no apêndice 8.

Tabela 19 – Redes sociais de apoio ao lazer das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária	Rede Quaternária
	Nº	Nº	Nº	Nº
Mãe	4	1	-	-
Irmã (o)	2	3	-	-
Pai e Mãe	1	-	-	-
Amiga (o)	1	3	-	-
Ex-cônjuge	1	-	1	1
Igreja	1	-	-	-
Avó e empregada doméstica	1	-	-	-
Vizinha	1	-	-	-
Tia	1	-	-	-
Sogra	-	1	-	-
Namorado	-	-	1	-
Madrinha do filho	-	-	-	1
Filha	-	1	-	-
Primo	-	-	1	-
Instituição Recreativa	-	-	1	-
Total	13	9	4	2

Fonte: Dados da pesquisa.

Além disso, é importante salientar que, das 18 entrevistadas, 5 não contavam com o apoio de nenhuma pessoa e, ou, instituição nesse domínio da vida. Na Tabela 20, pode-se notar que, para 9 entrevistadas, a rede social primária foi consolidada após a separação/divórcio. Dessas, observou-se que, para 5 depoentes, a rede se manteve estável, e 2 entrevistadas citaram o apoio recebido da (o) irmã (o); 1, do ex-cônjuge; 1, da avó e da empregada doméstica; e, 1, da igreja. Já para as outras 4 entrevistadas, a rede primária foi fortalecida em função da separação ou do divórcio e, dessas, 3 citaram a mãe e, 1, pai e mãe. Nesse sentido, o apoio dos pais se intensificou tanto nas atividades de lazer em família quanto no cuidado com os filhos das entrevistadas, possibilitando-lhes o lazer pessoal.

O restante das depoentes (4) relatou que a rede social primária foi construída após a dissolução do matrimônio, tendo citado o apoio da mãe, tia, vizinha e amiga. Para a rede primária, constatou-se que para 12 entrevistadas o laço era forte; e, para 1, fraco.

Em contrapartida, das 9 depoentes que citaram o apoio da rede secundária para 7 ele foi construído em virtude da separação ou divórcio (amigos-3, irmãos-2, mãe-1, filha-1); e, para as demais, foi consolidado, e 1 se manteve estável (sogra) e 1 se fortaleceu (irmã) em decorrência da dissolução conjugal. Os laços da rede secundária foram classificados como forte para 7 entrevistadas; médio, para 1; e, fraco, para 1.

Já para 4 entrevistadas que citaram o terceiro apoio, para 3 a rede foi construída (amiga-1, namorado-1 e instituição recreativa-1); e, para 1, consolidada (primos) em virtude da separação/ divórcio. Três entrevistadas consideraram o laço como forte e 1, como fraco.

Duas entrevistadas relataram, também, o apoio de redes quaternárias. Para ambas, o mesmo foi consolidado, tendo se fortalecido em função da dissolução matrimonial (madrinha e amiga). Apesar de o apoio ter aumentado após a separação/divórcio, na percepção de uma entrevistada a intensidade do vínculo foi classificado como fraco, o que é justificado por se tratar de uma rede de menor importância para a mesma; e, outra, considerou o laço como forte.

Tabela 20 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para o lazer das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Situação	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária	Rede Quaternária
	Nº	Nº	Nº	Nº
Enfraquecimento	-	-	-	-
Consolidação	9	2	1	2
Construção	4	7	3	-
Total	13	9	4	2

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma rede familiar, com os membros da família extensa, que foi consolidada após a separação/divórcio, pode ser observada na fala a seguir:

Teve mudança. Na época tinha programas que eu não fazia com eles, porque eu fazia com o meu ex-marido, então a gente ia pra outros lados. Então, eu não ia com eles, com meus irmãos, até mesmo com minha mãe

e com meu pai, porque existiam outras coisas. A gente tem uma tendência muito forte de ir pro lado que ele quer ir sabe? Então muitas vezes eu deixei de ir a muitas festas com minha família porque tinha uma festa na família dele (Entrevistada 1).

Nota-se que o apoio familiar para o lazer sempre existiu, mas ele se fortaleceu após a dissolução da sociedade conjugal em virtude da própria disponibilidade da entrevistada para a sua família.

Além disso, pode-se notar na fala seguinte outros nós familiares que foram construídos para o lazer:

Acho que é porque ficou só nós [entrevistada e filhas] aqui entendeu? Então tudo que a gente quer fazer, a gente quer fazer pra ajudar uma a outra, elas querem me deixar bem e eu quero deixar elas bem, então tudo que a gente vai fazer, a gente está juntas, sabe? Aí melhora muito, as vezes, ah vamos assar uma carninha, vou chamar minhas amigas, aí elas falam a mãe você faz isso, eu faço aquilo, aí eu fico unida a elas (Entrevistada 2).

Eu acho que comecei a me queixar um pouco, aí depois que eu separei ela [mãe] viu que eu não consegui trabalho, então ela falava: aqui minha filha, toma um dinheirinho pra você, pra voltar semana que vem, entendeu? Aí tem show, aí eu falo, nossa vai ter show, aí ela liga falando: comprei convite pra você, se você quiser ir, deixa os meninos aqui. Então, foi coisa do dia a dia, ela vendo, talvez a minha... Quando você convive com a pessoa, vê o jeito dela e acaba sentindo, se colocando no lugar dela (Entrevistada 6).

Outra constatação interessante é que algumas entrevistadas construíram redes de apoio para o lazer com outras mulheres que vivenciaram também o processo de separação/divórcio, o que pode implicar um sentimento de pertencimento a esse grupo e que pode ser gerador da sensação de bem-estar. A construção das redes de amizade para o lazer pode ser constatada nas seguintes falas:

A convivência né que a gente tem aqui junto com elas, o apoio que elas me deram, aquela intimidade que a gente tem aqui junto de amiga mesmo, amiga que você pode confiar mesmo e por elas terem sofrido assim também, aí que juntou isso tudo... Aí que dá pra sair com elas, divertir com elas... (Entrevistada 2).

Parece que quando a gente separa, a gente tem tendência, assim, necessidade de conversar, de desabafar. Então parece que vai se aproximando e são as amigas mesmo separadas. Igual, por exemplo, a Maria, eu não tinha amizade com ela. A Maria era mãe de uma aluna minha. Então assim, parece que a gente fica sabendo do problema e a gente começa a conversar, e vê que assim, que os problemas são muito parecidos. Essas amigas que foram feitas são separadas (risos). Então, por afinidade mesmo, né?! Por vivenciarem o mesmo problema (Entrevistada 10).

Esses dados corroboram o estudo de Melo e Alves Júnior (2003), que remetem as atividades de lazer ao envolvimento com grupos e ao desenvolvimento da sociabilidade. Segundo os autores, a promoção de encontros e a organização de grupos são objetivos importantes do lazer, dada a excessiva individualização e fragmentação na sociedade atualmente, como aquelas presentes em algumas faixas etárias e em algumas metrópoles em virtude da violência.

A Figura 12 esboça a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para o lazer (redes primárias):

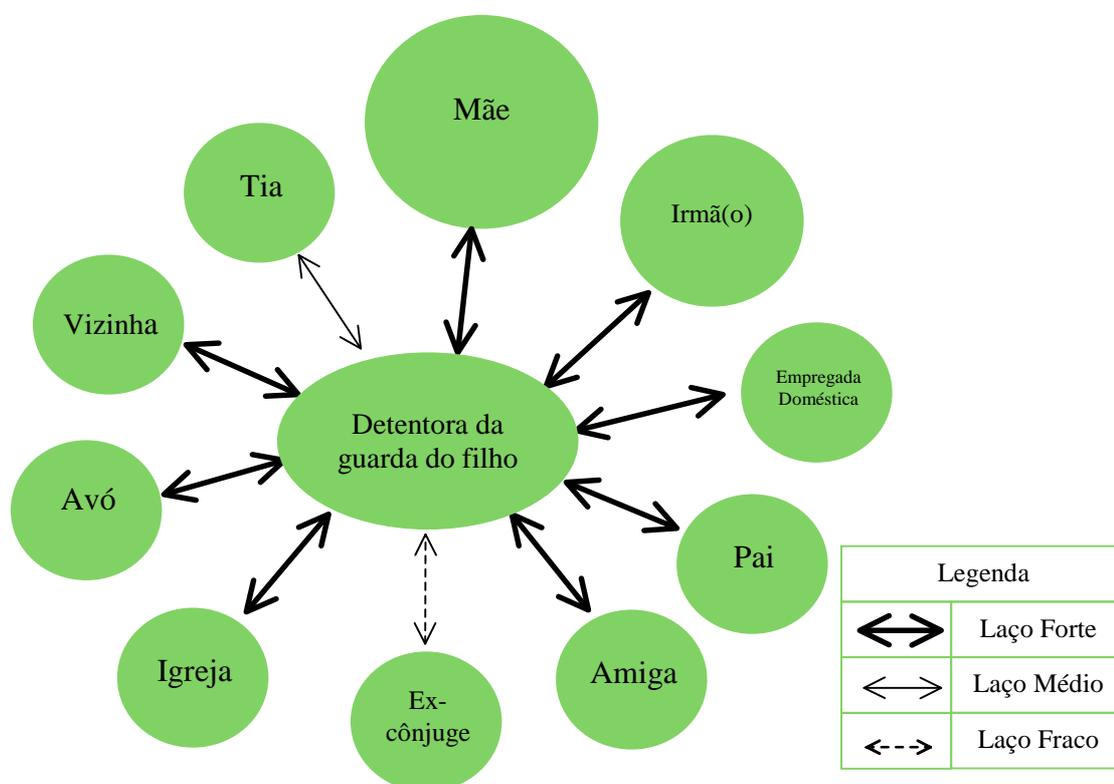


Figura 12 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio ao lazer, Viçosa/MG, 2010.
Fonte: Dados da pesquisa.

Outrossim, de um total de 7 citações, 3 entrevistadas relataram que, após a separação/divórcio, perderam o apoio do ex-cônjuge em termos de companhia para o lazer, e outras 2 relataram a falta de apoio da família do ex-cônjuge para esse domínio da vida:

Ele era meu companheiro tipo assim, era a pessoa que eu saía pra me divertir, beber, rir ou o que fosse pra fazer, era a pessoa que eu podia contar. E ele era o único que eu podia contar. Porque, né, casada você não tem roda de amigos, não nessa proporção, então, ele era a única pessoa com quem eu podia contar. Mesmo pra sair, a companhia era só a dele. Bom, o nosso contato, apesar de a gente ainda ter muito contato, da gente conversar normalmente, ter uma certa amizade, eu acho que a gente tem até um certo carinho um pelo outro, mas ele tem a mulher dele e eu evito qualquer tipo de contato com ele, exatamente pra não ter nenhum tipo de transtorno (Entrevistada 7).

Eles [família do ex-cônjuge] faziam muita coisa, a gente viajava junto, estávamos sempre juntos, almoço final de semana... De repente eu me vi num lugar que não me cabia, eu tive que sair dali, existia a má vontade de pessoas comigo, tudo porque eles tinham que ficar do lado de alguém. Eu acho que se fosse eu, ficava neutra. Se fosse o meu irmão, eu ia ficar neutra, não ia me envolver. Não é um negócio de dois dias é de 20 anos. Nós éramos amigos. Eu tinha uma relação tão forte com essas pessoas... [choro] Isso é uma coisa que me incomoda demais. Eu penso, como que eu posso gostar de uma pessoa que consegue fazer isso, é muito ruim. Eu aceito muito mais fácil o que ele fez, do que o que esse monte de pessoas juntos fizeram, romperam... Eu acho muito difícil (Entrevistada 1).

Com relação ao papel das redes sociais para o lazer, têm-se as falas a seguir:

Vai alguém pro sítio x, então todo mundo fica pensando que eu tenho que ir também, eles [família extensa] sabem que eu não tenho carro, então procuram arrumar um jeito que eu vá, sabe?! Eles fazem isso assim, é engraçado que, às vezes, eu não quero pedir ajuda, eu não quero incomodar eles e quando eu penso aparecem dois, três. Igual esse fim de semana mesmo, de repente pararam três carros, eram meus sobrinhos e meus dois primos pra me levar para o mesmo lugar. A preocupação deles é que eu tinha que ir, mas não tinha como e aí eles vieram e me levaram (Entrevistada 2).

É de incentivar ou de chamar para sair com ela [irmã], porque ela sai muito mais do que eu, ela sempre me chama (...) ou então às vezes ficar com as meninas para eu ir a determinados lugares (Entrevistada 12).

Desse modo, o apoio recebido nesse domínio se referiu a convites para sair, passear e viajar, envolvendo tanto o lazer individual quanto o familiar; companhia; incentivo ao lazer; cuidar dos filhos da entrevistada para que a mesma pudesse sair; e, até mesmo, o apoio financeiro e meios de locomoção para as atividades de lazer. Dessa maneira, constata-se que cada domínio da vida interfere e é interferido pelo outro.

4.2.9. Domínio: Vida Espiritual

O último domínio da vida analisado foi a *vida espiritual*²⁶, no qual verificou-se que, das 15 detentoras da guarda dos filhos que relataram contar com algum tipo de apoio nesse domínio da vida, 5 contavam com o apoio da Igreja e 3 com o da amiga. Foram citados, ainda, o apoio de Deus e da mãe, cada qual com 2 citações e, pai e mãe, irmã e sogro com 1 citação cada.

Com 2 indicações na rede secundária, tem-se o apoio da irmã e, na rede terciária, com o mesmo número tem-se amiga e, também, grupo da Igreja.

Tabela 21 – Redes sociais de apoio à vida espiritual das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Nó	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Igreja	5	1	2
Amiga	3	-	2
Deus	2	-	-
Mãe	2	-	-
Pai e Mãe	1	-	1
Irmã	1	2	-
Sogro	1	-	-
Psiquiatra	-	1	-
Tia	-	1	-
Total	15	5	5

Fonte: Dados da pesquisa.

Verificou-se que, para 10 entrevistadas, a rede social primária foi consolidada. Para 9, ela se fortaleceu em função da separação/divórcio (igreja-3, mãe-2, Deus-1, pai e mãe-1, sogro-1, irmã-1); e, para 1, o apoio se manteve estável (Igreja). Outras 5 entrevistadas relataram a construção da rede de apoio à vida espiritual (igreja-2, amiga-2 e Deus-1) em função da separação/divórcio (Tabela 22).

Para a rede primária, 14 entrevistadas consideraram o laço forte e, 1, fraco.

²⁶ Os dados referentes ao nó, laço e se a rede foi construída, consolidada ou enfraquecida para cada entrevistada no domínio vida espiritual se encontra no Apêndice 9.

Tabela 22 – Redes sociais enfraquecidas, consolidadas ou construídas para a vida espiritual das entrevistadas em situação de separação/divórcio, Viçosa/MG, 2010

Situação	Rede Primária	Rede Secundária	Rede Terciária
	Nº	Nº	Nº
Enfraquecimento	-	-	-
Consolidação	10	3	3
Construção	5	2	2
Total	15	5	5

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre a rede secundária, 3 entrevistadas relataram que ela foi consolidada (irmã-2 e tia-1); e, 2, que ela foi construída (Igreja-1 e psiquiatra-1). Todas as depoentes classificaram a intensidade do vínculo como forte. Da mesma maneira, ocorreu com as 5 entrevistadas que citaram um terceiro apoio de laço forte, para 3, a rede foi consolidada (Igreja-1, amiga-1, pai e mãe-1); e, para outras 2, foi construída (Igreja-1 e amiga-1).

Sobre a consolidação do apoio da Igreja, uma entrevistada relatou o seguinte:

Já tinha esse vínculo com a igreja, mas era bem fraquinho. Antes estava com a luzinha bem apagadinha, hoje está bem mais e vai crescer mais, depende da necessidade, mas já brilha mais (Entrevistada 1).

Logo, sobre a construção das redes, as entrevistadas 2 e 6 fizeram o seguinte relato sobre o apoio da igreja e de Deus, respectivamente:

Eu pedi ajuda na igreja mesmo, para fazer interseção pra mim, precisei sim, e to precisando ainda (Entrevistada 2).

Por necessidade, você tem que se apegar a alguma coisa, então você se apegar a alguma coisa que vai te fazer bem, não a uma coisa que vai te fazer mal, porque senão... Porque na hora que você está passando por uma dificuldade, nossa, eu acho que são tantos caminhos que você não sabe se eu faz isso, se faz aquilo, tem dia que a gente fica tão desesperada que aí[...] eu vou sair e não vou voltar nunca mais. É isso, é um apoio, então você acaba pedindo a Deus pra te iluminar (Entrevistada 6).

Constatou-se que tanto a consolidação quanto a construção da rede de apoio com a Igreja e Deus para a vida espiritual se deu em virtude da necessidade da

entrevistada buscar forças para superar as dificuldades advindas da dissolução conjugal.

Da mesma maneira, sobre o modo que se deu a construção da rede de amigos, observaram-se os seguintes relatos:

É porque ela conviveu, eu morei dezoito anos lá na Rua São João e ela viu meu casamento todo assim. De repente um dia ela falou: acaba. Ele era um homem muito moralista. E acabou que, assim, ela foi chegando em mim, vendo, eu comecei a emagrecer, muito aborrecida, eu entrei em depressão, aí começou a me dar apoio, começou o apoio (Entrevistada 3).

Ah não, antes da separação era um problema né, porque o pai do meu filho assustava todo mundo, então eu perdi contato com amigos, perdi contato com todo mundo praticamente. É, eu acho que, eu depois, sozinha, tava saindo mais ou até na aula, ficava mais tempo da universidade, aí eu fui conhecendo né, no curso mesmo (Entrevistada 17).

Além do apoio da Igreja e Deus, observou-se que as amizades e o apoio materno representaram um importante alicerce para a vida espiritual da entrevistada. O papel dessas redes consistiu em conselhos, diálogo e prontidão para os momentos de necessidade. A Figura 13 esboça a percepção das entrevistadas sobre as redes de maior importância para a vida espiritual (redes primárias):

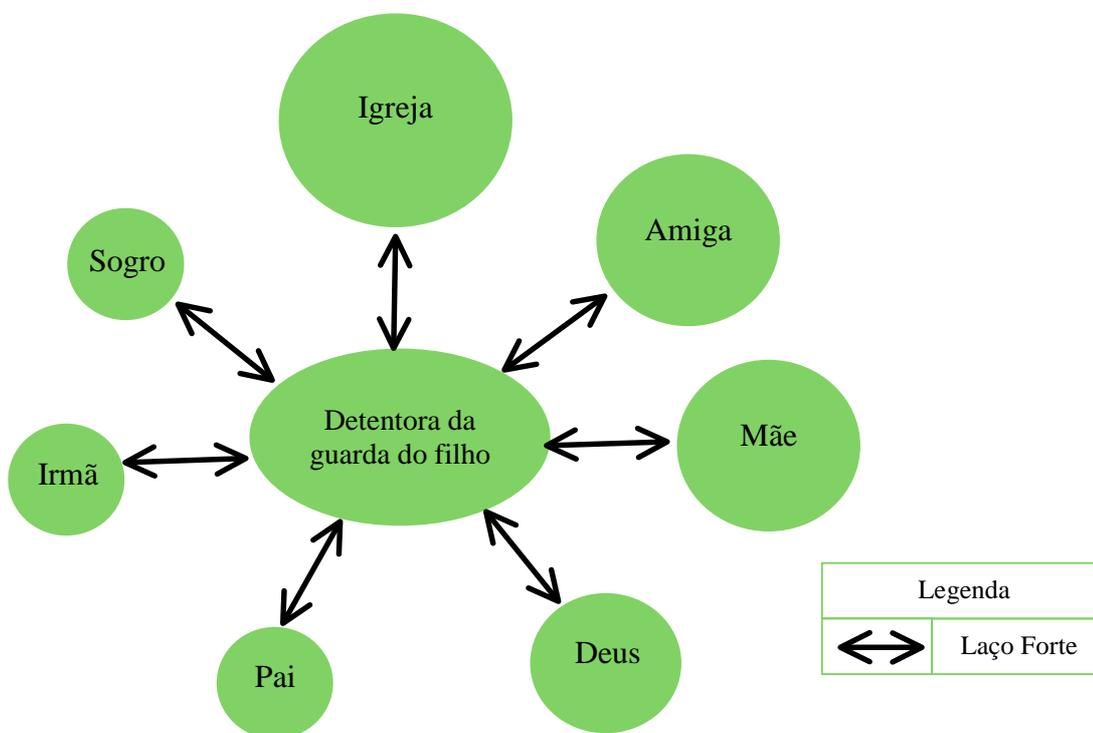


Figura 13 – Percepção das entrevistadas sobre a morfologia da rede social de apoio à vida espiritual, Viçosa/MG, 2010.

Fonte: Dados da pesquisa.

4.2.10. Mapeamento das Redes Sociais segundo os Domínios da Vida

A Figura 14 esboça, de maneira geral, as principais redes sociais de apoio (redes primárias) à administração dos diferentes domínios da vida pelas detentoras da guarda dos filhos. Para cada domínio da vida, foi feita uma escala indicando o número de citações de cada nó da rede social pela entrevistada, e os nós mais próximos à área central indicam 12 citações e, os mais distantes, uma.

Constatou-se que o número de nós da rede primária por domínio da vida variou de 3 (renda familiar e educação pessoal) a 10 (cuidado com os filhos e lazer), sendo a rede familiar considerada a mais importante para a administração dos diferentes domínios da vida. Outro fator que merece destaque é que o ex-cônjuge ainda ocupava um importante papel na vida das entrevistadas, principalmente no que dizia respeito à renda e ao cuidado e à educação dos filhos, mesmo que após o fim do casamento os laços tenham enfraquecido.

Em seu estudo, Portugal (2004) relata que a rede familiar configurou para a maioria dos seus entrevistados uma rede de segurança e proteção, constituída por pessoas às quais se pode sempre recorrer.

Igualmente, o constante apoio da mãe da entrevistada ficou evidente em todos os domínios da vida, exceto com relação à renda familiar, visto que neste domínio o ex-cônjuge e o pai da entrevistada ocupavam a principal fonte de apoio.

Esses dados estão de acordo com Vitale (2007), que afirma que em famílias monoparentais é comum que as avós assumam tarefas de um dos pais. Além disso, Portugal (2004) afirma que, nas questões de saúde, tarefas domésticas e cuidados com as crianças, o apoio é proveniente de redes femininas. Assim, se a mãe da mulher não puder ajudar, outra mulher da família a substitui. Esse dado pode ser constatado neste estudo, sendo exemplificado como o apoio recebido pela irmã, tia, avó e sogra nas diferentes esferas da vida.

Outro resultado que merece ser destacado é que os domínios lazer e cuidado com os filhos foram os que exigiram maior número de nós na rede primária, cada qual com 10, assim como no conjunto das redes primária, secundária, terciária e quaternária, sendo 16 o número total de nós para o lazer e 12 para o cuidado com os filhos. Dessa forma, pode-se inferir que a diversidade de demandas das entrevistadas para o lazer, como incentivo, companhia, cuidado com os filhos e apoio financeiro, bem como as demandas para o cuidado com os filhos, como higiene, alimentação, vestuário, carinho, conselhos e segurança, muitas vezes exigem o apoio de diferentes pessoas e instituições.

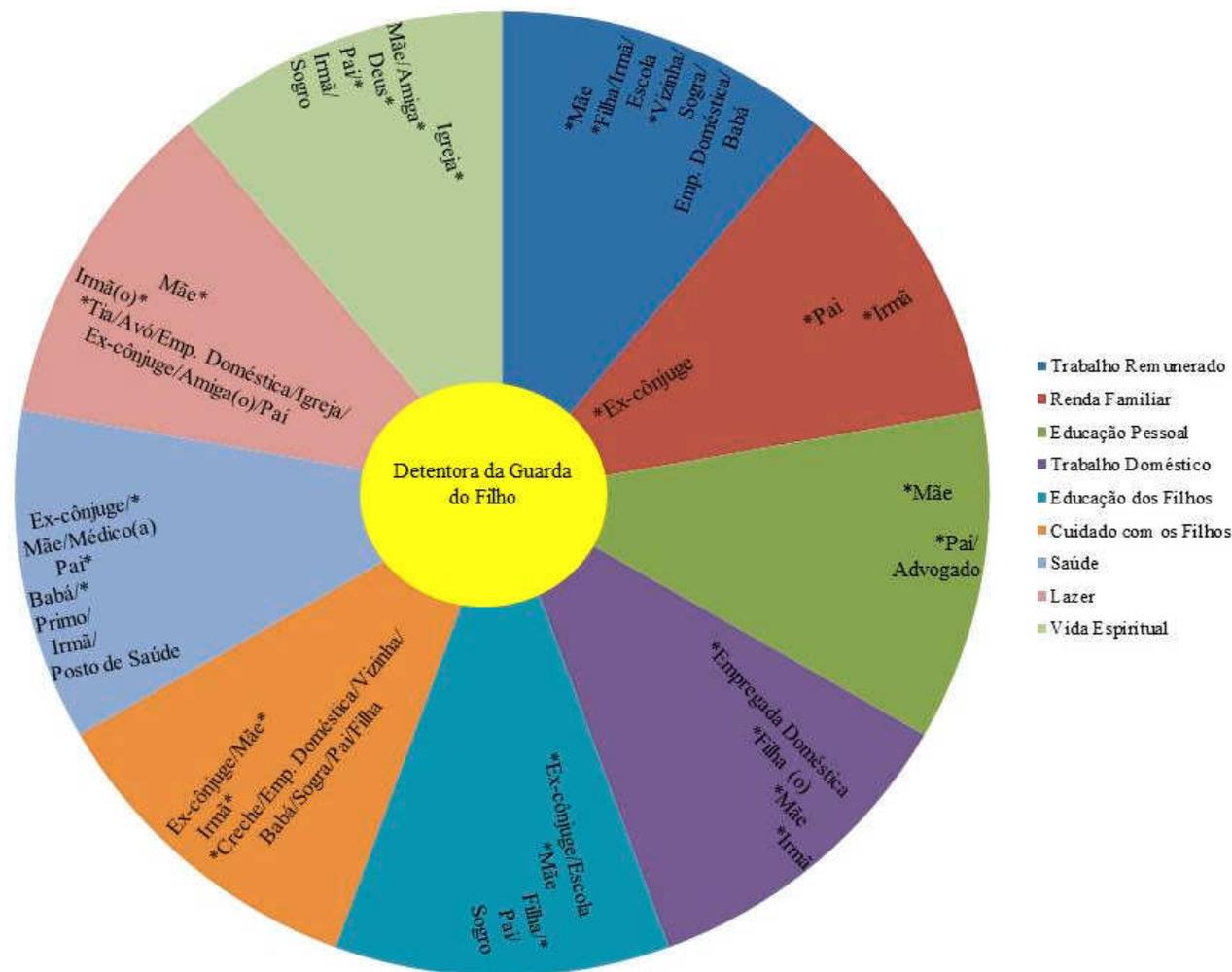


Figura 14 – Percepção das entrevistadas sobre as redes sociais primárias de apoio à administração dos diferentes domínios da vida, Viçosa/MG, 2010.

Fonte: Dados da pesquisa.

4.2.11. Redes Sociais: quais as trocas possíveis?

Conforme Portugal (2006), as trocas incluem diversas interações que podem ser positivas ou negativas, que vão desde a ajuda material e prestação de serviços até o diálogo e a companhia.

Nesse sentido, quando questionadas acerca das trocas possíveis com as redes sociais, especialmente as redes informais, ou seja, aquelas compostas por familiares, vizinhos, amigos e Igreja, predominou nos relatos das entrevistadas tanto a troca por solidariedade, ou seja, sem que houvesse compensação financeira, quanto a ausência de qualquer tipo de troca ou custo, o que pode ser constatado nas seguintes falas:

Tem aquela coisa de família né, tá sempre trocando alguma coisa, não com aquela obrigação, é aquela troca normal mesmo, bem família mesmo. Vai acontecendo assim né, então precisou de mim eu to pronta, se eu preciso deles, eles estão prontos. Isso não só com minha irmã, mas eu tenho irmãos que moram fora, por exemplo, esse meu irmão que mora lá em BH ta cuidando do Bruno lá. Então, assim, eu estou super tranquila aqui porque eu sei que o Bruno não ta sozinho lá, se eu ficar aqui o ano inteiro, eu não preciso nem de ver o Bruno, porque eu sei que ele está bem cuidado, porque eu sei que esse meu irmão vai lá a tarde só pra ver como que estão as coisas (E. 1 – fazendo referência ao apoio de familiares para o trabalho remunerado e cuidado com os filhos).

Eu acho que é mais uma troca, né, tipo assim um dia elas que me chamam, outro dia, eu. Então, assim, mais é esse laço mesmo de ah, tem dia que eu não estou muito afim, mas a Maria está afim de ir, eu vou só porque ela está afim, não tem companhia, mais nesse sentido mesmo (Entrevistada 7 – fazendo referência ao apoio das amigas para o lazer).

A mesma atitude que ela tem com os meus filhos, eu tenho com os delas também. Não por necessidade, mas é por amor mesmo... (Entrevistada 10 – fazendo referência ao apoio da irmã para o cuidado com os filhos).

Observa-se, na fala seguinte, que o apoio da madrinha, embora tivesse um valor financeiro para a entrevistada, era uma troca por solidariedade e não por obrigação. Além disso, é interessante salientar que a figura da madrinha surgiu como a apoio à administração de diferentes domínios da vida, como trabalho remunerado, renda familiar, educação pessoal e lazer:

Eu pagava ela e falava que era pela responsabilidade de ter que ficar com as meninas à noite para eu poder sair para trabalhar, mas independente disso ela ficaria com as meninas a mesma coisa, eu que insistia em dar esse dinheiro. Eu sei que não é fácil cuidar de filho e ainda mais filho dos outros, aí eu fazia questão de está passando esse dinheiro para ela, mas várias vezes ela já recusou né, e eu não peguei de volta o dinheiro, deixei com ela (Entrevistada 12 – fazendo referência ao apoio da madrinha para o trabalho remunerado e cuidado com os filhos).

Dessa maneira, o cuidado implica tanto na execução de determinados trabalhos, que estão diretamente relacionados à questão financeira, quanto na disponibilidade para o outro, que independe da compensação financeira (LYRA et al., 2007).

Outrossim, foi possível constatar o custo negativo que algumas redes informais tinham para as entrevistadas. Nos depoimentos que seguem, uma entrevistada relatou que a dependência do ex-cônjuge para o pagamento do seu plano de saúde fez com que ela desse satisfações da sua vida pessoal ao mesmo. Outra entrevistada relatou que a dependência da sua mãe para questões relativas ao lazer e à educação pessoal e do filho fez com que ela aceitasse a forma dela de educar o neto, embora muitas vezes discordasse:

Eu acabo até ficando meio deprimida, estou separada e tenho que depender dele pra alguma coisa. Você acaba tendo que dar satisfação, porque você precisa daquilo, se ele tira não tem como. Aí eu fico tão constrangida. Acaba sendo uma troca, porque não tenho uma relação com ele e ele assim, não sei se ele ainda gosta, eu acho que eu que me fechei pra vida, aí o que que eu vou dar em troca, né?! É mais ou menos assim, acaba sendo uma troca, porque infelizmente, como que você vai ganhar uma coisa de uma pessoa e estar ferindo os sentimentos dela? Seria ingratidão (Entrevistada 6).

Eu acho que o custo tem mais haver com me adaptar à forma dela educar o meu filho. Então, assim, como eu preciso muito dela, eu não posso ficar batendo de frente com alguma coisa que eu acho que não esteja certa. O custo é mais esse, a questão da educação, porque ela não educa muito e, às vezes, ela está cansada, aí ela deixa ele, assim, deixa ele pra aproveitar, coisas que eu não concordo, mas eu também não posso ficar brigando toda hora porque eu preciso que ela me ajude (Entrevistada 17).

Segundo Cramer et al. (1997 *apud* OLIVEIRA, 2009), existe uma diferença entre suporte social descrito e avaliado, sendo o primeiro um tipo particular de comportamento e o segundo é uma avaliação de como o primeiro é percebido, podendo ser satisfatório e ter servido de ajuda ou, ao contrário, como no caso descrito anteriormente, ter representado muitas vezes um laço negativo. Ainda, o depoimento da entrevistada 17 contraria o estudo de Vitale (2007), que pontua que as trocas com as avós (nesse caso, a mãe da entrevistada) acontecem sem tensões no meio familiar.

Na fala seguinte constata-se, ainda, um relato sobre a troca por obrigação, pois, em função do aporte financeiro fornecido pelo ex-cônjuge, a entrevistada se sentia na obrigação de retribuir hospedando-o em sua residência quando o mesmo ia visitar o filho:

Eu acho que eu tenho obrigação. Assim, ele mora fora, quando ele vem, ele fica aqui, entendeu, pra não pagar hotel, essas coisas. Ele vem e fica aqui (Entrevistada 8)

Já para as redes formais, como escola/creche, babá, empregada doméstica/faxineira, advogado, as respostas foram fundamentadas, em sua maioria, em algum tipo de custo financeiro por parte das entrevistadas:

Ah, duzentos e quarenta só a mensalidade. E ainda tem o gasto de transporte, porque eu tenho que levar e buscar (Entrevistada 8 – fazendo referência ao apoio da escola/professores na educação dos filhos)

É um salário, quer dizer, que eu pago né, fora o gasto dela aqui dentro de casa (Entrevistada 13 – fazendo referência ao apoio da empregada doméstica para o trabalho doméstico).

Algumas redes formais, no entanto, como posto de saúde/médico, escola/creche e instituição recreativa, não eram pagas pelas entrevistadas, mas custeadas pelo poder público ou oferecidas gratuitamente pela rede de contatos. Esse é o caso da entrevistada 12, a quem o serviço privado era fornecido gratuitamente em função do vínculo criado quando trabalhou como empregada doméstica na residência de um médico e, também, pelo fato de ela atuar como técnica em enfermagem em estabelecimentos de saúde do município:

Não, é pelo SUS mesmo (Entrevistada 3 – fazendo referência ao apoio do posto de saúde no domínio saúde).

Não, porque ele tem muito dinheiro, ele não faz mais do que a obrigação dele. Ele não perde nada em está fazendo isso não. Essa é a boa ação do dia dele (Entrevistada 12 – fazendo referência ao apoio do médico no domínio saúde)

Era noventa reais por semana durante 4 meses. Hoje em dia é atendimento gratuitamente pela UFV (Entrevistada 17 – fazendo referência ao apoio do psiquiatra no domínio saúde).

Conforme os depoimentos, é interessante observar a importância do serviço público enquanto rede de apoio social à saúde, principalmente para famílias de classes menos favorecidas.

Segundo Portugal (2006), a saúde é o domínio onde se pode observar uma presença mais forte do Estado. Desse modo, na opção pelo Estado na prestação dos serviços de saúde, é possível identificar aqueles que utilizam o serviço público porque não têm condições de arcar com o serviço privado e, também, aqueles que a sua rede de contatos lhe permite acessar os serviços do Estado, mesmo sendo

passíveis de custear o privado. Por outro lado, neste estudo foi possível constatar que o contrário também é possível, ou seja, a utilização do serviço privado sem custos, por meio do acionamento da rede de contatos.

4.3. Administração dos Diferentes Domínios da Vida

Nesta seção, buscou-se trazer uma discussão acerca do processo administrativo dos diferentes domínios da vida e das alterações na família após a separação ou divórcio.

4.3.1. Domínio: Trabalho Remunerado

Por meio dos depoimentos das entrevistadas, observou-se que, no domínio **trabalho remunerado**, 5 relataram que após a separação/divórcio estavam trabalhando mais, seguida de 3 que obtiveram crescimento profissional após a ruptura da relação matrimonial. Os seguintes relatos ilustram esses dados:

Antes tinha aquela responsabilidade do pai ajudar, hoje não, hoje é você sozinha tendo que se virar e a responsabilidade é o dobro, porque entra a educação, a conta de casa, tudo pra você resolver. A responsabilidade dobra, porque antes era dividida, agora não, agora sou eu sozinha. Tive, eu acho que agora trabalhar mais, porque antes eu ficava mais tranquila, tinha ajuda e hoje não, eu creio que hoje eu trabalho mais (Entrevistada 14).

É diferente; para doméstica não tem qualificação, direitos; trabalhava mais, recebia menos, não tinha direito nenhum. Agora hoje eu já tenho uma qualificação, como se diz, eu posso fazer concurso né, eu tenho direito a seguro desemprego, se precisar o INSS, o fundo de garantia, essas coisas que a doméstica não tinha, e o salário é razoavelmente melhor (Entrevistada 12).

A busca por melhor salário interfere diretamente no tempo dedicado ao trabalho remunerado, o que pode ser uma causa de conflito entre este e a vida pessoal e familiar, interferindo diretamente nos níveis de cansaço, estresse e fadiga, como também nos investimentos em qualificação profissional, garantindo maior satisfação pessoal. Assim, o trabalho remunerado possui um significado de realização e independência, indo além do rendimento financeiro, conforme apontado por Santos (2008) e ilustrado pela fala seguinte:

(...) Eu fiquei mais independente também, sabe, eu nunca tinha trabalhado de carteira assinada, eu me sinto mais importante, não sei, assim, acho

que porque eu não fico mexendo só com serviço de casa mais, sabe?! (Entrevistada 2).

Losada e Rocha-Coutinho (2007) também pontuam que, se anteriormente a família e a casa eram de importância primária para a mulher, o trabalho remunerado passa a ocupar um novo lugar em sua vida. Isso porque tem-se a ideia de que se ela não sair de casa para trabalhar, terá pouco valor. Além disso, estudos apontam que as duas principais razões pelas quais as mulheres se inserem no mercado de trabalho remunerado são as mesmas dos homens: satisfação pessoal e a necessidade de se sustentar e a seus dependentes (BENOKRAITIS, 2008).

Houve entrevistadas que também relataram que, após a separação/ divórcio, (1) se inseriram no mercado de trabalho, (2) precisaram reduzir a carga de trabalho, (3) têm a vida profissional mais organizada, (4) não sofreram mudanças no trabalho remunerado e (5) nunca trabalharam, cada caso com 2 citações:

Eu nunca trabalhei fora, fiquei dezoito anos casada, sempre cuidando do marido e dos filhos. Aí, com a separação, com o tempo eu fiquei depressiva, né, aí uma vizinha minha foi e falou, ôh Helena, eu vou arrumar um serviço para você. Eu tomo rivotril, eu não durmo sem o rivotril. Aí eu comecei a trabalhar e minha vida começou a ficar melhor, trabalhando, trabalhando, e quero continuar trabalhando... Por um lado a separação foi ruim por causa dos filhos, mas por outro lado foi melhor, eu comecei a conhecer um outro lado da vida (Entrevistada 3).

Eu estou mais tranquila, porque antes eu ficava muito ansiosa, a convivência não estava boa, então isso apertava o trabalho. Antes eu era mais tumultuada. Eu acho que agora, eu sabendo que é só eu que tenho para organizar tudo, eu estou mais controlada, estou mais organizada (Entrevistada 10)

Casei muito nova. É muito difícil encontrar emprego com dois meninos pra cuidar, não tem jeito, logo que casei eu arrumei filho, né? Eu não tenho estudo, então não tem um emprego bom. Se pagar uma pessoa que vai ter cobrar o mesmo tanto, você dá preferência para ficar em casa, pelo menos você curte o seu filho um pouquinho (Entrevistada 6).

Nos depoimentos das entrevistadas 3 e 10, é possível notar os benefícios que a dissolução conjugal trouxe para a administração do trabalho remunerado, uma vez que a primeira se inseriu no mercado de trabalho, o que lhe ajudou a superar a separação; e a segunda reorganizou o seu cotidiano laboral e familiar.

Além disso, a entrevistada 1 relatou que a saída do ambiente doméstico e o preenchimento do tempo ocioso a motivou a se inserir no mercado de trabalho:

É de sair mesmo de casa, pra ter outras coisas, pra encher o meu tempo, minha vida mesmo, porque foi uma mudança muito dura, vou chorar... É

a necessidade mesmo de buscar, eu tenho que buscar coisas novas pra mim, então tenho que fazer isso e vou fazer cada dia, mas dentro do meu limite... Porque daqui a pouco, um já foi embora esse ano pra fora, daqui a pouco ela também vai, já já eu vou estar sozinha e então eu não posso ficar nessa vida de cuidar só da casa. Estou cheia de coisas pra mim, quero voltar a estudar, quero trabalhar, mas hoje a prioridade é cuidar bem deles, ter tranquilidade pra cuidar deles (Entrevistada 1).

Esta mesma entrevistada relatou ainda que, apesar da sua inserção no mercado de trabalho, a sua prioridade é cuidar dos filhos:

Ah, eu faço assim, a prioridade é cuidar dos meninos, né?! Então, o meu tempo é deles, sobrou tempo, aí sim eu vou e fico lá com ela e ajudo o básico. Eu vi que se eu seguisse o caminho de sair de manhã e ficar o dia todo fora, eu ia trazer muito mais problemas pra mim e pra eles (Entrevistada 1).

Com relação à administração do trabalho remunerado, considerando-se os demais domínios, é interessante observar que, apesar das dificuldades, as entrevistadas reorganizaram sua rotina de modo a atender à família e ao trabalho, mesmo que isso signifique a adoção de novos papéis e a consequente sobrecarga de trabalho. Essa questão é abordada nas seguintes falas:

Na verdade, eu acho que antes tinha um pouco mais de facilidade, porque ele sempre me ajudou muito. Até a minha separação ele sempre foi muito paizão, ao ponto de eu chegar em casa e a casa estar arrumada, o almoço estar pronto, ela de banho tomado (...), então eu conseguia administrar com mais facilidade. Mas eu acho que eu sou melhor dona de casa, melhor mãe hoje, sem ele, porque com a falta dele eu assumi tudo. Hoje eu me dedico mais, bem mais (Entrevistada 7).

Ah, é muito pesado, é muito puxado. Tem horas que eu não aguento mais; o meu olho está cansado tá vendo? Eu estou desde ontem sem dormir né, mas agora no final de semana eu aproveito para descansar, todo dia depois do almoço eu durmo, durmo sempre cedo, no dia que estou em casa tento aproveitar ao máximo o tempo, aí eu fico com elas. E na hora do almoço né, que a gente tem duas horas, então todo o dia na hora do almoço, na hora do café, na hora da janta, eu estou com elas (Entrevistada 12).

Além disso, nota-se na fala da entrevistada 7 que, mesmo com todas as mudanças e ajustes após a ruptura conjugal, ela conseguiu administrar e se dedicar mais aos papéis de mãe e trabalhadora. Isso pode ser justificado pelo fato de que, após a separação, ela assumiu por completo as responsabilidades familiares, o que, outrora, era dividida com o cônjuge.

Wagner et al. (2005) argumentam que de oito tarefas pesquisadas relacionadas à educação, cuidados, sustento financeiro, lazer e suporte emocional dos

filhos, seis eram divididas entre o pai e a mãe. Entretanto, como constatado no depoimento anterior, a divisão das tarefas entre os pais existia somente enquanto a família era nuclear, o que não foi constatado quando a família passou a ser monoparental.

Outra entrevistada expressou como era a administração do seu tempo para o cuidado com o filho, visto que a sua jornada de trabalho aumentou em virtude da necessidade de melhoria salarial, além de fazer um curso noturno com vistas ao crescimento profissional. Para ela, os cuidados com a casa e a família eram considerados obrigação. As novas necessidades pessoal e familiar advindas com o divórcio fizeram com que a depoente priorizasse sua atividade laboral e capacitação profissional e, dessa forma, o tempo disponível para as atividades consideradas como obrigatórias foi reduzido:

Antes eu trabalhava meio período, porque não necessitava tanto de trabalhar, porque tinha meu marido. Agora não, eu tenho que trabalhar no período integral, hoje o meu gasto é maior porque eu tenho que me virar tudo né?! Olha, eu sempre fui assim, eu sempre trabalhei, mas sempre procurei fazer também a obrigação de casa, filho, marido, nunca descuidei disso. E hoje em questão de filho, é claro, eu dou atenção, mas hoje o meu tempo é muito mais corrido, porque eu não paro em casa. Saio de casa de manhã de segunda até quarta, chego em casa dez e meia, então é mais corrido pra mim (Entrevistada 5).

Aqui é possível verificar que a entrevistada considerava uma obrigação os cuidados com a casa e a família. As novas necessidades pessoal e familiar advindas com o divórcio fizeram com que a depoente priorizasse a sua atividade laboral e capacitação profissional e, dessa forma, o tempo disponível para aquelas atividades consideradas como obrigatórias, se reduziu.

Nesse mesmo escopo, uma entrevistada relatou o estabelecimento de prioridades para conciliar trabalho, família e casa, manifestando que apesar do acúmulo de papéis, a vida está melhor sem o cônjuge em casa, uma vez que não podia contar com o apoio dele nas tarefas familiares e domésticas:

Hoje é muito corrido, muita coisa a gente acaba deixando passar, eu acho que a gente vai estabelecendo prioridades. Então, ou a casa fica bagunçada, ou eu fico sem dar assistência, ou eu trabalho e algumas coisas vão ficando a desejar... Se a gente for olhar pelo lado assim, tempo, mas se for olhar pelo outro também, você chegar em casa, chateado, com raiva, entendeu, sabe assim, cara emburrada, não estar com uma pessoa que você pode contar, entendeu, aí, por esse lado, agora tá melhor (Entrevistada 17).

Foi notório nos depoimentos que a nova configuração familiar em virtude da separação ou do divórcio exigia da mulher o estabelecimento de prioridades para a administração do seu tempo, de modo a suprir as demandas pessoal e familiar que este rearranjo necessitava. O trabalho de Teixeira (2005) pontua sobre as dificuldades na alocação do tempo, papéis e energia para a administração da família e do trabalho. No entanto, essas dificuldades pareciam ser muitas vezes superadas, uma vez que a dissolução conjugal frequentemente trazia consigo a possibilidade de a mulher se dedicar a si, àquilo que acreditava ser prioritário.

4.3.2. Domínio: Renda Familiar

Com relação à administração da *renda familiar*, as citações de 10 entrevistadas estavam relacionadas à redução da mesma, mas a maioria das entrevistadas (6) relataram que conseguiram adequar o orçamento doméstico à receita:

Bom, antes era tudo ele né?! Antes era ele que mantinha a casa né, eu trabalhava só na casa de família e o dinheiro, assim, eu comprava só roupas pros meninos, calçados, roupa pra mim... Água, luz, gás, a compra da casa, remédio, era tudo ele. Aí depois da separação veio tudo pra cima de mim, assim, eu passei a ser tipo o homem da casa. A pensão alimentícia foi pouca e ele queria que eu me virasse com aquilo ali mesmo e eu graças a Deus consegui. É pouco e eu consegui me virar (Entrevistada 2).

No caso, a gente dividia, igual, por exemplo, a compra mensal ele que pagava, acho que conta de água e luz também era e eu pagava, assim, empregada, roupa das crianças, o que elas precisavam eu ficava responsável. Antes a responsabilidade dele dentro de casa era maior com relação à renda e hoje ele dá apenas a pensão. Eu consegui adaptar a minha família à renda que eu tenho (Entrevistada 13).

Lógico que quando você está casado, a renda é melhor, né?! Depois que separa a responsabilidade acaba sendo só minha, só de uma pessoa. Tem uma certa redução, mas assim, eu sempre trabalhei, sempre procurei ser bem independente nesse sentido. Na verdade assim, um dos motivos que a gente acabou separando é essa questão também, ele era muito seguro, as coisas dele eram dele. Ah, conta de banco, salário, coisas assim, então na verdade eu nunca sabia se ele tinha dinheiro ou não tinha, entendeu? (Entrevistada 15).

É interessante observar como a divisão das despesas domésticas ocorria entre o casal durante o casamento. Enquanto ao homem competia prover a alimentação familiar, à mulher cabia suprir as necessidades relacionadas ao vestuário da família. Esses resultados também foram encontrados no estudo de Teykal e Rocha-Coutinho

(2007), no qual as autoras afirmam que, apesar do incremento da participação da mulher no orçamento familiar, o homem ainda se mantém como o principal provedor da renda, visto que, na maioria das vezes, a remuneração masculina é superior à feminina.

Das entrevistadas que relataram a redução na renda familiar, uma citou que durante o casamento, o papel da administração da renda era somente do cônjuge, como demonstrado a seguir:

Antes era ele que administrava tudo, eu nunca saí pra comprar nada, eu fazia a lista e ele comprava. Não saía de casa nem pra ir à padaria, era mais ele. Hoje não, hoje quem administra sou eu, no caso, vejo onde tenho que pagar. Eu não ficava sabendo quanto que ele ganhava, chegava no fim do mês ele mesmo que chegava e saía pagando, eu não tinha acesso a essa parte de pagamento, eu dava as contas e ele pagava. Hoje ele me dá e eu que administro, eu vejo o que tem que pagar (Entrevistada 6).

Seis entrevistadas relataram, ainda, que a renda passou a ser maior e a administração melhor do que antes da dissolução conjugal, como mostram os seguintes depoimentos:

Mudou porque a responsabilidade passou a ser toda minha, mas ao mesmo tempo eu acho que o meu salário melhorou. Então, eu acho que consigo fazer minha economia mais do que eu fazia antes quando eu estava casada, por causa dessa mudança de salário e também pelo fato de nem eu e nem ela almoçarmos em casa. É menos uma pessoa pra tomar banho em casa, então com isso as minhas despesas reduziram também um pouco, por ter menos uma pessoa (Entrevistada 7).

Minha vida está muito mais controlada do que antes. Não, não diminuiu, aumentou. Ele tem a obrigação de me dar aquele tanto e eu administro direitinho, né, então não falta nada (Entrevistada 8).

Ele pagava sempre assim, o plano de saúde das meninas, a água e a luz, o resto era eu que fazia. Compra, roupa para as meninas, tudo era eu que tinha que fazer. Hoje eu pago tudo, mas aí, ele saindo no dia de separar também, as contas diminuíram. A luz abaixou, a água abaixou, gás eu quase não uso. Porque o dinheiro meu eu administro. Se colocar o dinheiro na mão dele, ele não administrava, por isso que eu acho que é bem maior agora. Ele me ajudava, mas o dinheiro era dele, agora não, agora o dinheiro é meu. Esse dinheiro ele passou para mim. Então, está nas minhas mãos e eu estou administrando ele. E eu administro melhor do que ele (Entrevistada 16).

Com a separação/divórcio, as entrevistadas passaram a ter o poder de controlar os recursos financeiros, o que propiciou melhor administração da renda de todo o grupo familiar. Isso vai ao encontro do que é afirmado por Goldsmith (2000) em seu modelo de administração de recursos, isto é, que a composição familiar tem

influência direta na administração de recursos na família. Além disso, ao administrarem a renda familiar, as mulheres passaram a exercer o poder decisório no tocante ao consumo e atribuíram a melhoria da renda à possibilidade de aumentar a carga horária de trabalho após a separação/divórcio, conforme ilustra as falas seguintes:

Eu acho que melhorou demais, melhorou muito porque se eu quiser comprar, igual depois que eu comecei a trabalhar em dois empregos eu já comprei televisão, microondas, comprei mesa, cadeira, já comprei um jogo de quarto, já comprei DVD, cama para as meninas, colchão, máquina digital, coisas que eu nunca imaginava se eu estivesse casada. Na verdade tudo me estimulou foi depois da separação mesmo né, eu tinha que ter mais renda para manter, para sustentar e para estar comprando essas outras coisinhas. Diminuiu a boca e aumentou a renda, querendo ou não acabou ficando mais confortável para mim e para as meninas (Entrevistada 12).

Eu acho que antes eu não conseguia fazer o que eu faço hoje, eu acho que hoje eu administro melhor, sempre tem uma folguinha ali se eu quiser alguma coisa e antes eu não tinha. Está maior, porque hoje eu consigo trabalhar dois dias a mais para eu ter um salário maior um pouquinho (Entrevistada 14).

Outras depoentes relataram a ausência de mudança nesse domínio da vida (2 entrevistadas).

4.3.3. Domínio: Educação Pessoal

Com relação ao domínio *educação pessoal*, 6 entrevistadas relataram que pararam de estudar quando ainda eram solteiras, e 4 quando se casaram ou engravidaram, como pode ser constatado nas falas a seguir:

Eu comecei a fazer pedagogia na FDV e fiquei grávida dele, aí parei. Quando eu ia voltar, eu separei, aí minha vida vira aquela bagunça, então não teve jeito. Aí eu quero daqui a pouco voltar a fazer, que é uma coisa que eu gosto e eu acho que vou ter prazer ainda de poder fazer (Entrevistada 1).

Eu engravidei, eu estava com 17 para 18 anos, aí eu saí da escola e não voltei nunca mais, mas eu me arrependo (Entrevistada 2).

Outrossim, 5 depoentes relataram a busca pela capacitação profissional ainda durante o casamento, seja pela sinalização ou interesse pelo fim da união, seja pelo próprio crescimento profissional. Porém, para 4 não houve apoio do cônjuge nessa questão, conforme ilustrado nas falas seguintes:

Eu queria separar e precisava de emprego. Em uns quatro anos de casada eu queria separar, já não estava aguentando mais, mas eu não podia separar porque eu não tinha emprego, aí eu comecei a trabalhar como doméstica. Igual eu falei, não tinha garantia nenhuma e não ia ficar trabalhando o resto da minha vida como doméstica, foi isso que me motivou a fazer o curso. Ele tinha ciúmes demais do curso, de eu estar estudando (Entrevistada 12).

Olha, quando eu era casada consegui com meu esforço o salão de cabeleireiro, manicure, de maquiagem, de penteado, depilação, enfim, e hoje eu procuro mais, evoluir mais nisso aí. Porque, assim, quando você está casada eu acho que te prende um pouco. Então, hoje não, hoje você fala assim 'eu vou fazer', vou e faço. Não tem aquela segunda pessoa que vai te puxar para trás (Entrevistada 14).

A incerteza na continuidade do relacionamento foi, assim, um dos fatores-chave para o investimento na carreira, pois seria a garantia de melhor renda. Isso pode ser explicado pelo fato de a renda feminina ser inferior à masculina, visto que, em 2008, as mulheres ganhavam 65% do rendimento dos homens e, além disso, mulheres menos escolarizadas e com poucas opções para o cuidado da família e dos filhos apresentam menos chances de trabalhar fora de casa (FONTOURA; GONZALEZ, 2009). Além disso, de acordo com Oliveira (2009), as mulheres que atuam como trabalhadoras domésticas têm buscado capacitação de modo a conquistar um futuro profissional diferente.

Outras duas entrevistadas disseram não ter passado por qualquer mudança nesse domínio da vida; uma buscou se capacitar profissionalmente após o fim do casamento, conforme exemplificado a seguir:

Eu estou fazendo um curso técnico em enfermagem. Mas igual eu te falei, eu tive que primeiro cair, para eu perceber que tinha que fazer alguma coisa. Eu casei com 20 anos, não era tão nova não, mas não era velha também não. Então, você pensa só na casa, marido, filhos, entendeu?! Então, quando eu vi que não tinha mais nada, assim dizer, eu tinha que me virar, eu estou procurando meus meios de tentar melhorar alguma coisa (Entrevistada 5).

Abdicar dos estudos e da carreira a fim de priorizar a família é a realidade vivenciada por muitas mulheres, talvez por acreditarem que o casamento não se dissolverá. Porém, com o fim do casamento, essa situação acarreta consequências negativas para a autoestima da mulher que passa a se sentir desvalorizada perante a sociedade por não conseguir suprir suas demandas pessoais e a de sua prole ao ter a renda familiar diminuída com a saída do cônjuge de casa. Isso porque a sociedade espera que a mulher seja capaz de se auto-sustentar, assim como a seus filhos,

independente de ter qualquer experiência de trabalho ou habilidades/capacidades a ele relacionadas (BENOKRAITIS, 2008).

4.3.4. Domínio: Trabalho Doméstico

No que tange ao *trabalho doméstico*, é interessante ressaltar que 12 entrevistadas disseram que a carga de trabalho ficou mais leve, pois mesmo com a ampliação das responsabilidades familiar, laboral e doméstica, elas organizavam o cotidiano conforme as suas prioridades e não mais em função do cônjuge. O trabalho doméstico deixou de ser uma obrigação e passou a ser realizado quando possível:

Ah, mudou muito, porque eu não lavo pra ele, não passo, não cozinho. A cruz das costas saiu. Hoje eu faço de tudo, mas só que é mais fácil pra mim (Entrevistada 4).

Antes eu ficava preocupada em deixar a casa sempre limpa, menino bem cuidado, almoço no horário certo para o marido e roupa. Menos sobrecarregada, verdade. O que dá para arrumar, eu arrumo, ou deixo para amanhã. Antes não, eu ficava doída pra arrumar, eu limpava até os pés da cama, aquela coisa doentia, hoje não. Hoje eu tirei uma responsabilidade dele, agora é só os meninos. Você concilia melhor do que com a vida conjugal (Entrevistada 6).

Eu continuo fazendo, mas, engraçado, eu não me vejo naquela obrigação de todo dia ficar limpando casa, colocando coisa no lugar, arrumando roupa de homem, guardando, ter que ficar todo dia no fogão (Entrevistada 8).

Minha casa fica bem bagunçada, bem bagunçada mesmo. Não ter a responsabilidade de ter que fazer comida todo dia, janta, ter que ter café na garrafa, ter que ter roupa lavada, sequinha, toalha dobradinha lá no guarda roupas, entendeu?! Agora eu faço de acordo com o que eu acho que está certo para mim e para as meninas, e elas acabam adaptando a esse jeito novo que eu acabei criando. Melhor agora, mesmo eu não dando conta de fazer tudo é melhor agora, porque eu faço a medida que eu posso, a hora que eu quero e a hora que eu acho que está bom (Entrevistada 12).

Pode-se observar nas falas o reestabelecimento de prioridades na administração do trabalho doméstico, uma vez que a saída do cônjuge da unidade familiar possibilitou à entrevistada a identificação de outras necessidades e desejos do novo arranjo familiar. Em contrapartida, 6 mulheres relataram que a carga do trabalho doméstico ficou mais pesada, conforme pode ser observado nas falas seguintes:

Agora ficou muito mais pesado, né Ana Paula, porque tenho que cuidar lá fora e aqui dentro da minha casa (Entrevistada 3).

As únicas coisas que ele não fazia era lavar e passar, mas cozinhar, arrumar casa, ele sempre me ajudou muito. A gente sempre dividiu as tarefas domésticas (Entrevistada 7).

Eu acho que a coisa que tá dificultando um pouco mais agora é que antes eu tinha uma pessoa pra fazer a faxina, agora eu mesmo me viro pra fazer. Com o término, tive que cortar um pouco de gasto mesmo (Entrevistada 15).

A sobrecarga no trabalho doméstico se deu pelo fato de anteriormente as tarefas serem divididas com o ex-cônjuge, ou, em virtude da contenção financeira, as entrevistadas terem que dispensar a faxineira ou empregada doméstica. De acordo com Benokraitis (2008), pessoas divorciadas relatam maiores dificuldades financeiras, precisando realizar ajustes no orçamento a fim de manter o padrão de vida familiar. Conforme mencionado, essa situação é pior para as mulheres, pois recebem, em média, renda inferior à masculina e ainda são as principais responsáveis pela guarda dos filhos, o que faz com que a renda *per capita* seja inferior à de famílias com ambos os cônjuges.

4.3.5. Domínio: Educação dos Filhos

No que tange ao domínio *educação dos filhos*, 6 entrevistadas relataram que o ex-marido se ausentou nesse domínio da vida após a dissolução conjugal, conforme explicitado na fala a seguir:

Ele acompanhava mais do que eu, em termos de levar para a escola, ir em algumas reuniões, buscar boletim, antes ele fazia mais essa parte e depois da separação ficou para mim, mas nem sempre eu faço. Eles marcam sempre no horário que eu estou trabalhando, aí eu não participo das reuniões, mas eu estou sempre por dentro pelo fato da professora das duas me passarem o que está acontecendo com elas. Isso aí é uma parte que eu fico com dó delas, porque ele gostava de fazer parte disso, era ele que queria entender, porque na época era ele que trabalhava e eu ficava mais tempo com elas, então eu acho que ele devia achar que era uma forma delas verem que ele estava presente, alguma coisa assim, porque ele era bem presente enquanto a gente estava juntos, ele fez o papel dele de pai direitinho (Entrevistada 12).

Esta fala salienta a mudança na administração desse domínio da vida em virtude da separação, visto que, após a ruptura conjugal, a entrevistada se inseriu no mercado de trabalho, o que reduziu o tempo disponível para as filhas e, além disso, deixou de contar com o apoio do ex-cônjuge em um domínio que era primordialmente administrado por ele. Importa ressaltar que, com a dissolução do

matrimônio, muitos homens deixam de exercer o papel de pai, afastando-se da prole, o que acarreta consequências negativas para as crianças, como problemas comportamentais, baixa autoestima, dificuldades acadêmicas, dentre outros (THORNBERRY et al., 1999; FURSTENBERG; KIERNAN, 2001; AMATO, 2002).

Segundo Dantas et al. (2004), os motivos que levam ao distanciamento entre pais e filhos é de grande importância para se entender o impacto da dissolução conjugal nos cuidados com a criança. Uma explicação é que, em função da inabilidade em manter relações com o ex-cônjuge, surge a impossibilidade de apoiar o filho. Além disso, o afastamento pode ser motivado pelo recasamento, no qual "... o pai biológico vai exercer o papel de pai social em outra família, reforçando a ideia de que os laços biológicos estão cedendo lugar aos laços sociais" (DANTAS et al., 2004, p. 353).

Outro fator marcante na fala de 5 entrevistadas foi que o papel de mãe na educação dos filhos melhorou após a separação/divórcio, conforme expressa a fala seguinte:

Ele sempre foi muito de brigar com os meninos, principalmente com o Lucas, brigava muito, chamava muito a atenção e tal, então ele era mais quieto sabe. Hoje, eu sou muito rígida, tanto com o Lucas como com a Joana, mesmo ela tendo 19 anos, aí se eu falar que não vai fazer um negócio, não vai, mas a gente conversa muito e antes não, antes chegava, brigava, xingava... (Entrevistada 13).

(...) eu acho que é até um pouco mais tranquilo, assim, nesse sentido em termos de educação em casa. Porque antes era assim, eu falava uma coisa ele falava outra, entendeu?! Ele acabava tirando um pouco a minha autoridade (Entrevistada 15).

Constatou-se, também, que apesar da perda da autoridade paterna na educação dos filhos com a saída do cônjuge da casa, a autoridade das mães sobre os seus filhos, principalmente no que tange à educação comportamental, se fortaleceu e ficou mais criteriosa. Porém, importa ressaltar que estudos indicam que a mãe não substitui o papel paterno, pois se os pais que não possuem a guarda dos filhos não levarem a sério seu papel de pai, meros contatos ou mesmo o passar algum tempo juntos podem não contribuir para o desenvolvimento da criança (AMATO; GILBRETH, 1999).

Para 3 entrevistadas, não ocorreu mudança na administração da educação dos filhos após a ruptura conjugal, uma vez que o ex-cônjuge sempre esteve ausente fisicamente, conforme ilustrado a seguir:

Eu tive uma sorte muito grande, porque eu crio os meninos sozinha desde que eles nasceram, porque meu marido sempre viajou. Então eu já estava acostumada, eu não tinha a responsabilidade sozinha, mas eu já estava fazendo tudo sozinha sabe?! (...) essa coisa de estudar foi sempre eu que fiz, de levar, de buscar, sempre foi eu. Nesse sentido está tranquilo, porque eu já estava acostumada a fazer... (Entrevistada 1).

Outras 3 depoentes relataram a mudança no comportamento dos filhos. Para 2, a mudança foi para melhor e, para 1, a filha ficou mais rebelde:

Antes, não sei, acho que por causa das brigas, eu achava minha menina muito revoltada. Ela era muito revoltada, muito triste, ela não vinha na sala, ficava muito dentro do quarto, o meu pequenininho também, não tinha aquela alegria sabe?! E o pai mal conversava, tudo era eu. Aí depois da separação, eu achei que melhorou a educação que eu passo para elas, igual, ela nunca deixou de fazer um cursinho, nunca deixou de prestar o vestibular, não é uma menina rueira, sabe?! (Entrevistada 2).

Para a criança, a separação dos pais é, na maioria das vezes, a primeira grande mudança de sua vida, podendo gerar distúrbios comportamentais e no desenvolvimento. Este fato está associado às alterações que a ruptura da dissolução matrimonial causa no futuro da unidade familiar, gerando um sentimento de perda devido às mudanças da rotina diária e à interrupção no contato que os filhos possuíam com ambos os pais (EYMANN et al., 2009). No entanto, como pode ser averiguado na fala anterior, a mudança nem sempre é maléfica ao comportamento da criança. Estudos indicam que a maior parte dos efeitos negativos do divórcio duram pouco tempo e dependem das dificuldades enfrentadas pré-divórcio, como problemas familiares, conflito e hostilidade, qualidade do relacionamento entre pais e filhos e dificuldades econômicas (BENOKRAITIS, 2008).

Além disso, duas depoentes citaram que sentiam falta da autoridade paterna na educação dos filhos, enquanto uma relatou que o ex-cônjuge estava mais presente na educação dos filhos após a separação/divórcio do que durante o casamento. Sobre a perda da autoridade do pai na família, tem-se o seguinte relato:

Eu acho que a voz do pai dentro de casa faz falta, faz muita falta. Igual no meu caso, eu falo muito e ele não, quando ele falava uma vez, era uma vez só. Então já obedecia, sabe? Assim, ele voltava muito atrás no que ele falava. E isto me atrapalhava, porque eu já tenho mais psicologia do que

ele, né?! Então, eu sabia que quando eu falava, eu não podia voltar. Às vezes, hoje ele falava uma coisa, brigava por uma coisa hoje, aí amanhã estava tudo normal para ele. Então, já não brigava mais pela mesma coisa, sabe? Então, às vezes eu achava difícil na educação deles, era só isso. Era que não tinha um critério, sabe? Para ele, hoje podia, amanhã não podia (Entrevistada 10).

É possível observar que, embora a entrevistada sentisse falta da autoridade do pai com os filhos, ela também pontua a ausência de critérios ao educá-los. Desse modo, a separação acabou propiciando a ela administrar a educação dos filhos da maneira que ela julga ser a mais apropriada.

4.3.6. Domínio: Cuidado com os Filhos

No que se refere ao *cuidado com os filhos*, 4 entrevistadas relataram ser melhor mãe hoje do que durante o casamento:

Eu acho que eu sou muito melhor mãe hoje, justamente porque ficou tudo pra mim, então vamos dizer, não tem com quem contar. Quando você tem com quem contar, você joga muito a responsabilidade para o outro. Eu acho que eu tenho mais paciência com ela, apesar de ser ainda muito brava, porque eu sou realmente muito rigorosa com ela, mas eu acho que eu tenho muito mais paciência, brinco mais, converso mais, eu tenho mais carinho com ela do que eu tinha antes, porque eu não tenho quem faça (Entrevistada 7).

Houve relatos também de que não houve mudança nessa categoria de análise, pois a responsabilidade nos cuidados com os filhos sempre foi das mulheres (4), conforme ilustram as falas a seguir:

Toda a vida foi eu mesma quem cuidou, desde pequenininha aqui no braço. Eu cuidei pra tudo. Na educação dela, pra levar ao médico, pra tudo foi eu. Por isso que eu até me separei dele, porque ele não me ajudava em nada, entendeu?! (Entrevistada 5).

Sempre fui eu, é como eu falo, eu sou pai e mãe delas, eu que faço tudo. Tem que comprar, é eu. Tem que pagar, é eu. Tem que sair, dar banho, é eu. Tem que dar o leite, é eu. Pra mim é fácil, já acostumei já (Entrevistada 16).

Para Pedreira (2008), é inquestionável o fato que as ações de cuidado são realizadas por mulheres e que esse ato constitui-se como algo inerente ao ‘jeito de ser feminino’. Segundo a autora, apesar de muitas vezes o papel do cuidado ser dividido com as redes sociais, principalmente da mãe, sogra, irmãs e cunhadas, a maioria das mulheres não reivindica o ato de cuidar por parte do homem.

Para outras 3 entrevistadas, o aumento da carga horária de trabalho remunerado após a separação/divórcio fez com que tivessem menos tempo para cuidar dos filhos:

Antes eu trabalhava meio período, hoje eu já trabalho período integral, justamente pra eu fazer o possível né. Tipo assim, antes eu tinha mais tempo pra ficar com ele, hoje eu não tenho mais tanto tempo (Entrevistada 5).

Nesse sentido, para uma entrevistada, as filhas tiveram que assumir responsabilidades no tocante aos seus cuidados pessoais e alimentação:

Mudou um pouquinho, porque eu não estou com elas o tempo todo, elas ainda são novas, crianças e ainda dependem muito de mim. Igual, elas tiveram que aprender a tomar café sozinhas, a se virar para arrumar o café para elas quando eu não estou. Em termos de banho, nem sempre dá para eu estar ali perto, vendo mesmo se está tomando banho direito, cuidando das unhas que as vezes passa mesmo. Quando eu era casada, eu ficava em casa, não trabalhava, então eu ficava o tempo todo com elas né, eu tinha mesmo mais contato com elas. Hoje em termos de cuidados eu exijo muito delas, eu peço, não que elas façam, mas eu cobro muito delas para elas poderem estar me ajudando nessa parte. Tiveram que amadurecer mais rápido né (Entrevistada 12).

Houve relatos também sobre a carência da figura masculina para a execução das tarefas de cuidado (2); sobre o ex-cônjuge não dar mais apoio nesse domínio da vida e a responsabilidade da mãe no cuidado ter aumentado (2); sobre a independência dos filhos em relação aos cuidados maternos em virtude do seu ciclo de vida (2); e sobre o fato de hoje em dia o ex-cônjuge ser mais presente nos cuidados com os filhos (1).

4.3.7. Domínio: Saúde

No que diz respeito ao domínio *saúde* após a dissolução conjugal, 5 entrevistadas afirmaram que a saúde pessoal e familiar melhorou, como demonstram as falas que seguem:

Não, eu era mais doente quando eu estava casada, agora melhorei. Eu tinha minha pressão alta demais, eu acho que eu carregava muita responsabilidade aqui em casa. Muito pelo contrário, ela não mudou, a responsabilidade aumentou, mas pelo menos eu não tenho que ficar esperando alguém fazer, né?! Eu tinha que fazer a minha e ainda por cima assumir a responsabilidade dele (Entrevistada 8).

Então, assim que eu separei, eu fui à minha ginecologista e falei com ela da minha TPM, porque minha TPM é brava mesmo. E falei com ela que eu estava separando e que eu estava com muito medo da minha TPM. Aí ela até me receitou, sabe, uns antidepressivos, muito de leve e tudo. Falei com ela que estava com medo de não dormir a noite, se eu podia tomar Rivotril, porque uma amiga minha toma. E ela falou que se eu pudesse ficar sem, seria melhor. Aí foi chegando e eu não precisei de nada. E o remédio que eu fazia uso para TPM antes, eu parei de usar. Eu tinha uma alergia também que assim, eu ficava com muita raiva no final do casamento, então eu tinha muito, eu coçava. Acabou também (Entrevistada 10).

Melhorou, melhorou demais, porque eu não sou tensa mais, não tem briga mais, tipo, eu agora frequento academia todos os dias, corro e tal. Foi uma melhora espetacular na minha saúde e melhorou, até isso melhorou. Apesar de que se eu passasse mal ele estava lá, mas acho que agora eu passo menos mal (risos) (Entrevistada 17).

Além disso, 4 disseram também que não ocorreu qualquer mudança nesse domínio da vida; 3 ficaram deprimidas e 3 perderam o plano de saúde. Esses resultados podem ser visualizados nas falas que seguem:

Eu sempre cuidei, levava ao médico, fazia tudo, ele não me ajudava. É mesmo por minha conta, cuido sozinha. Hoje é a mesma coisa, é eu que cuido, passo noites em claro, mas até que as meninas não são muito de adoecer não, mas quando tem, minha mãe também me ajuda (Entrevistada 16).

Ôh Ana Paula, meus meninos sempre tiveram uma saúde boa, graças a Deus. Antes eu não tomava remédio nenhum não, hoje eu dependo do Rivotril, eu não fico sem o Rivotril. Só isso me mudou muito. Hoje eu sou uma pessoa mais tensa, choro à toa, sabe?! (Entrevistada 3).

Antes era por conta dele, eu tinha um plano de saúde e as meninas todas tinham plano de saúde. Depois do divórcio, na época mesmo que nos separamos, ele foi lá e cortou meu plano de saúde, mas as meninas continuaram (Entrevistada 11).

Estudos indicam que as mulheres relatam sofrer mais depressão, enquanto os homens, maior abuso de álcool e fumo após a separação/divórcio. Tais reações refletem normas culturais sobre os papéis atribuídos ao gênero. Em outras palavras, na sociedade ocidental as mulheres tipicamente expressam o estresse passando por um processo de introspecção, enquanto os homens se envolvem em comportamentos de alto risco (MARTIN et al., 2005).

Uma minoria relatou o aumento da responsabilidade com a saúde dos filhos (2), que o plano de saúde passou a ser custeado pela mulher (1) e que o acesso a serviços de saúde foi facilitado em virtude de o trabalho remunerado ser na área (1).

Segundo Gutierrez e Minayo (2008), as práticas de cuidado se sobressaem principalmente nas ações sobre a saúde-doença, na qual são inseridas as redes de apoio social, em que diversos sujeitos cuidam ou apoiam o ato de cuidar.

4.3.8. Domínio: Lazer

No que se refere ao *lazer* das entrevistadas, 9 relataram que realizavam mais atividades de lazer do que quando eram casadas:

Eu acho que hoje, a gente sai mais, a gente curte mais, a gente sai domingo para fazer qualquer coisa na rua, para tomar sorvete, andar à toa, para passear na universidade, coisa que eu nunca fiz quando estava casada com ele. Eu acho que hoje a gente se diverte mais. A integração minha com ela é bem maior hoje do que era antes. Eu falo assim, que eu tenho o horário da noite para mim e os do dia para ela. Eu tenho que viver minha vida de solteira. Então, tem assim as noites de farra, de balada e como a minha mãe mora perto, (...) a minha mãe fica muito com ela para mim... (Entrevistada 7).

É, apesar que eu não tinha muito assim, porque ele não era aquele de sair, mas hoje é mais corrido, antes era mais tranquilo. Pra falar a verdade, eu acho que hoje eu faço mais, por menos tempo eu consigo fazer mais do que antes (Entrevistada 14).

As justificativas das entrevistadas para a melhoria nesse domínio da vida se pautaram principalmente no aumento da liberdade, na integração com os filhos e na companhia para as atividades de lazer após a dissolução matrimonial.

Desse modo, dessas entrevistadas, 5 relataram a liberdade que passaram a ter após a dissolução conjugal e a opressão que sentiam enquanto casadas:

Olha, minha vida de casada sempre foi muito tensa. Eu vivia assim, com ele, com muito medo. Hoje eu vi que não era amor que eu sentia por ele, era medo. Eu vou ser bem clara com você: ele era violento, ele me batia. Eu tinha muito medo dele. A gente saía, mas meu casamento era um casamento muito tenso. Eu tenho liberdade... (Entrevistada 3).

Eu não fazia nada, nem saía de casa, era só levar os meninos no médico ou às vezes ia à casa do meu pai, né?! Hoje não, hoje eu tenho um tempinho para ir à casa da minha mãe, (...) gosto de ir em show também. Ele trabalhava muito, eu não reclamava, nem ele me levava, vamos dizer assim, quando eu casei eu não tinha opinião própria, eu achava que tinha que respeitar o marido e que a mulher não tinha autoridade para falar. Então, eu não ligava. Aí depois que ficamos separados, eu me impus, eu falo o que eu penso, o que eu acho. Hoje eu melhorei, porque hoje tenho que tomar as decisões, na escola, em tudo, eu tenho que estar a frente de tudo (Entrevistada 6).

É melhor hoje em dia, né?! Porque hoje em dia eu faço academia, eu vou na hora que eu quiser, eu corro na universidade, eu gosto muito disso, se

eu quiser sair, eu posso sair, sei lá, se eu quiser um dia encher a cara, porque eu estou estressada, eu posso encher a cara, sabe?! E acho melhor, antes era um estresse total, porque ele sempre foi muito ciumento e, sei lá, se algum cara mexesse comigo, aí a culpa era minha ainda, porque no mínimo eu que tinha feito alguma coisa para o cara vir mexer comigo (Entrevistada 17).

Nos depoimentos anteriores, podem-se observar a violência sofrida, a submissão da mulher e, também, o excesso de ciúmes do ex-cônjuge como fatores que afetavam a liberdade e a disponibilidade da entrevistada para os momentos de lazer durante o casamento. Em contrapartida, para 6 entrevistadas, após a separação ou divórcio, as atividades de lazer reduziram-se ou deixaram de existir, como pode ser constatado nas falas a seguir:

A gente saía mais né, viajava mais, até porque tinha carro e era mais fácil, mas na medida do possível eu faço assim, eu levo pra andar de bicicleta, de skate, levo pra jogar bola, procuro estar com a minha família. A qualidade é a mesma, acho que o que mudou foi a frequência. A gente viajava mais vezes, a gente ia a mais lugares e hoje não faz isso né, por questão financeira, não tem carro, é mais difícil (Entrevistada 1).

Lazer, ultimamente pra mim não existe não. Chega final de semana, eu só quero ficar em casa, só quero dormir e mais nada. Antes não, dava tempo pra passear. Agora hoje em dia está corrido. Antes ainda dava pra passear, eu passeava bastante, mas agora também, pela questão dos meus horários, serviço, estudar, já me atrapalha um pouco (Entrevistada 5).

(...) na verdade eu não tenho mais lazer. Não tenho, porque não dá, né. O dinheiro da pensão dele não dá pra lazer. Fico por conta deles em casa, tempo eu tenho, é dinheiro mesmo (Entrevistada 8).

A ausência ou redução das atividades de lazer se devem, principalmente, à redução da renda e do tempo e pela necessidade de capacitação e aumento da jornada de trabalho, que se deu em virtude da separação ou divórcio. Nesse sentido, o lazer tem relação, influencia e é influenciado pelas outras esferas da vida (MARCELINO, 1996).

Além disso, para duas depoentes, esse domínio da vida não teve nenhum tipo de mudança, e uma relatou que, durante o matrimônio, não tinha atividade de lazer e que passou a ter com o término do casamento.

4.3.9. Domínio: Vida Espiritual

A espiritualidade pode ser definida como aquilo que traz sentido e propósito à vida dos indivíduos, contribuindo com a saúde e qualidade de vida de muitas pessoas

(PERES et al., 2007). Dessa maneira, o apoio nesse domínio contribuiu para a melhoria e qualidade dos outros domínios da vida. Desse modo, no que diz respeito à *vida espiritual*, 7 entrevistadas afirmaram que, após a dissolução da sociedade conjugal, aumentou a busca por Deus, a fé e a frequência à igreja por parte da entrevistada, conforme exemplificado nas falas seguintes:

Eu acho que hoje em dia tá mais forte, a procura né, porque é uma coisa que sustenta mesmo né, é impressionante. Isso estava bem fraquinho na minha vida antes e hoje eu busco isso mais. E ficou uma coisa gostosa, ficou uma coisa boa, é uma coisa que mudou e mudou pra melhor. Sempre que eu vou, eu levo os meus filhos (Entrevistada 1).

Eu era muito ateu, não era religiosa, nem à igreja eu ia. Hoje eu procuro, assim, ler a bíblia, gosto muito ir em qualquer igreja. Depois que fiquei separada eu aprendi a gostar de coisas que falam de Deus. É para Deus me ajudar mesmo, porque a separação é muito difícil, não tem noção. Só quem passa, que sabe. Então, eu mesma comecei a tentar ler, ficar no quarto horas, lendo, procuro aquelas palavras que me confortam, que eu preciso (Entrevistada 3).

Nesse sentido, apesar do aumento da fé, uma entrevistada relatou o seu desconforto ao frequentar a Igreja Católica do seu bairro pelo fato de estar separada:

Com a minha separação, eu voltei a participar da igreja, até porque eu precisava de apoio. Eu fiquei muito transtornada na época, porque não era uma coisa que eu contava pra minha vida. Contei que eu ia ficar casada para o resto da vida. Então, assim, eu fiquei muito transtornada. Ele era meu primeiro namorado, eu não tinha experiência de vida nenhuma, eu me vi sozinha, sem saber o que fazer e com uma filha de cinco anos. Só que a minha separação, eu acho que ela me restringe um pouco também a voltar a frequentar a igreja. Eu não comungo mais, então assim, eu não me sinto muito à vontade, por exemplo, de ir à missa aqui no meu bairro, porque eu acho que as pessoas me olham. As pessoas sabem que eu sou separada, então se eu não for à fila da comunhão, é uma coisa minha, eu acho que as pessoas ficam me olhando, então eu não gosto. Eu acho que eu frequento na mesma proporção que eu frequentava antes, porém eu acho que a minha fé é bem maior hoje (Entrevistada 7).

Além disso, algumas entrevistadas relataram que, no momento difícil que passaram com a separação ou divórcio, os familiares e amigos se aproximaram para dar apoio; outras relataram que passaram a buscar a Igreja quando o casamento estava chegando ao fim; e outras manifestaram a ausência de mudança nesse domínio da vida. Cada um dos três casos contou com 3 citações. Foi relatado, ainda, pela minoria (2), a redução da frequência à Igreja após o fim do casamento, seja pela falta de ânimo em participar de atividades da Igreja ou pela descrença da família em Deus.

4.3.10. Alterações na Família

Por fim, perguntou-se às entrevistadas sobre as principais mudanças na família após a separação ou divórcio e, em suma, o que emergiu das falas foi a tranquilidade familiar, como mostra a fala a seguir:

Mais é a tranquilidade, a paz. Porque ele era uma pessoa muito agitada, então a minha casa ficou mais tranquila, os meus filhos estão mais tranquilos. E, não é que agente deixou de gostar dele, nem eu e nem os meninos. A gente sente falta dele, mas ficou mais calmo. Assim, parece que a gente tem até mais tempo um para o outro, porque antes eu ficava muito em função dele. Eu era assim, por ele ter uma personalidade muito forte, ele acabava me tomando, sabe? Eu acabava fazendo as coisas do jeito dele, pra não ter confusão, e eu ficava sempre preocupada em fazer para agradar. Então, hoje, parece que eu tenho mais tempo para mim e para meus filhos. É como se eu tivesse me anulado antes. Então parece que eu estou até me encontrando agora... (Entrevistada 10).

Pelos depoimentos, constatou-se que a tranquilidade se deu em virtude da redução das tensões e conflitos no núcleo familiar e aumento da liberdade na vida pessoal da entrevistada. Outrossim, um depoimento que merece destaque discorre sobre a mudança na composição familiar, como exemplificado a seguir:

Na verdade a separação muda a palavra família. Família você conta pai, mãe e filho. Então, assim, quando você separa, você muda a sua estrutura de família, só conta o filho e a mãe. Eu costumo falar que pai é muito pai quando ele está em casa, depois que ele sai de casa, muda isso. A relação pai e filho muda muito, principalmente pelo fato de que ele sempre foi muito apegado, então assim, como ele era muito caseiro, ele sempre foi muito apegado a esse fator família. Ele estava sempre em casa, então sempre envolvido nisso. E, depois da separação, você tem aquele fator assim, estar distante, sabe? E a distância, de certa forma, é geral, porque é uma distância dele, mas é uma distância da família dele também. Então, a palavra família fica uma palavra, assim, é uma família, mas é uma família diferente. E eu acostumada com uma família, porque sempre tive meu pai, minha mãe, meus irmãos, então a partir do momento que mudou para mim, a palavra família muda muito. Eu acho que o sentido da palavra família depois da separação muda muito (Entrevistada 7).

Retomando Bray (1995), esses dados corroboram com o seu estudo, uma vez que ele comenta que um dos fatores que altera o funcionamento familiar é a composição da família, além dos processos familiares, da organização e da afetividade.

4.3.11. Administração dos domínios da vida: tecendo algumas considerações

De acordo com os resultados apontados, pode-se verificar que os domínios trabalho remunerado, renda familiar, trabalho doméstico, educação dos filhos e lazer foram os que tiveram maior destaque na análise, em virtude das alterações provocadas em função do rompimento conjugal.

No trabalho remunerado, constatou-se que a maioria das mulheres teve que ampliar a carga horária de trabalho em função da redução da renda familiar após a dissolução conjugal. As entrevistadas relataram que conseguiram administrar essa redução na renda, o que se pode inferir que existe uma relação direta com o trabalho remunerado, visto que a ampliação da carga horária de trabalho acarretava, na maioria das vezes, melhoria da remuneração. Há de se ressaltar, ainda, que um número significativo de entrevistadas relatou o aumento da renda familiar após a separação/divórcio, o que pode ter sido possibilitado também pelo trabalho remunerado e pelo fato de a administração financeira ter somente a mulher como responsável.

Considerando-se ainda o trabalho remunerado, percebeu-se que a separação/divórcio propiciou às mulheres crescimento e realização profissional e também independência, possibilitando-lhes, ainda, a administração da renda familiar, papel que outrora era desempenhado somente pelo ex-cônjuge em alguns casos. Cabe destacar que a ampliação da carga horária de trabalho acarretou a redução do tempo disponível para o cuidado com os filhos para uma minoria das entrevistadas.

No que tange ao trabalho doméstico, o que se destacou no depoimento da maioria das entrevistadas foi a redução do tempo a ele destinado, mesmo com o aumento das responsabilidades profissionais e familiares. Constatou-se a mudança na concepção da tarefa, que, durante o casamento, era tida como obrigatória.

Apesar de ser em menor parcela, alguns relatos evidenciaram o aumento da carga do trabalho doméstico em função da demissão da faxineira ou empregada doméstica, tendo assim relação direta com a redução da renda familiar ou, até mesmo, pelo fato de o ex-cônjuge não dividir mais essas tarefas com a entrevistada.

No que diz respeito à educação dos filhos, verificou-se a ausência do pai, mas *pari passu* possibilitou à mulher melhorar o seu papel na educação escolar e comportamental dos filhos, principalmente no que diz respeito ao estabelecimento de critérios.

No domínio lazer, foi expressivo o número de entrevistadas que relataram ter mais atividades de lazer tanto familiar quanto individualmente, devido a fatores, como a liberdade, companhia e integração familiar conquistadas após o fim do casamento.

5. CONCLUSÕES

Este estudo buscou compreender como se deu a administração dos diferentes domínios da vida pelo detentor da guarda do filho após a ruptura conjugal, bem como caracterizar as redes sociais de apoio a esses domínios.

A separação ou o divórcio foi um fator motivador para a construção ou consolidação da maioria das redes sociais. A maioria já existia durante o casamento e se consolidou após a dissolução da sociedade conjugal. O enfraquecimento das redes se deu, principalmente, quando a mulher possuía o apoio do ex-cônjuge, com destaque para o domínio renda familiar.

As redes foram constituídas, em sua maioria, por membros da família como o ex-cônjuge, filhos, pais, irmãos, avós, primos, tias, sogra, dentre outros, tendo uma expressiva representatividade da mãe e do ex-cônjuge. As redes formais possuem um papel relevante quando as redes informais não estão disponíveis e, ou, quando a renda familiar o permite, sendo a creche, a escola, a empregada doméstica e a babá importantes devido ao ciclo de vida familiar. As dificuldades enfrentadas ao vivenciar os cuidados com os filhos e assumir as responsabilidades familiares sozinhas fazem com que as redes passem a ter um papel importante para as mulheres e sejam consolidadas.

O apoio recebido pelas redes sociais foi caracterizado pelo cuidado e educação dos filhos, apoio na execução das tarefas domésticas, provisão de recursos, companhia e diálogo e conselhos.

Um fato interessante, além dos benefícios que as redes sociais trazem às mulheres, são os aspectos negativos, caracterizados principalmente pelo excesso na manifestação de cuidados ou quando as trocas envolvem conflitos internos, como por exemplo, quando o ato de receber envolve a obrigatoriedade de doar algo.

Na administração dos diferentes domínios da vida da nova família, destacam-se a reestruturação do tempo, o estabelecimento de novas demandas e prioridades e o amadurecimento do indivíduo, além do papel imprescindível das redes sociais em cada uma das esferas da vida.

Toda e qualquer mudança na estrutura da família acarreta um remanejamento de funções, modificação nos papéis desempenhados e adaptação ao novo cotidiano familiar, o que pode ser positivo ou negativo. As mulheres, ao vivenciarem o processo de separação e, ou, divórcio passam, naturalmente, por mudanças em suas vidas advindas do acúmulo de tarefas e responsabilidades outrora desempenhadas pelo cônjuge. Além disso, a redução da renda familiar ainda faz com que elas ampliem a carga horária de trabalho, o que contribui para aumentar a dificuldade em administrar suas diferentes demandas e exercer seus papéis.

Cabe destacar os aspectos positivos que ocorrem com essa nova configuração familiar, principalmente no que tange aos domínios trabalho remunerado, trabalho doméstico e lazer, podendo-se citar o crescimento profissional, a redução das tarefas domésticas e a ampliação das atividades de lazer pessoal e familiar. Os domínios renda familiar e educação dos filhos, embora possam sofrer consequências negativas, como a redução da renda e a ausência paterna, também são responsáveis por resultados positivos à vida da mulher, como a capacitação e o crescimento profissional em busca de melhoria financeira. Além desses, tem ainda o papel de administradora, às vezes o de principal provedora da renda familiar e, ainda, o estabelecimento de seus critérios para a educação dos filhos, que muitas vezes se confrontava com os do pai.

As mulheres passam a vivenciar um empoderamento do seu papel de mãe e mulher, trazendo maior aproximação entre elas e seus e filhos, além de maior independência – seja financeira ou pessoal. Infere-se, assim, que a continuidade de um casamento problemático e com relações desgastadas pode trazer consequências muito mais graves do que a reestruturação do núcleo familiar após a separação/divórcio.

A família nuclear tem cedido lugar a novos arranjos familiares e, com isso, a novos modos de se relacionar e de administrar a vida. O papel de provedor da família não é mais exclusivo do homem e, embora o papel de cuidadora, na maioria das vezes, ainda recaia somente sobre a mulher, ele tem sido dividido com os membros da rede de apoio social, o que confirma a sua importância principalmente para a mulher detentora da guarda do filho, que é a responsável por gerir a nova família.

6. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

Essa dissertação é resultante de um trabalho de campo gratificante, cheio de desafios e descobertas. Nas primeiras entrevistas, a pesquisadora perguntou-se por que estudar um assunto que mexia com o sentimento das pessoas e cuja lembrança, muitas vezes, causava choro e dor às entrevistadas. Até que, no final de uma entrevista, obteve a resposta, pois os depoimentos vinham acompanhados de sinceros agradecimentos pela oportunidade de conversar, já que somente depois da separação é que a pessoa começou a se abrir e pedir ajuda. Então, nas demais entrevistas, deparou com mulheres fortes, que conseguiram conhecer melhor a si próprias e estão vencendo o desafio de administrar a vida após a dissolução conjugal.

As limitações encontradas no desenvolvimento desta pesquisa envolveram a deficiência de informações sobre o tema redes sociais e a administração dos diferentes domínios da vida em um mesmo estudo para comparação. A maioria dos estudos encontrados tratava de cada assunto de maneira isolada.

Além disso, a subjetividade do tema e a interpretação dele pelos sujeitos pesquisados dificultam uma análise conjunta dos dados por parte da pesquisadora. Acredita-se, assim, que dados mais precisos envolveriam mais tempo de contato com os sujeitos, uma vez que, por se tratar de um tema tão íntimo à família e, muitas vezes, ainda doloroso, a confiança estabelecida entre pesquisador e sujeito pesquisado poderia ampliar os resultados encontrados.

Outro fator limitante foi o acesso aos sujeitos, uma vez que, no processo, constava somente o endereço dos sujeitos. Não foi encontrado no catálogo o número

telefônico da maioria e, então, foi necessário ir a localidades diferentes e distantes procurar por endereços que, muitas vezes, não foram encontrados; ou o indivíduo já havia se mudado ou não foi encontrado em sua residência. Alguns indivíduos também tinham se recasado ou voltado a viver com o ex-cônjuge. Mas as limitações da pesquisa não tiram o mérito dos resultados obtidos por meio das entrevistas em profundidade, das análises feitas e das contribuições deste estudo.

Cabe destacar que esta pesquisa pode criar subsídios para as políticas públicas de emprego e de bem-estar social e familiar, o que reforça a importância e necessidade deste estudo.

Para estudos futuros, sugere-se pesquisar as redes sociais e a administração dos domínios da vida com uma amostra mais ampla e a partir de diferentes critérios, como estrutura familiar (família nuclear, monoparental, ampliada, recasada, homoafetiva, etc.), ciclo de vida familiar (formação, maturação e dispersão), classe social, escolaridade, sexo e idade.

REFERÊNCIAS

ADDAMS, J. Age and relative importance of major life domains. **Journal of aging studies**, v. 19, n. 4, p. 503-512, 2005.

ALDOUS, J. **Family careers: rethinking the developmental perspective**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996.

ALMEIDA, L. S. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia**, UFF, v. 19, n. 2, p. 411-422, 2007.

AMATO, P. R.; GILBRETH, J. G. Nonresidente fathers and children's well-being: A meta-analysis. **Journal of Marriage and the Family**, v. 61, n.3, p. 557-573, 1999.

AMATO, P. R. The consequences of divorce for adults and children. In: MILARDO, R. M. **Understanding families into the new millennium: a decade in review**. Minneapolis: National Council on Family Relations, 2002. p. 488-506.

AMATO, P. R.; WANG, H. Predictors of Divorce Adjustment: Stressors, Resources, and Definitions. **Journal of marriage and the family**, v. 62, n. 3, p. 655-668, 2000.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BECKER, G. S. Investment in human capital: a theoretical analysis. **Journal of Political Economy**, v. 70, n. 5, p. 9-49, 1962.

BENOKRAITIS, N. V. **Marriages & families: changes, choices, and constraints**. 6. ed. Upper Saddle River, New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2008.

BOTT, E. **Família e rede social**: papéis, normas e relacionamentos em famílias urbanas comuns. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

BRAY, J. H. Family assessment: current issues in evaluating families. **Journal of family relations**, v. 44, n.4, p. 469-477, 1995.

BRODERICK, C. B. **Understanding family process**. Thousand Oaks: Sage, 1993.

BRUSCHINI, C.; RIDENTI, S. Família, casa e trabalho. **Cadernos de pesquisa**, n. 88, p. 30-36, 1994.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CARVALHO, I. M. M.; ALMEIDA, P. H. Família e proteção social. **São Paulo em perspectiva**, v. 17, n. 2, p. 109-122, 2003.

CASA CIVIL. **Lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm>. Acesso em: 1º mar. 2011.

_____. **Lei nº. 11.441, de 4 de janeiro de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11441.htm>. Acesso em: 1º mar. 2011.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

CEBOTAREV, E. A. La familia como problema de investigacion. **Mujer, familia y desarrollo**. Manizales: Coleccion Editorial Universidad, 1994. p. 13-21.

COOPER, C. L.; LEWIS, S. **E agora, trabalho ou família?**: pais e mães que trabalham fora aprendem como enfrentar as sobrecargas profissionais e familiares do dia-a-dia. São Paulo: Tamisa Editora, 2000.

CRUZ, T. A.; ALVARENGA, S. C.; SILVA, A. R. **Currículo de Viçosa**. Viçosa, MG: CENSUS, 2004.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paideia**, v. 14, n. 29, p. 347-357, 2004.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. The sage handbook of qualitative research. 3. ed. Califórnia: SAGE Publications, 2005.

DERMOTT, E. What's parenthood got to do with it?: men's hour of paid work. **The British Journal of Sociology**, v. 57, n. 4, p. 619-634, 2006.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Redes sociais de apoio durante transições familiares decorrente do nascimento dos filhos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2000.

DIAS, J.; NASCIMENTO, L. C.; MENDES, I. J. M.; ROCHA, S. M. M. Promoção de saúde das famílias de docentes de enfermagem: apoio, rede social e papéis na família. **Texto & contexto enfermagem**, v. 16, n. 4, p. 688-695, 2007.

DIGIOVANNI, R. C. **Rasuras nos álbuns de família**: um estudo sobre separações conjugais em processos jurídicos. 2003. 289 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

DOMBECK, M.; JOLYN WELLS-MORAN, J. **Psychological self-tools**. Disponível em: <http://www.centersite.net/poc/view_doc.php?type=doc&id=9693&cn=353>. Acesso em: 5 fev. 2011.

DRIBE, M.; STANFORS, M. Does parenthood strengthen a traditional household division of labor? Evidence from Sweden. **Journal of marriage and family**, v. 71, n. 1, p. 33-45, 2009.

EGGEBEEN, D.; KNOESTER, C. Does fatherhood matter for men? **Journal of marriage and family**, v. 63, n. 2, p. 381-393, 2001.

EYMAN, A.; BUSANICHE, J.; LLERA, J., DE CUNTO, C.; WAHREN, C. Impact of divorce on the quality of life in school-age children. **Jornal de Pediatria**, v. 85, n. 6, p. 547- 552, 2009.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, v. 8, 2003. Número especial.

FURSTENBERG, F. F.; KIERNAN, K. E. Delayed parental divorce: How much do children benefit? **Journal of Marriage and the Family**, v. 63, n. 2, p. 446-457, 2001.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, A. Z.; MOSCAROLA, J. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, v. 35, n. 3, p. 105-112, 2000.

GARCIA, L. S.; RODARTE, M. M. S.; COSTA, P. L. Emancipação feminina e novos arranjos familiares nas regiões metropolitanas brasileiras entre as décadas de 1990 e 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., Caxambu. **Anais...** Caxambu, MG: ABEP, 2004.

GAREIS, K. C.; BARNETT, R. C.; ERTEL, K. A.; BERKMAN, L. F. Work-family enrichment and conflict: additive effects, buffering, or balance? **Journal of marriage and family**, v. 71, n. 3, p. 696-707, 2009.

GASPARONI, M. M. **Família, redes sociais e empoderamento**: uma análise no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – Ubá/MG. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDANI, A. M. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 91, p. 7-22, 1994.
- _____. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.1, p. 29-48, 2002.
- GOLDSMITH, E. **Resource management for individuals and families**. Belmont, CA: Waldsworth/Thompson Learning, 2000.
- GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.
- GRUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. **What is family?** Mountain View, CA: Mayfield, 1990. 178 p.
- GUARNIERI, M. C. L. **Redes: novo paradigma**. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/rede/documentos/novo_paradigma.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2011.
- GUTIERREZ, D. M. D.; MINAYO, M. C. S. Família, redes sociais e saúde: O imbricamento necessário. In: SIMPÓSIO TEMÁTICO, – FEMINISMOS E MATERNIDADE: DIÁLOGOS (IM) PERTINENTES – Fazendo gênero 8: Corpo, violência e poder, 58., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2008
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HILL, J.; FONAGY, P.; SAFIER, E.; SARGENT, J. The ecology of attachment in the family. **Family process**, v. 42, n. 2, p. 205-221, 2003.
- HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, v. 2, n.17-18, p. 139-156, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades@** - Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 19 jan. 2011.
- _____. **Estatísticas do registro civil de 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2008/rc2008.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2011.
- _____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shtm>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicossociais2008/indic_sociais2008.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2011.

_____. **Síntese dos Indicadores Sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicossociais2009/indic_sociais2009.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2011.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia, ciência e profissão**, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010.

JESSOP, D. J. Family relationships as viewed by parents and adolescents: A specification. **Journal of Marriage and Family**, v. 41, n. 4, p. 95-107, 1981.

LADEIRA, K. F.; LORETO, M. D. S.; SILVA, N. M.; FOGAÇA, A. Estratégias de conciliação e os fatores associados à dupla jornada do trabalho feminino. **Oikos**, v. 14, n. 1, p. 33-45, 2003.

LYRA, J.; LEÃO, L. S.; LIMA, D. C.; TARGINO, P.; CRISÓSTOMO, A.; SANTOS, B. Homens e cuidado: uma outra família? In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2007.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2007.

LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 3, p. 493-502, 2007.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer:** uma introdução. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

MARQUES, E. **Redes sociais, segregação e pobreza**. São Paulo: Editora UNESP; Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MARTELETO, R. Análise de redes sociais – Aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MARTINHO, C. **Redes:** uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Brasília: WWF, 2003.

MARTIN, L. R.; FRIEDMAN, H. S.; CLARK, K. M.; TUCKER, J. S. Longevity following the experience of parental divorce. **Social Science & Medicine**, v. 61, n. 10, p. 2177-2189, 2005.

MEDINA, C. A. **Família e mudança**: o familismo numa sociedade arcaica em transformação. Petrópolis, Vozes; Rio de Janeiro: Ceris, 1974.

MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MEIRA, M. C. R.; CENTA, M. L. A evolução da família e suas implicações na educação dos filhos. **Família, saúde e desenvolvimento**, v. 5, n. 3, p. 223-230, 2003.

MESQUITA, R. B.; COLLARES, P. M.; LANDIM, L. P.; PEIXOTO, A. C. R. Apoio social na inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais: A perspectiva dos professores. **Ciências, Cuidado e Saúde**, v. 8, n. 1, p. 34-41, 2009.

MINUCHIN, S.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, P. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MONTALI, L. Relação família-trabalho: reestruturação produtiva e desemprego. **São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 2, p. 123-135, 2003.

NASCIMENTO, A. N. População e família brasileira: ontem e hoje. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu, MG: ABEP, 2006. p. 1-24.

NEGREIROS, T. C. G. M.; FERES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2004.

OLIVEIRA, E. P. O ensino superior e as trabalhadoras domésticas: discussões motivadas por um estudo de caso. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, v. 3, n. 4, 2009.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. 2009. 201 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista, Franca, SP, 2009.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, S. F. L. **Conflitos trabalho-família e o uso de práticas de suporte instrumental em empresas fabricantes de eletroeletrônicos de Caxias do Sul**. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2009.

OLIVEIRA, Z. L. C. Assim caminha a família brasileira: Indicações do quadro empírico. In: SIMPÓSIO DE ECONOMIA FAMILIAR: uma olhada sobre a família nos anos 90, 1994, Viçosa, MG. **Anais...** Viçosa, MG: UFV, 1994. p. 164-183.

PEDREIRA, C. S. Sobre mulheres e mães: uma aproximação à teoria do cuidado. In: SIMPÓSIO TEMÁTICO 58 – Feminismos e maternidade: diálogos (im) pertinentes.: Fazendo gênero – Corpo, violência e poder, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2008.

PERES, J. F. P.; SIMAO, M. J. P.; NASELLO, A. G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista Psiquiatria Clínica**, v. 34, p. 136-145, 2007. Supplement 1.

PERLIN, G.; DINIZ, G. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 15-29, 2005.

PICANÇO, F. S. Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e homem em relação ao trabalho e vida familiar. In: ARAUJO, C.; SCALON, C. (Orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

PORTUGAL, S. As coisas, os modos e os laços: o papel das redes informais na provisão de recursos. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, REFLEXIVIDADE E ACÇÃO, 5., 2004. **Anais...** Braga-Portugal, 2004. p. 139-145.

_____. As mãos que embalam o berço: um estudo sobre redes informais de apoio à maternidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 42, p. 155-178, 1995.

_____. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**. Coimbra: Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2007. n. 271.

_____. **Novas famílias, modos antigos**. As redes sociais na produção de bem estar. 2006. 756 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2006.

PUGLISI, M. L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

RABELO, I. F. A.; LORETO, M. D. S.; LUIZ, G. V. **Pensão alimentícia: uma visão sob a ótica da teoria do conflito**. 2008. Disponível em: <http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1_38.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2011.

RABELO, I. F. A. **Separação e divórcio: conflitos conjugais e qualidade de vida**. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n.3, p.497-503, 2004.

RODRIGUES, G. **Construção de redes – Um processo educativo em comunidades**. 2005. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/rede/documentos/const_redes_proc_educativo_comunidades.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2011.

RODRIGUES, M. S. P.; SOBRINHO, E. H. G.; SILVA, R. M. A família e sua importância na formação do cidadão. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 2, n. 2, p. 40-48, 2000.

ROMANELLI, G. Famílias de camadas médias: modernidade e mudança. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 18., 1998. **Anais...** [S.l.]: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1998. p. 75-82.

SANTOS, L. S. **Profissão: do lar a (des)valorização do trabalho doméstico como desdobramento da (In) visibilidade do feminino.** 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SARAIVA, F. C. **Serviços gerais e trabalho doméstico: a participação masculina.** 2000. 72 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2000.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas.** 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais, PUC/SP, 2007.

SERAPIONI, M. O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 243-253, 2005. Supplement.

SILVA, E. Guarda de filhos: aspectos psicológicos. In: BONATO, C.; MAIA, W. (Org.). **Guarda compartilhada: aspectos psicológicos e jurídicos.** Porto Alegre: Equilíbrio, 2005.

SOUSA, I. F. **Redes sociais e maternidade: diferentes vivências em uma instituição de ensino superior.** 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2010.

TEIXEIRA, K. M. D. Administrar ou conciliar diferentes papéis? Um estudo com professoras universitárias, Michigan, Estados Unidos. **Oikos**, Viçosa, MG, v. 15, n. 2, p. 57-88, 2004.

_____. **A administração de recursos na família: Quem? Como? Por quê? Para quê?** Viçosa, MG: Editora UFV, 2005.

_____. **As redes sociais e seu papel na administração dos diferentes domínios da vida: o caso dos detentores da guarda dos filhos.** [S.l.]: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq., 2010. (Projeto de pesquisa).

_____. Construindo “pontes” entre a perspectiva ecossistêmica e a teoria de troca social: um novo modelo teórico. **Oikos**, Viçosa, MG, v. 16, n. 1, p. 7-23, 2005.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, p. 262-268, 2007.

THORNBERRY, T. P.; SMITH, C. A.; RIVERA, C.; HUIZINGA, D.; STOUTHAMER-LOEBER, M. **Family disruption and delinquency**. Washington, DC: U. S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention, 1999.

TIRADENTES, L. Lugar, paisagem e turismo na Microrregião de Viçosa. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE – SINPEC. **Anais...** Londrina, PR, v. 1, p. 01-16, 2005.

VALLA, V. V. Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 15, n. 2, p. 7-14, 1999.

_____. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. **Interface** – Comunicação, saúde, educação, v. 4, n. 7, p. 37-56, 2000.

VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras na família contemporânea. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2007.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.

WILLIAMS, K.; BRYANT, A. D. Divorce and adult psychological well-being: clarifying the role of gender and child age. **Journal of marriage and family**, v. 68, n. 5, p. 1178-1196, 2006.

ZAMPIER, M. B. **Movimentos sociais, apropriação das tecnologias da informação e comunicação e a centralidade na rede da Coordenadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo**. 2007. 215 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Caracterização das redes sociais de apoio ao trabalho remunerado

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária			Rede Terciária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Mãe	Forte	Construção	Irmã	Forte	Construção			
Entrevistada 2	Filhas	Fraco	Enfraquecimento						
Entrevistada 3	Ninguém								
Entrevistada 4	Escola	Forte	Consolidação	Vizinha	Fraco	Enfraquecimento			
Entrevistada 5	Mãe	Forte	Consolidação	Irmãs	Forte	Consolidação			
Entrevistada 6	Não se aplica								
Entrevistada 7	Babá	Forte	Construção	Mãe	Forte	Consolidação			
Entrevistada 8	Vizinha	Forte	Construção						
Entrevistada 9	Sogra	Forte	Consolidação						
Entrevistada 10	Ninguém								
Entrevistada 11	Filhas	Forte	Consolidação						
Entrevistada 12	Irmã	Forte	Consolidação	Mãe	Forte	Consolidação	Madrinha	Fraca	Construção
Entrevistada 13	Empregada doméstica	Forte	Consolidação						
Entrevistada 14	Ninguém								
Entrevistada 15	Mãe	Forte	Consolidação						
Entrevistada 16	Creche/Escola	Forte	Consolidação	Tia	Forte	Construção			
Entrevistada 17	Não se aplica								
Entrevistada 18	Irmã	Forte	Consolidação	Vizinha	Médio	Construção			

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice 2 – Caracterização das redes sociais de apoio à renda familiar

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária			Rede Terciária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Ex-cônjuge	Forte	Enfraquecimento						
Entrevistada 2	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento	Amiga/madrinha	Fraco	Construção			
Entrevistada 3	Ex-cônjuge	Forte	Enfraquecimento	Madrinha	Forte	Construção			
Entrevistada 4	Ex-cônjuge	Forte	Enfraquecimento						
Entrevistada 5	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento	Mãe	Fraco	Construção			
Entrevistada 6	Ex-cônjuge	Forte	Enfraquecimento	Mãe	Fraco	Consolidação			
Entrevistada 7	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento						
Entrevistada 8	Ex-cônjuge	Forte	Consolidação						
Entrevistada 9	Pai	Forte	Consolidação						
Entrevistada 10	Ex-cônjuge	Forte	Enfraquecimento						
Entrevistada 11	Ninguém								
Entrevistada 12	Pai	Forte	Consolidação						
Entrevistada 13	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento						
Entrevistada 14	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento						
Entrevistada 15	Pai	Médio	Consolidação						
Entrevistada 16	Ex-cônjuge	Fraco	Construção	Pai	Forte	Construção			
Entrevistada 17	Pai	Forte	Enfraquecimento	Mãe	Fraco	Enfraquecimento			
Entrevistada 18	Irmã	Médio	Consolidação	Mãe	Médio	Construção	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice 3 – Caracterização das redes sociais de apoio à educação pessoal

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária			Rede Terciária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Não se aplica								
Entrevistada 2	Não se aplica								
Entrevistada 3	Não se aplica								
Entrevistada 4	Não se aplica								
Entrevistada 5	Mãe	Forte	Construção	Irmãs	Forte	Construção			
Entrevistada 6	Não se aplica								
Entrevistada 7	Não se aplica								
Entrevistada 8	Não se aplica								
Entrevistada 9	Não se aplica								
Entrevistada 10	Advogado	Fraco	Construção						
Entrevistada 11	Não se aplica								
Entrevistada 12	Ninguém								
Entrevistada 13	Ninguém								
Entrevistada 14	Ninguém								
Entrevistada 15	Pai e mãe	Forte	Consolidação	Professores	Forte	Consolidação			
Entrevistada 16	Não se aplica								
Entrevistada 17	Mãe	Forte	Consolidação	Irmão	Fraco	Construção	Madrinha	Fraco	Construção
Entrevistada 18	Ninguém								

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice 4 – Caracterização das redes sociais de apoio ao trabalho doméstico

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária			Rede Terciária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Empregada doméstica	Forte	Consolidação						
Entrevistada 2	Filhas	Fraco	Construção						
Entrevistada 3	Ninguém								
Entrevistada 4	Ninguém								
Entrevistada 5	Mãe	Fraco	Consolidação						
Entrevistada 6	Ninguém								
Entrevistada 7	Faxineira	Médio	Construção						
Entrevistada 8	Faxineira	Fraco	Construção						
Entrevistada 9	Filha	Média	Construção						
Entrevistada 10	Faxineira	Forte	Consolidação						
Entrevistada 11	Filhas	Forte	Consolidação						
Entrevistada 12	Irmã	Forte	Consolidação	Mãe	Médio	Construção	Empregada doméstica	Fraco	Construção
Entrevistada 13	Empregada doméstica	Forte	Consolidação	Filha	Médio	Construção			
Entrevistada 14	Filhos	Forte	Consolidação						
Entrevistada 15	Mãe	Forte	Consolidação						
Entrevistada 16	Ninguém								
Entrevistada 17	Faxineira	Fraco	Enfraquecimento						
Entrevistada 18	Ninguém								

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice 5 – Caracterização das redes sociais de apoio à educação dos filhos

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária			Rede Terciária			Rede Primária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Escola/Creche	Médio	Consolidação									
Entrevistada 2	Filha	Forte	Construção									
Entrevistada 3	Ex-cônjuge	Forte	Consolidação									
Entrevistada 4	Escola/Creche	Forte	Consolidação									
Entrevistada 5	Mãe	Forte	Construção	Escola/Creche	Forte	Construção						
Entrevistada 6	Ex-cônjuge	Médio	Construção	Padrasto	Fraco	Consolidação	Irmã	Fraco	Consolidação			
Entrevistada 7	Mãe	Forte	Consolidação	Pai	Forte	Consolidação	Babá	Forte	Construção	Irmãos	Forte	Consolidação
Entrevistada 8	Escola/Creche	Forte	Consolidação									
Entrevistada 9	Sogro	Forte	Consolidação	Irmãos	Forte	Consolidação						
Entrevistada 10	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento									
Entrevistada 11	Ex-cônjuge	Médio	Consolidação									
Entrevistada 12	Escola/Creche	Médio	Construção	Irmã	Médio	Construção						
Entrevistada 13	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento									
Entrevistada 14	Ex-cônjuge	Médio	Enfraquecimento	Escola/Creche	Médio	Construção						
Entrevistada 15	Pai	Forte	Consolidação									
Entrevistada 16	Escola/Creche	Forte	Consolidação									
Entrevistada 17	Mãe	Forte	Consolidação	Irmão	Fraco	Construção						
Entrevistada 18	Escola/Creche	Forte	Construção	Irmã	Forte	Consolidação						

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice 6 – Caracterização das redes sociais de apoio ao cuidado com os filhos

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária			Rede Terciária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Mãe	Forte	Consolidação						
Entrevistada 2	Filhas	Fraco	Enfraquecimento	Amiga	Forte	Consolidação			
Entrevistada 3	Ex-cônjuge	Forte	Consolidação						
Entrevistada 4	Ninguém								
Entrevistada 5	Mãe	Forte	Consolidação	Irmãs	Forte	Consolidação			
Entrevistada 6	Ex-cônjuge	Médio	Consolidação	Mãe	Fraco	Construção	Irmã	Fraco	Consolidação
Entrevistada 7	Babá	Forte	Construção	Mãe	Forte	Consolidação	Avó	Forte	Consolidação
Entrevistada 8	Vizinha	Forte	Construção						
Entrevistada 9	Sogra	Forte	Consolidação						
Entrevistada 10	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento	Irmãs	Médio	Consolidação			
Entrevistada 11	Ex-cônjuge	Médio	Enfraquecimento						
Entrevistada 12	Irmã	Forte	Consolidação	Mãe	Forte	Construção			
Entrevistada 13	Empregada doméstica	Forte	Consolidação	Avó	Forte	Consolidação			
Entrevistada 14	Ninguém								
Entrevistada 15	Pai e mãe	Forte	Consolidação	Avó	Fraco	Consolidação			
Entrevistada 16	Creche	Forte	Consolidação	Mãe	Forte	Consolidação			
Entrevistada 17	Mãe	Forte	Consolidação	Irmão	Fraco	Construção			
Entrevistada 18	Irmã	Forte	Consolidação						

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice 7 – Caracterização das redes sociais de apoio à saúde

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Primo	Forte	Consolidação	Irmã	Forte	Consolidação
Entrevistada 2	Médica	Forte	Consolidação			
Entrevistada 3	Médico	Forte	Construção	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento
Entrevistada 4	Ninguém					
Entrevistada 5	Mãe	Forte	Consolidação	Irmãs	Forte	Consolidação
Entrevistada 6	Ex-cônjuge	Forte	Consolidação	Mãe	Forte	Construção
Entrevistada 7	Babá	Médio	Construção	Mãe	Médio	Consolidação
Entrevistada 8	Ex-cônjuge	Forte	Consolidação	Vizinha	Forte	Construção
Entrevistada 9	Pai	Forte	Consolidação			
Entrevistada 10	Ex-cônjuge	Fraco	Enfraquecimento			
Entrevistada 11	Posto de saúde	Fraco	Construção			
Entrevistada 12	Médico	Fraco	Enfraquecimento			
Entrevistada 13	Ninguém					
Entrevistada 14	Irmã	Fraco	Enfraquecimento	Mãe	Fraco	Enfraquecimento
Entrevistada 15	Pai	Forte	Consolidação			
Entrevistada 16	Mãe	Forte	Consolidação	Tia	Forte	Consolidação
Entrevistada 17	Mãe	Forte	Consolidação			
Entrevistada 18	Ninguém					

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice 8 – Caracterização das redes sociais de apoio ao lazer

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária			Rede Terciária			Rede Quaternária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Pai e mãe	Forte	Consolidação	Irmã	Forte	Consolidação	Primos	Forte	Consolidação	Amigo	Forte	Consolidação
Entrevistada 2	Amiga	Forte	Construção	Filha	Forte	Construção	Inst. Recreativa	Fraco	Construção			
Entrevistada 3	Ex-cônjuge	Fraco	Consolidação									
Entrevistada 4	Igreja	Forte	Consolidação									
Entrevistada 5	Ninguém											
Entrevistada 6	Mãe	Forte	Construção									
Entrevistada 7	Mãe	Forte	Consolidação	Irmão	Forte	Construção	Amiga	Forte	Construção			
Entrevistada 8	Ninguém											
Entrevistada 9	Ninguém											
Entrevistada 10	Irmãs	Forte	Consolidação	Amigas	Forte	Construção						
Entrevistada 11	Ninguém											
Entrevistada 12	Irmã	Forte	Consolidação	Mãe	Forte	Construção	Namorado	Forte	Construção	Madrinha	Fraca	Consolidação
Entrevistada 13	Avó e empregada doméstica	Forte	Consolidação	Amigos	Forte	Construção						
Entrevistada 14	Vizinha	Forte	Construção	Sogra	Fraco	Consolidação						
Entrevistada 15	Tia	Forte	Construção	Amiga	Forte	Construção						
Entrevistada 16	Mãe	Forte	Consolidação									
Entrevistada 17	Mãe	Forte	Consolidação	Irmão	Médio	Construção						
Entrevistada 18	Ninguém											

Fonte: Dados da pesquisa.

Apêndice 9 – Caracterização das redes sociais de apoio à vida espiritual

Entrevistada	Rede Primária			Rede Secundária			Rede Terciária		
	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo	Nó	Laço	Tipo
Entrevistada 1	Igreja	Forte	Consolidação						
Entrevistada 2	Igreja	Forte	Consolidação						
Entrevistada 3	Amiga	Forte	Construção	Igreja	Forte	Construção	Igreja	Forte	Construção
Entrevistada 4	Ninguém								
Entrevistada 5	Mãe	Forte	Consolidação	Irmã	Forte	Consolidação	Amiga	Forte	Consolidação
Entrevistada 6	Deus	Forte	Construção						
Entrevistada 7	Ninguém								
Entrevistada 8	Igreja	Fraco	Construção						
Entrevistada 9	Sogro	Forte	Consolidação	Tia	Forte	Consolidação	Igreja	Forte	Consolidação
Entrevistada 10	Igreja	Forte	Consolidação	Irmãs	Forte	Consolidação	Amiga	Forte	Construção
Entrevistada 11	Igreja	Forte	Consolidação						
Entrevistada 12	Mãe	Forte	Consolidação						
Entrevistada 13	Ninguém								
Entrevistada 14	Deus	Forte	Consolidação						
Entrevistada 15	Amiga	Forte	Construção						
Entrevistada 16	Pai e mãe	Forte	Consolidação						
Entrevistada 17	Amiga	Forte	Construção	Psiquiatra	Forte	Construção	Pai e mãe	Forte	Consolidação
Entrevistada 18	Irmã	Forte	Consolidação						

Fonte: Dados da pesquisa

Apêndice 10 – Entrevista semiestruturada

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA**

Este estudo busca explorar o papel das redes sociais para a administração dos diferentes domínios da vida a partir do entendimento dos detentores da guarda dos filhos. A participação no estudo é voluntária e ao indivíduo confere o direito para recusar-se a responder alguma questão ou retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou justificativa. Cabe ressaltar que os dados são sigilosos e que o nome dos envolvidos não será divulgado.

Nome do entrevistado: _____ Código: _____ Data da entrevista: ____/____/____

Endereço: _____

Assistência por advogado: () Defensoria pública () Advogado particular

Tipo de separação ou divórcio: () Separação consensual () Separação litigiosa () Divórcio consensual () Divórcio litigioso

1) Composição familiar (Todos os que residem na casa):

Entrevistado e familiares residentes no mesmo domicílio	Parentesco 1 - Pai 2 - Mãe 3 - Filho (a) 4 - Irmão(a) 5 - Avô (a) 6 - Tio (a) 7 - Outro	Sexo (M/F)	Idade (Anos)	Cor 1-Branca 2-Negra 3- Amarela 4- Parda	Religião 1-Católica 2- Evangél. 3- Outra	Estado civil 1-solteiro 2-casado 3-união consensual 4-separado judicialmente 5-divorciado 6-viúvo	Escolaridade 1-Sem instrução 2- Fund. Inc. 3-Fund. Comp. 4-Médio Inc. 5-Médio Comp. 6-Superior Inc. 7-Superior Comp. 5 - Outro	Ocupação principal	Carteira assinada (Sim/não)	Trabalho (horas/dia)	Renda (R\$)	Contribui p/ o orçamento familiar? Com quanto?

2) Tem alguma outra fonte de renda?

- () Programa social: _____ Valor (R\$) _____
- () Pensão: _____ Valor (R\$) _____
- () Ajuda de parente: _____ Valor (R\$) _____
- () Ajuda de entidades: _____ Valor (R\$) _____
- () Outro: _____ Valor (R\$) _____

3) Aspectos de infraestrutura da Habitação e Bairro:

3.1) Moradia: () Própria () Alugada () Emprestada/Cedida () Outros _____

3.2) Quantos cômodos tem a moradia? _____

3.3) Tem energia elétrica? () Sim () Não

3.4) Tem água encanada? () Sim () Não

3.5) Qual o destino do esgoto? () Rede Pública () Rio/Córrego () Fossa
() Não sabe () Outro _____

3.6) No seu bairro você tem acesso a quais desses serviços/equipamentos: () Posto de Saúde () Hospital () Escola Fundamental () Escola Ensino Médio () Telefone Público () Agência de Correios () Creche () Área de Lazer (quadra poliesportiva, campo de futebol, praça de esporte, clube)
() Outro _____

4) Faça uma análise comparativa da sua vida, examinando como você administrava e administra os diferentes domínios da vida, abaixo relacionados, antes e após a separação/divórcio:

4.1) Trabalho remunerado (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): Qual é o seu grau de escolaridade? Antes da separação/divórcio, você desempenhava alguma atividade remunerada? Em caso positivo, como eram as relações de trabalho (entre colegas de trabalho, entre patrão e empregado)? Como você administrava o trabalho e o casamento? Como você administrava as demandas do trabalho com os cuidados com os filhos e a casa? O que você achava do trabalho remunerado? Hoje você desempenha alguma atividade remunerada? Em que mudou o trabalho remunerado com a separação/divórcio?

4.2) Lazer (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): O que fazia no tempo livre? Quem participava dos seus momentos de lazer? Quais atividades de lazer eram praticadas por você e sua família? Quais eram feitas somente por você e pelo cônjuge? E somente por você? O que você achava do lazer? Em que mudou o lazer com a separação/divórcio?

4.3) Educação:

4.3.1) Educação dos Filhos (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): Antes da separação/divórcio os seus filhos já estudavam? Em escola pública ou particular? Você acompanhava de perto a educação dos filhos na escola? Como? Já enfrentou alguma dificuldade para fazer esse acompanhamento? E o seu cônjuge? Em que mudou a educação dos filhos com a separação/divórcio? Os filhos enfrentam ou já enfrentaram alguma dificuldade na aprendizagem devido à separação/divórcio?

4.3.2) Educação Pessoal (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): Antes da separação/divórcio você estudava ou fazia algum curso? Houve mudanças após a separação/divórcio? Você freqüentou algum curso após a separação/divórcio? O que te motivou? Como você administra isso?

4.4) Saúde (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): Como era a saúde da sua e de sua família antes da separação/divórcio? Você tem plano de saúde? Fazia uso frequente de médicos e hospitais? E quando você ficava doente, a quem você recorria? O que mudou com a separação/divórcio?

4.5) Vida Familiar:

4.5.1) Cuidados com os filhos (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): Como você administrava o cuidado com os filhos? O seu cônjuge lhe dava apoio nesse cuidado? Se sim, o que ele fazia? Em que mudou o cuidado com os filhos com a separação/divórcio?

4.5.2) Trabalho doméstico (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): Quais atividades domésticas eram feitas somente por você? Quais atividades você conta com a ajuda de outra pessoa? Qual era a participação do ex-cônjuge nas tarefas domésticas? O que você achava do trabalho doméstico? Em que mudou o trabalho doméstico com a separação/divórcio?

4.6) Renda Familiar (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): Qual era a contribuição do ex-cônjuge no orçamento familiar? E você, contribuía no orçamento familiar? Em quê? Em que mudou sua situação financeira com a separação/divórcio?

4.7) Vida espiritual (antes e após a separação/divórcio)

(Desdobramentos): Você freqüentava a igreja? E hoje a frequência à igreja mudou? Em que mudou sua vida espiritual com a separação/divórcio?

5) Considerando rede de apoio social como pessoas e, ou, instituições que um indivíduo se relaciona e que podem oferecer apoio financeiro, material, psicológico, conselhos, entre outros benefícios, responda as seguintes questões:

Em face à separação/divórcio, identifique as pessoas e, ou instituições que te deram apoio ou a quem teve que recorrer para melhor administrar os diferentes domínios da vida (abaixo especificados). Enumere essas pessoas e, ou instituições em ordem de importância e classifique a intensidade do relacionamento.

5.1) TRABALHO REMUNERADO:

<input type="checkbox"/> Ex- cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Creche/Escola _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Babá _____	<input type="checkbox"/> Filho (a) _____
<input type="checkbox"/> Ninguém _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____	

5.1.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?

Sim Não

5.1.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.1.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.1.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.1.5) Qual é o custo monetário e, ou não monetário dessas redes?

5.1.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e, ou, instituição que te dava apoio no trabalho remunerado a quem hoje você não recorre mais?

Sim Não

5.1.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

<input type="checkbox"/> Cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Creche/Escola _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Babá _____	<input type="checkbox"/> Filho (a) _____
<input type="checkbox"/> Ninguém _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____	

5.1.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.1.9) Qual era o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.1.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

5.2) LAZER:

<input type="checkbox"/> Ex- cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Inst. Recreativa _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Babá _____	<input type="checkbox"/> Filho (a) _____
<input type="checkbox"/> Ninguém _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____	

5.2.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?

Sim Não

5.2.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.2.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.2.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.2.5) Qual é o custo monetário e, ou não monetário dessas redes?

5.2.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e, ou, instituição que te dava apoio no lazer a quem hoje você não recorre mais?
 Sim Não

5.2.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

<input type="checkbox"/> Cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Inst. Recreativa _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Babá _____	<input type="checkbox"/> Filho (a) _____
<input type="checkbox"/> Ninguém _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____	

5.2.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.2.9) Qual era o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.2.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

5.3) EDUCAÇÃO:

5.3.1) EDUCAÇÃO DOS FILHOS:

<input type="checkbox"/> Ex- cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Professor (a) _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Babá _____	<input type="checkbox"/> Filho (a) _____
<input type="checkbox"/> Ninguém _____	<input type="checkbox"/> Creche/Escola _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____

5.3.1.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?

Sim Não

5.3.1.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.3.1.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.3.1.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.3.1.5) Qual é o custo monetário e,/ou não monetário dessas redes?

5.3.1.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e, ou, instituição que te dava apoio na educação dos filhos a quem hoje você não recorre mais?

Sim Não

5.3.1.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

<input type="checkbox"/> Cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Professor (a) _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Babá _____	<input type="checkbox"/> Filho (a) _____
<input type="checkbox"/> Ninguém _____	<input type="checkbox"/> Creche/Escola _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____

5.3.1.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.3.1.9) Qual era o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.3.1.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

5.3.2) EDUCAÇÃO PESSOAL:

<input type="checkbox"/> Ex- cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Professor (a) _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Babá _____	<input type="checkbox"/> Filho (a) _____
<input type="checkbox"/> Ninguém _____	<input type="checkbox"/> Creche/Escola _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____

5.3.2.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?

Sim Não

5.3.2.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.3.2.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.3.2.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.3.2.5) Qual é o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.3.2.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e, ou, instituição que te dava apoio na educação pessoal a quem hoje você não recorre mais?

Sim Não

5.3.2.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

<input type="checkbox"/> Cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Professor (a) _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Babá _____	<input type="checkbox"/> Filho (a) _____
<input type="checkbox"/> Ninguém _____	<input type="checkbox"/> Creche/Escola _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____

5.3.2.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.3.2.9) Qual era o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.3.2.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

5.4) SAÚDE:

<input type="checkbox"/> Ex- cônjuge _____	<input type="checkbox"/> Pai/Mãe _____	<input type="checkbox"/> Vizinhos _____
<input type="checkbox"/> Amigo(a) _____	<input type="checkbox"/> Irmão (a) _____	<input type="checkbox"/> Ninguém _____
<input type="checkbox"/> Sogro (a) _____	<input type="checkbox"/> Médico da família _____	<input type="checkbox"/> Outros: _____

5.4.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?

Sim Não

5.4.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.4.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.4.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.4.5) Qual é o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.4.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e, ou, instituição que te dava apoio na saúde a quem hoje você não recorre mais?
 Sim Não

5.4.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

Ex- cônjuge _____ Pai/Mãe _____ Vizinhos _____
 Amigo(a) _____ Irmão (a) _____ Ninguém _____
 Sogro (a) _____ Médico da família _____ Outros: _____

5.4.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.4.9) Qual era o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.4.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

5.5) VIDA FAMILIAR:

5.5.1) CUIDADOS COM OS FILHOS:

Ex- cônjuge _____ Pai/Mãe _____ Vizinhos _____
 Amigo(a) _____ Creche/Escola _____ Filho (a) _____
 Sogro (a) _____ Irmão (a) _____ Ninguém _____
 Babá/Empregada _____ Outros: _____

5.5.1.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?
 Sim Não

5.5.1.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.5.1.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.5.1.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.5.1.5) Qual é o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.5.1.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e, ou instituição que te dava apoio na cuidado com os filhos a quem hoje você não recorre mais?

Sim Não

5.5.1.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

Cônjuge _____ Pai/Mãe _____ Vizinhos _____
 Amigo(a) _____ Creche/Escola _____ Filho (a) _____
 Sogro (a) _____ Irmão (a) _____ Ninguém _____
 Babá/Empregada _____ Outros: _____ _____

5.5.1.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.5.1.9) Qual era o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.5.1.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

5.5.2) TRABALHO DOMÉSTICO:

Ex- cônjuge _____ Pai/Mãe _____ Vizinhos _____
 Amigo(a) _____ Filho (a) _____ Irmão (a) _____
 Sogro (a) _____ Empregada _____ Ninguém _____
 Outros: _____ _____ Babá _____

5.5.2.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?

Sim Não

5.5.2.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.5.2.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.5.2.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.5.2.5) Qual é o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.5.2.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e, ou, instituição que te dava apoio no trabalho doméstico a quem hoje você não recorre mais?

Sim Não

5.5.2.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

Cônjuge _____ Pai/Mãe _____ Vizinhos _____
 Amigo(a) _____ Filho (a) _____ Irmão (a) _____
 Sogro (a) _____ Empregada _____ Ninguém _____
 Outros: _____ Babá _____

5.5.2.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.5.2.9) Qual era o custo monetário e, ou não monetário dessas redes?

5.5.2.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

5.6) RENDA FAMILIAR:

Ex- cônjuge _____ Pai/Mãe _____ Vizinhos _____
 Amigo(a) _____ Irmão (a) _____ Ninguém _____
 Sogro (a) _____ Programas sociais _____ Outros: _____

5.6.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?

Sim Não

5.6.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.6.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.6.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.6.5) Qual é o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.6.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e,ou instituição que te dava apoio na renda familiar a quem hoje você não recorre mais?
 Sim Não

5.6.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

Cônjuge _____ Pai/Mãe _____ Vizinhos _____
 Amigo(a) _____ Irmão (a) _____ Ninguém _____
 Sogro (a) _____ Programas sociais _____ Outros: _____

5.6.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.6.9) Qual era o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.6.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

5.7) VIDA ESPIRITUAL/APOIO EMOCIONAL:

Ex- cônjuge _____ Irmão (a) _____ Grupos da Igreja _____
 Pai/Mãe _____ Amigo (a) _____ Padre/Pastor _____
 Sogro (a) _____ Vizinhos _____ Psicólogo/Terapeuta _____
 Ninguém _____ Igreja _____ Outros: _____

5.7.1) As redes elencadas já existiam antes da separação/divórcio?

Sim Não

5.7.2) Em caso positivo, como elas eram antes da separação/divórcio? Após a separação/divórcio, elas se modificaram? Como?

5.7.3) Em caso negativo, como essas redes foram construídas?

5.7.4) Qual o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.7.5) Qual é o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.7.6) E antes da separação/divórcio, existia alguma outra pessoa e, ou, instituição que te dava apoio na vida espiritual a quem hoje você não recorre mais?
() Sim () Não

5.7.7) Em caso positivo, quem te dava apoio ou a quem recorria?

() Cônjuge _____ () Irmão (a) _____ () Grupos da Igreja _____
() Pai/Mãe _____ () Amigo (a) _____ () Padre/Pastor _____
() Sogro (a) _____ () Vizinhos _____ () Psicólogo/Terapeuta _____
() Ninguém _____ () Igreja _____ () Outros: _____

5.7.8) Qual era o papel desempenhado por essas pessoas/instituições nesse domínio da vida?

5.7.9) Qual era o custo monetário e, ou, não monetário dessas redes?

5.7.10) Por que você não conta mais com o apoio dessa (s) pessoa (s) e, ou, instituição (ões)?

6) De maneira geral, o que mudou em seu papel de mãe após a separação/divórcio? E em seu papel de mulher? E em seu papel de trabalhadora?

7) De maneira geral, quais foram as principais alterações em sua família após a separação/divórcio?